

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
AGROECOSSISTEMAS**

**RAZÕES DA ADOÇÃO DE ESTRATÉGIAS
AGROECOLÓGICAS POR FAMÍLIAS DO
ASSENTAMENTO ITAPUÍ, NOVA SANTA RITA / RS.**

FERNANDA DE QUEIROZ MIRANDA

Florianópolis, dezembro de 2010.

FERNANDA DE QUEIROZ MIRANDA

**Razões da adoção de estratégias
agroecológicas por famílias do
Assentamento Itapuí, Nova Santa Rita / RS.**

Dissertação apresentada
como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre
Profissional em
Agroecossistemas, Programa
de Pós-Graduação em
Agroecossistemas, Centro de
Ciências Agrárias,
Universidade Federal de
Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Jucinei José Comin – CCA/UFSC

Co-orientador: Prof. Dr. Fábio Kessler Dal Soglio –
PGDR/UFRGS

FLORIANÓPOLIS
2010

FICHA CATALOGRÁFICA

MIRANDA, Fernanda de Queiroz

Razões da adoção de estratégias agroecológicas por famílias do Assentamento Itapuí, Nova Santa Rita, RS / Fernanda de Queiroz Miranda. Florianópolis, 2010. 138 fls.

Dissertação (Mestrado Profissional) – Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós Graduação em Agroecossistemas, Universidade Federal de Santa Catarina.

1. Agricultura camponesa. 2. Agroecologia. 3. Trajetória de vida. 4. Razões Práticas e Simbólicas. 5. Assentamentos de Reforma Agrária.

TERMO DE APROVAÇÃO

FERNANDA DE QUEIROZ MIRANDA

Razões da adoção de estratégias agroecológicas por famílias do Assentamento Itapuí, Nova Santa Rita / RS.

Dissertação aprovada em 15/12/2010, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre Profissional no Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas, Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina, pela seguinte banca examinadora.

Prof. Dr. Jucinei José Comin
Orientador / CCA – UFSC

Prof. Dr. Fábio Kessler Dal Soglio
Co – orientador / PGDR/UFRGS

BANCA EXAMINADORA:

Dr. Ayrton Auzani Uberti
CCA / UFSC

Dr. Gustavo Brunetto
CCA / UFSC

Dr. Oscar José Rover
CCA / UFSC

Prof. Dr. Luís Carlos Pinheiro Machado Filho
Coordenador do PGA

Florianópolis, dezembro de 2010.

AGRADECIMENTOS

Agradeço...

... ao **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST**, pelas oportunidades e conhecimentos gerados.

Aos companheiros e companheiras que se desdoblaram para materializar o Mestrado Profissional: **Pardal, Dário, Val, Prof. Clarilton Ribas, e às meninas da CPP e do LECERA...**

Aos amigos e amigas que me ajudaram na pesquisa com dados, informações e debates teóricos: **Gladimir, Antônio Marcos (Bolacha), Cristina Araújo, Leandro Tchesco** (entre conversas e goles de vinho).

Em meio à dissertação, entre aulas e estudos, ganhei meu maior presente, minha filhota **Luiza**, seu sorriso é motivante e animador. Rica, meu companheiro, sempre animado e cheio de teorias me ajudou bastante!

Minha família querida (mãe, pai, irmãos, tios e meu amado Gustavo), agradeço pela compreensão que tiveram com a minha ausência, e agradeço também pelo eterno e divino aprendizado.

Ao querido e atencioso Prof. Fábio K. Dal Soglio, sempre à disposição me (co) orientou com muita dedicação e sabedoria. Trouxe elementos teóricos importantíssimos, e contribuiu muito.

Ao **Prof. Jucinei J. Comin**, igualmente, pela atenção e orientação.

Às famílias assentadas: **Cladir e Rosa, Adir, Olair e Gorete, Olímpio e Zilda**, que produzem alimentos maravilhosos, cheios de saúde e cuidado! Aprendi muito com as histórias de vida dessas famílias que fazem do lugar onde vivem um espaço de saúde e amor!

Índice

Lista de Siglas	viii
RESUMO	x
ABSTRACT	xi
Introdução	14
1. Atores e Objetivos da pesquisa	20
2. Estruturação da dissertação.....	20
O Método	22
1. A pesquisa qualitativa e a escolha das famílias	22
2. Os passos dados.....	23
Capítulo I	28
Distâncias e estreitamentos nas relações entre homem e natureza	28
1. A “moderna” agricultura: como fica o camponês?.....	28
2. A resistência brota com a agroecologia: o viés qualitativo.....	35
3. Os assentados: o viés quantitativo e a busca pelo qualitativo na recampesinização.....	38
4. Os camponeses e as razões simbólicas	41
5. A análise das ações a partir da Perspectiva Orientada ao Ator - POA.....	43
.....	46
Capítulo II	46
Conhecendo o lugar	46
1. Aspectos Regionais.....	46
1.1. Características Naturais.....	46
1.2. Características Socioeconômicas.....	47
2. O local de trabalho e das moradas: O Assentamento Itapuí.....	48
2.1. Histórico, População, Organização Social e Infraestrutura.....	48
2.2. Ambiente Natural	51
2.3. O grupo de produtores orgânicos.....	53
Capítulo III	57

<u>As histórias das famílias, as unidades de produção e as estratégias adotadas.....</u>	<u>57</u>
<u>1.Trajетórias de vida: as famílias e suas histórias.....</u>	<u>57</u>
1.1. Sempre agricultores.....	57
1.2. Uma grande família e pouca terra.....	64
1.3. A militância política e a permanência no campo.....	68
1.4. Trajetórias entre o campo e a cidade.....	73
<u>2.Caracterizando as unidades de produção e as estratégias adotadas.....</u>	<u>78</u>
2.1. A produção orgânica de hortaliças e o impulso pelas feiras.....	78
2.2. A escolha da estratégia adotada e a parceria com o vizinho.....	87
2.3. O planejamento do Agroecossistema familiar...95	
2.4. A produção de morango e cana-de-açúcar: uma estratégia agroecológica	102
<u>Capítulo IV.....</u>	<u>109</u>
<u>Diferenças, semelhanças e possíveis razões da adoção das estratégias produtivas</u>	<u>109</u>
1.A origem camponesa	110
2.O impulso para a agricultura agroecológica ou orgânica	112
3.A unidade de produção e a força de trabalho familiar	114
4.A renda e as oportunidades de mercado.....	116
5.Os sistemas de produção adotados pelas famílias..	117
<u>Considerações Finais.....</u>	<u>122</u>
<u>Anexos.....</u>	<u>133</u>

Lista de Siglas

APP – Área de Preservação Permanente
AGE - Associação Grupo Ecológico
CAPA – Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor de Capão do Leão
CEASA – Centrais de Abastecimento do Rio Grande do Sul
CEB – Comunidade Eclesiais de Base
CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento
COPTec – Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos Ltda.
CPT – Comissão Pastoral da Terra
DRH – Departamento de Recursos Hídricos
FEPAM – Fundação de Proteção Ambiental do Estado do Rio Grande do Sul
IDH-M – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IMO - Instituto do Mercado Orgânico
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IPAGRO – Instituto de Pesquisa Agropecuária
MST – Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra
ONG – Organização Não governamental
PT – Partido dos Trabalhadores
PRONAF – Programa Nacional da Agricultura Familiar
RS – Rio Grande do Sul
SCP – Secretaria de Coordenação e Planejamento do Rio Grande do Sul
SEMA – Secretaria Estadual de Meio Ambiente
SPCMA – Setor de Produção Cooperação e Meio Ambiente

RESUMO

As escolhas que as famílias fazem ao longo das suas histórias estão baseadas em relações e acontecimentos diversos, de natureza social, cultural, política e ambiental. Essas determinam as relações que as famílias estabelecem com as pessoas e com o ambiente onde vivem e estão permeadas de razões práticas e lógicas simbólicas. Esta pesquisa buscou analisar, a partir da caracterização da trajetória de vida de quatro famílias assentadas pela Reforma Agrária no Assentamento Itapuí, município de Nova Santa Rita, estado do Rio Grande do Sul, as motivações que orientam essas famílias em suas escolhas com relação à adoção de estilos de agricultura de base ecológica, ou de diferentes estratégias produtivas. Essas famílias são produtoras de hortaliças ecológicas há aproximadamente doze anos e têm histórias de vida diferentes, porém com pontos chave em comum. A pesquisa realizada teve um caráter qualitativo e foi fundamentada em três ferramentas metodológicas para coleta de dados primários: observação participante, entrevistas estruturadas e semi-estruturadas. Sendo a ferramenta central para coleta dos dados as entrevistas semi-estruturadas, onde se buscou captar uma série de dados objetivos e subjetivos de relações sociais, econômicas, culturais e ambientais junto às famílias pesquisadas. Buscou-se caracterizar a região e, principalmente, o assentamento onde vivem e trabalham as quatro famílias. Pode-se destacar a formação do grupo coletivo de produção do qual faziam parte as quatro famílias no início do assentamento, e a partir de onde começaram a estabelecer relações de vizinhança, e parcerias na produção e comercialização. A caracterização da história de cada família, e suas relações com o meio rural, foi feita desde a época que precedeu o acampamento até a descrição da unidade de produção das quatro famílias hoje. As relações sociais, culturais, econômicas, políticas e com o ambiente natural, estabelecidas ao longo das trajetórias acabaram por determinar a forma de relação com o ambiente e influenciam nas tomadas decisões com relação às estratégias produtivas adotadas na produção de hortaliças. Por diferentes motivos essas famílias buscaram sua reprodução social através da adoção da agroecologia. As

diferenças e semelhanças observadas nas trajetórias das famílias permitiram descrever, de forma qualitativa, a evolução dos manejos adotados na produção e analisar os principais razões de ordem prática e simbólica que interferem na adoção de determinado sistema de produção. A caracterização da trajetória de vida e dos diferentes manejos adotados por essas famílias, mostra uma realidade do meio rural vinculada a um processo organizado de Reforma Agrária e da busca da reprodução social através da agroecologia. Acredita-se, enfim, que essas famílias a partir das escolhas que fazem com relação às suas estratégias produtivas, sejam agentes sociais capazes de realizar projetos e desenvolver ações que promovam um processo local de desenvolvimento com base na agroecologia.

Palavras-chaves: Trajetórias de vida; Agroecologia; Razões práticas e razões simbólicas; Reforma Agrária.

ABSTRACT

The choices made by families over their history are based on relationships and several events related to social, cultural, political and environmental aspects. These determine the relationships that families establish with other people and the environment around them and are permeated by practical reasons and symbolic logics. This research sought to examine, from the characteristics of the life histories of four families settled in the Agrarian Reform Settlement Itapuí, of Nova Santa Rita City in the State of Rio Grande do Sul, the motivations that guided them in their choices regarding the adoption of styles ecologically-based agriculture, or on different production strategies. These families are producing green vegetables for about 12 years and have different life histories, but with some key point in common. The research had a qualitative procedures and was based on three methodological tools for primary data collection: participant observation, structured and semi-structured interviews. Semi-structured interviews were a central tool for data collection, by those sought to capture a range of objective and subjective data related to social, economic, cultural and environmental factors in the families surveyed. Sought to characterize the region and, especially, the settlement where these four families work and live. Can be highlighted the formation of the group's collective production which included the four families at the beginning of the settlement, and from where they began to establish neighborly relations and partnerships in the production and marketing. The characterization of the history of each family, their connection with rural areas, was made since the time before camping until their current production units. The social, cultural, economic, political and environmental views established during their trajectories determine their relationship with the environment and influence their decisions regarding production strategies adopted in the production of vegetables. For different reasons these families have sought their social reproduction through the adoption of agroecology. The differences and similarities observed in their trajectories permitted to describe, qualitatively, the evolution of management employed in the production and also to analyze the main reasons of practical and symbolic aspects that influence the adoption of a

production system. The characterization of the life trajectory and different managements employed by these families shows the reality of rural areas linked to an organized process of Land Reform and the pursuit of social reproduction through agroecology. It is believed, finally, that these families become, from the choices they make regarding their production strategies, social agents capable to undertake projects and develop activities that promote local development based on agroecology.

Key-words: Life Trajectory; Agroecology; Practical and symbolic reasons; Land Reform

Introdução

Os caminhos percorridos pela autora até a chegada neste trabalho foram os mais interessantes possíveis. Tudo começou na graduação em Agronomia cursada na Universidade Federal de Viçosa (UFV), município de Viçosa, interior de Minas Gerais, local caracterizado por pequenas propriedades rurais familiares. Ainda na Universidade, a participação nos grupos de agroecologia e no movimento estudantil, e as visitas e estágios em propriedades de pequenos agricultores familiares estimularam certa inquietação e contradição com o que estava sendo apreendido nas disciplinas da graduação sobre agricultura. Começaram, então, os questionamentos sobre a forma “atual” de fazer agricultura e as relações que estavam sendo estabelecidas entre o homem e o ambiente natural e as suas influências diretas e indiretas.

Saindo da universidade o trabalho com pequenos agricultores no litoral norte do estado de São Paulo (local de Mata Atlântica exuberante), onde a agricultura convencional ainda não havia se instalado, estimulou ainda mais a inquietação e firmou a certeza de que o trabalho na agricultura deve ser o mais próximo possível do trabalho que a natureza exerce para se manter. Em seguida, ocorreu o retorno para o estado de Minas Gerais, para trabalhar em assentamentos de reforma agrária, uma outra realidade, em uma região mais degradada social e ambientalmente, e o desafio foi bem maior.

A necessidade de maior especialização técnica em agroecologia¹ para realizar o trabalho de assistência técnica nos assentamentos levou o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) a criar o Curso de Especialização em Agroecossistemas, para formação de técnicos de todo o Brasil. Devido à sua atuação, a autora foi indicada a fazer o curso com a tarefa de sistematizar e divulgar experiências agroecológicas em assentamentos.

Por fim, atuando em assentamentos do Rio Grande do Sul (RS), surgiu a necessidade de sistematizar experiências em andamento nos assentamentos da região metropolitana de Porto Alegre (RS), o que colocou a autora em contato com o

¹ O conceito de Agroecologia será trabalhado em capítulos posteriores.

Assentamento Itapuí onde é realizada produção de hortaliças ecológicas. Desse contato surgiu a idéia da pesquisa e o trabalho de conclusão do curso de especialização, a história de vida de quatro famílias, que através de um processo de luta, conquistaram o esperado “pedaço de chão” para produzir alimentos e se reproduzirem socialmente através da agricultura ecológica. Esse trabalho gerou mais inquietações, e com a aprovação do Mestrado Profissional nessa Instituição de Ensino Superior tornou possível materializar nesta pesquisa a necessidade de aprofundamento no tema e a divulgação do trabalho dessas famílias.

A importância do trabalho realizado por essas famílias reside no fato de que a agricultura familiar no Brasil encontra uma série de dificuldades historicamente provocadas por um modelo de desenvolvimento baseado no acúmulo de capital. Por outro lado, a agricultura ecológica vem ganhando cada vez mais espaço entre essas famílias, seja pela busca de uma forma de transformação do agroecossistema e conseqüentemente aproximação com o ambiente natural onde vivem, ou pela busca de mercados mais atraentes economicamente, porém respeitando as questões sociais e ambientais aí incluídas.

No caso das famílias participantes deste estudo, a opção por uma agricultura de base ecológica faz com que elas se mantenham no campo e tornem esses territórios ocupados exemplos de afirmação da agricultura camponesa, mesmo às avessas de toda a estrutura colocada pela modernização da agricultura.

Assim, é preciso considerar que, ser camponês no mundo contemporâneo globalizado e controlado pelos interesses financeiros e comerciais dos grandes capitais internacionais é um desafio imenso, tanto do ponto de vista político-ideológico, como econômico (CARVALHO, 2006).

Isso porque, a prática da agricultura tem seguido um processo de “modernização” que, desde a colonização, levou à exclusão social e à degradação ambiental. No Brasil, para implantar essa “modernização” da agricultura e afirmar o perfil agroexportador da agricultura brasileira, o Estado, ainda na década de 60, investiu em políticas públicas que induziram ao crescimento da agricultura de grande porte, alicerçada nas monoculturas e aliadas às indústrias de motomecanização,

sementes, fertilizantes e agrotóxicos. Com o estímulo à expansão das fronteiras agrícolas e a intensificação da produção por homem e por área cultivada, a produção agrícola aumentou rapidamente, fortalecendo a concentração dos meios de produção, sobretudo da terra, e da renda no campo (GRAZIANO, 1981).

A produção das famílias camponesas era economicamente inviabilizada, à medida que o crédito rural era direcionado para a compra de insumos industrializados. Esse levou à ausência de direitos sociais e de infraestrutura produtiva, dificuldades de acesso aos mercados e concorrência desigual com os grandes produtores ou importações (GRAZIANO, 1981). Esse conjunto de fatores manteve uma grande massa de trabalhadores rurais em condições de vida precária e aumentou o empobrecimento do campo.

No caso do manejo dos recursos naturais, principalmente as técnicas de manejo de solo, os conceitos predominantes são: a reposição da fertilidade com uso de fertilizantes químicos sintéticos, a aeração por meio de intensa movimentação, além da eliminação total de ervas espontâneas e o uso indiscriminado de agrotóxicos. Isso se intensifica na produção de hortaliças, pois somado a essa pressão colocada pela industrialização, está o manejo tradicional europeu de produção de hortaliças, intensivo em adubação e aeração do solo (GOMES, 2004).

Após duas décadas do início desse processo, movimentos sociais do campo e setores da igreja, aproveitando o momento político favorável de mobilizações sociais contra a ditadura, começam a organizar trabalhadores rurais na perspectiva de buscar alternativas ao modelo de desenvolvimento rural colocado. Surge, nessa época, as primeiras ocupações e assentamentos, e o Movimento dos Trabalhadores rurais Sem Terra - MST se consolida como uma organização política com um importante papel na construção de um projeto de reforma agrária.

De maneira geral, a agricultura tradicional, que era realizada em pequenas áreas com uso de mão de obra familiar, produção diversificada para alimentação da família e para venda dos excedentes, foi substituída pela agricultura “moderna”. Essa lógica, enraizada em muitos filhos de camponeses, faz com que ao chegarem aos assentamentos, busquem reproduzir a

agricultura convencional, acreditando no retorno rápido da produção e dos recursos financeiros.

Mesmo inserido no contexto capitalista de agricultura e se relacionando com o mercado, o camponês, na maioria dos casos, tende a retomar a lógica da produção de buscar a reprodução social de sua família e reavivar práticas de relação com a natureza e de agricultura já abandonadas. Nesse contexto, aparecem outras formas de manejos de recursos naturais que procuram se pautar em dimensões ambientais, sociais, culturais, econômicas e éticas para a produção de alimentos.

Essas técnicas e sistemas de manejo ficam mais próximos do manejo desejado para a preservação dos recursos naturais, e estreitam, de certa forma, as relações entre o homem e a natureza. Como dito por Guzmán e Molina (2005), “a agroecologia aparece como uma resposta à crise da agricultura modernizada, assim como condição de reprodução social de famílias marginalizadas de um processo de desenvolvimento econômico”.

A retomada da agricultura camponesa, através de práticas agroecológicas de produção de alimentos e da lógica de manutenção social e cultural da família é uma forma de embate e de fortalecimento de territórios camponeses. Ploeg (2009, p 173), chama de recampesinização, a “expressão moderna para a luta por autonomia e sobrevivência em um contexto de privação e dependência”, ou ainda, o aumento no grau de “campesinidade” da agricultura.

A unidade de produção camponesa, e no caso dos assentados, pensada como território conquistado através de luta social, não é somente o lugar para a família viver e produzir, nela também estão implícitas questões como as relações de apropriação e de convívio com a natureza, as histórias de vida e as vivências políticas, as relações sociais comunitárias – de vizinhança e compadrio, as manifestações culturais, os saberes, além das relações com a cidade (com o urbano).

Partindo dessas considerações conceituais, o foco de análise deste estudo está orientado, por dois eixos centrais. Primeiro, quais as razões levaram as famílias às escolhas e tomada de decisão no sentido da agricultura ecológica. De outro, qual o sentido e significado que atribuem às suas decisões e

ações, as quais orientam sua lógica nas escolhas das estratégias produtivas.

Para análise dos dados utilizou-se a Perspectiva Orientada ao Ator-POA, desenvolvida por Norman Long, que parte da premissa que cada ator (indivíduo ou coletivo) pode buscar formas ou saídas de desenvolvimento, mesmo em uma conjuntura estrutural desfavorável, como é o caso da agricultura camponesa em contraponto à agricultura ou sistema capitalista. Assim, com a POA, busca-se entender os processos de mudança pelos quais as formas sociais surgem, são transformadas e retrabalhadas na vida cotidiana das pessoas, encontrando espaço para análise da multiplicidade de racionalidades, capacidades e práticas (DEPONTI, 2009).

Outro foco para a análise dos dados com relação à tomada de decisão está centrado em questões de origem simbólica ou subjetiva, abordada por antropólogos, que vão além do estudo das razões práticas ou da materialidade colocada para o camponês no seu dia-a-dia. Segundo Woortmann & Woortmann (1997, p. 9), para entendermos as escolhas das estratégias produtivas ou manejos adotados precisamos conhecer tanto o modelo cultural quanto o processo histórico nos quais os camponeses estão envolvidos.

As escolhas que as famílias fazem ao longo das suas histórias estão baseadas nas relações e em acontecimentos diversos, de natureza social, cultural, política e ambiental. Essas determinam as relações que as famílias estabelecem com as pessoas e com o ambiente onde vivem e estão permeadas de razões práticas e lógicas simbólicas.

Sahlins (1979) afirma que, além de razões objetivas e práticas tomadas com relação à estratégia produtiva a ser adotada pelo camponês, tem que se considerar as razões simbólicas e subjetivas, que vêm permeadas de determinações culturais. E não se trata de ignorar a razão prática, mas de perceber a coexistência de ambas as razões.

Acredita-se, enfim, que essas famílias a partir das escolhas que fazem com relação às suas estratégias produtivas, sejam agentes sociais capazes de realizar projetos e desenvolver ações que promovam um processo local de desenvolvimento com base na agroecologia.

1. Atores e Objetivos da pesquisa

Esta pesquisa aconteceu com quatro famílias que estão assentadas há 22 anos no Assentamento Itapuí, município de Nova Santa Rita, estado do Rio Grande do Sul. Essas famílias são produtoras de hortaliças ecológicas há aproximadamente 12 anos e têm histórias de vida (obviamente) diferentes, porém com pontos chave em comum.

Em contato com essas famílias pode-se perceber que elas têm formas diferentes de se relacionar com o ambiente natural onde vivem e trabalham. Isso, como hipótese, pode ser devido a razões diversas, entre elas, relações estabelecidas entre as famílias e pessoas, lugares e situações que viveram.

Com isto, o objetivo geral do trabalho foi o de analisar as motivações que orientam as escolhas das famílias com relação à adoção de estilos de agricultura de base ecológica, ou de diferentes estratégias produtivas e manejos adotados na produção de hortaliças. Os objetivos específicos foram:

- Levantar o percurso histórico de cada família;
- Identificar as diferentes relações sociotécnicas e suas influências na história de vida dessas famílias;
- Identificar e descrever as estratégias produtivas ou os sistemas de manejo adotados pelas famílias, diferenciando os sistemas de produção;
- Entender como as famílias se relacionam com os recursos naturais e humanos e o que isso significa para elas.

2. Estruturação da dissertação

A primeira parte desta dissertação, além desta introdução (e objetivos), contém a metodologia adotada na pesquisa qualitativa, os passos e a descrição das ferramentas utilizadas para coleta e análise dos dados.

O primeiro capítulo apresenta o referencial teórico adotado para dar base à discussão dos dados, este está calcado sobre dois marcos. Primeiro iremos conceituar o campesinato e sua racionalidade, a fim de dar base aos estudos dos comportamentos das famílias enquanto classe social, em seguida a discussão sobre a agricultura moderna, seus efeitos e

causas na agricultura camponesa, também, com base Ploeg (2009) e seu conceito sobre recampesinização, será discutido como os assentamentos de reforma agrária e a agroecologia contribuem para essa trajetória de desenvolvimento. Num segundo momento será apresentada a Perspectiva Orientada ao Ator – POA, de Norman Long e Ploeg, como instrumento teórico para análise das ações das famílias; também um referencial teórico sobre o campesinato e as razões simbólicas.

O segundo capítulo, intitulado: “Conhecendo o lugar”, apresenta uma descrição da área de estudo, contendo um relato da região onde está inserido o assentamento, em seguida uma descrição do assentamento e do grupo de horticultores.

O terceiro capítulo, intitulado: “As trajetórias de vida, as unidades de produção camponesa e as estratégias adotadas”, traz a descrição das trajetórias de vida das famílias e descreve as unidades de produção e as estratégias produtivas adotadas ao longo dos anos. O capítulo quatro, traz uma discussão acerca das possíveis razões práticas e simbólicas da adoção de estratégias e manejos produtivos e algumas diferenças e semelhanças nas trajetórias de vida das famílias. Por fim as considerações finais, além de anexos e bibliografia.

O Método

A pesquisa realizada teve um caráter qualitativo e foi fundamentada em três ferramentas metodológicas para coleta de dados primários: observação participante, entrevistas estruturadas e semi-estruturadas. As entrevistas semi-estruturadas foram a ferramenta central para coleta dos dados.

Optou-se por utilizar o referencial metodológico da pesquisa qualitativa, utilizada, sobretudo nas ciências sociais, através dos trabalhos de Becker (1994), Goldenberg (1997) e Minayo (1996, 2000a, 2000b). A coleta de dados secundários sobre a área de estudo foi realizada através de pesquisas bibliográficas em documentos da assistência técnica local e em dados oficiais colhidos pelo INCRA, IBGE e Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

1. A pesquisa qualitativa e a escolha das famílias

Neste estudo se buscou um contato direto da pesquisadora com as famílias, a fim de apreender as contradições e a dinâmica do cotidiano destas. Optou-se pela pesquisa de natureza qualitativa como sendo o método central para desvelar dados mais subjetivos ou simbólicos das trajetórias das famílias e suas relações com ambiente natural onde moram e trabalham. Não foram descartados dados quantitativos de produção e manejo, embora estes não sejam elementos centrais neste estudo.

De acordo com GOLDENBERG (1997, p. 49), “enquanto os métodos quantitativos supõem uma população de objetos comparáveis, os métodos qualitativos enfatizam as particularidades de um fenômeno em termos de seu significado para o grupo pesquisado”. Já Minayo (2000b, p. 22), aponta que “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Dessa forma, desvelar as percepções e representações com a finalidade de obter informações mais subjetivas ou

simbólicas das práticas das famílias em suas unidades de produção, é possível através do uso de ferramentas da pesquisa qualitativa. Porém, juntamente com dados qualitativos, torna-se necessário alguns dados quantitativos referentes à produção, assim poderemos obter informações mais práticas para serem analisadas em conjunto com dados qualitativos.

“O conjunto de dados quantitativos e qualitativos, não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia” (MINAYO, 2000b, p. 22). Assim, a pesquisa qualitativa e suas ferramentas de coletas de dados, como a observação participante e as entrevistas (e suas modalidades), permitiram alcançar dados de campo para serem analisados à luz da teoria estudada, e por fim alcançar os objetivos propostos.

Com relação à escolha das famílias, em conversas com técnicos da equipe de assistência técnica e dirigentes do setor de produção MST, foi apontada a necessidade de sistematização das experiências dos horticultores ecológicos, mais especificamente das famílias que comercializam seus produtos nas feiras ecológicas de Porto Alegre. A definição das famílias do assentamento Itapuí aconteceu com a definição do estudo sobre as razões da adoção de determinados manejos em horticultura, tendo como pressuposto que essas famílias adotam diferentes estratégias, mesmo em condições estruturais semelhantes. A assistência técnica local sugeriu, então, cerca de 7 (sete) famílias, dessas acabamos por entrevistar 4 (quatro), por motivos que serão descritos a seguir.

2. Os passos dados

Na coleta de dados o trabalho de campo assumiu um papel importante, já que “é durante o trabalho de campo que se estabelecem relações de intersubjetividade, das quais resulta um confronto entre a realidade concreta com os pressupostos teóricos” (MINAYO, 1996).

Para a obtenção dos dados durante o trabalho de campo, utilizou-se o método da entrevista, na sua forma estruturada através da aplicação de questionários e na sua forma semi-estruturada, a qual combina perguntas fechadas (ou

estruturadas) e abertas, onde o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador (MINAYO, 2000a, p.108).

De acordo com esta autora, através da entrevista é possível adquirir dados de natureza objetiva (que poderiam ser adquiridos através de fontes como censos, estatísticas, registros civis, etc.) e dados subjetivos - aqueles que se referem diretamente ao indivíduo entrevistado, tais como atitudes, valores e opiniões, e que só podem ser conseguidos com a contribuição dos atores sociais envolvidos.

Dentro do procedimento metodológico das entrevistas foram adotadas as modalidades história de vida e a discussão em grupo (MINAYO, 1996). A história de vida teve como principal função retratar as experiências vivenciadas, bem como algumas definições e conceitos que as famílias têm com relação aos temas abordados. Já a discussão em grupo, pretendeu captar questões da história do grupo, das relações de vizinhança e parceria e complementar as entrevistas individuais.

A observação foi ponto chave na pesquisa, assim como o registro fotográfico que pode 'guardar' o que a memória visual perde com o tempo. Foi realizada em todas as visitas às unidades de produção e durante as conversas com as famílias. A observação traz muitas informações simbólicas ou subjetivas que não são expostas durante as entrevistas gravadas, já que o próprio ato de gravar uma conversa deixa as pessoas um pouco intimidadas, sendo esse um fator limitante da pesquisa (MARQUES, 2009).

Para Becker (1994), o pesquisador coleta dados participando do grupo ou organização, observando pessoas e seus comportamentos em situações de sua vida cotidiana. Neste caso buscou-se observar questões de manejo da produção e de relações na família que por vezes não são faladas durante as entrevistas. Ainda segundo o autor, "a observação participante tem algumas vantagens na pesquisa qualitativa, uma delas é a possibilidade de contato pessoal do pesquisador com a realidade investigada, permitindo acompanhar as experiências diárias dos sujeitos e apreender os significados que atribuem à realidade e às suas ações".

As entrevistas foram gravadas e realizadas em quatro etapas. Num primeiro momento, com a participação do técnico² que atua no assentamento, realizou-se contato com um dos representantes do grupo e apresentou-se a idéia da pesquisa. Na ocasião solicitou-se a esse representante que convidasse algumas famílias para uma reunião, de apresentação dos objetivos da pesquisa e a realização de entrevista com o grupo de participantes.

Nessa reunião, na qual compareceram quatro famílias, realizou-se a entrevista com o grupo utilizando-se um roteiro, onde se buscou compreender o histórico e o momento atual do grupo e, também, algumas concepções com relação aos aspectos de vivência no assentamento, das relações sociais, econômicas e ambientais (ANEXO I).

A segunda parte da pesquisa foi realizada em cada unidade de produção e constou do estudo da trajetória de vida de cada família. Utilizou-se um roteiro de entrevista semi-estruturada, que buscou captar os aspectos da trajetória de vida, alguns conceitos, as relações com o ambiente, os aspectos sociais da família, os aspectos econômicos, informações da produção e do manejo, entre outros (ANEXO II). Nessa ocasião realizou-se uma caminhada com o objetivo de conhecer toda a unidade de produção, quando se efetuaram observações com relação ao manejo adotado naquele momento e se fizeram diversos questionamentos sobre o tipo de manejo adotado e as razões da adoção de cada técnica.

O terceiro momento constou das entrevistas com os técnicos³. Um dos técnicos atuou no assentamento na época em que começaram os primeiros trabalhos com agricultura de base ecológica e o outro atua no assentamento há aproximadamente quatro anos. Buscou-se nessas entrevistas obter dados históricos e atuais com relação ao trabalho do grupo e ao manejo adotado a partir da visão da assistência técnica (ANEXO III).

Também foi realizado o acompanhamento do processo de comercialização, desde o carregamento do caminhão na

² O técnico Antônio Marcos Vignolo, atua há mais de quatro anos na equipe de assistência técnica da COPTEC no município de Nova Santa Rita, é biólogo e especialista em agroecologia.

³ O técnico Gladimir que atuou por alguns anos na equipe de assistência técnica da COPTEC no início da experiência, é Engenheiro Agrônomo. Teve intensa contribuição quando as famílias estavam iniciando a produção orgânica.

unidade de produção até o destino final, a feira. Assim foi possível observar a rotina na atividade de comercialização e a relação dos assentados com o consumidor e outros feirantes.

O quarto momento constou de um retorno ao assentamento para atualizar os dados de história de vida e manejo já que havia se passado algum tempo entre a primeira entrevista e algumas mudanças no manejo haviam acontecido (Anexo IV).

As entrevistas gravadas foram transcritas e tabuladas em duas tabelas diferentes. Na primeira foram descritas as trajetórias de vida de cada família, organizadas em períodos, e em outra, foram tabulados os tipos de manejo adotados com as respectivas diferenças e semelhanças, também agrupados nos mesmos períodos.

As informações relevantes para a pesquisa foram agrupadas em textos de acordo com a fundamentação teórica e a análise dos dados dos conteúdos manifestados, além do sentido de seus significados. Segundo Minayo (1996, p.28): “assim, promoveremos relações entre o concreto e o abstrato, o geral e o particular, a teoria e a prática”.

Neste estudo se buscou privilegiar a visão dos principais atores sociais envolvidos no processo, ou seja, o discurso das famílias é que será privilegiado na análise do estudo. Tendo isso como pressuposto, a preocupação maior do trabalho não é com a precisão histórica dos fatos, nem mesmo com a validade “técnica” ou “científica” das afirmações e práticas agrícolas utilizadas pelas famílias. O interesse, portanto, é muito mais no sentido de sua significação enquanto representações que direcionam as tomadas de decisões das famílias. Por isso, se justifica a opção de utilizar de forma intensa os depoimentos das famílias no decorrer da análise. São eles que contam e resgatam, através de suas trajetórias de vida, de suas representações, as razões das opções tomadas com relação às bases produtivas adotadas em suas unidades de produção. Com isso não se nega a importância da observação para a coleta de informações mais subjetivas para completar a análise e as possíveis conclusões.

Em relação aos problemas da pesquisa qualitativa, Goldenberg (1997) aponta que frequentemente o pesquisador não descreve os processos através dos quais chegou às

conclusões. De acordo com Goldenberg (1997, p. 48), se faz necessário explicitar “os resultados negativos dos estudos, de mostrar as dificuldades e os (des) caminhos percorridos pelo pesquisador até chegar os resultados de sua pesquisa”. Estes procedimentos contribuem para a realização de outros estudos na área e ajudam a evitar o *bias* (entendido como viés, parcialidade, preconceito) do pesquisador.

Uma limitação encontrada na realização da pesquisa de campo foi a dificuldade em ficar mais tempo vivenciado o dia-a-dia da família, isso decorrente do acúmulo de atividades das famílias na produção e comercialização de hortaliças, que faz com que elas disponham de pouco tempo para “visitas”. Isso implica em um tempo curto para observação de questões importantes do dia-a-dia, já que é através da observação dos acontecimentos na rotina diária que muitas informações mais subjetivas poderiam ter sido captadas. Outra limitação encontrada foi o tempo transcorrido entre as primeiras e as últimas visitas, que somou quase dois anos. Isso decorre do fato do trabalho ter iniciado como um trabalho de conclusão do curso de especialização em Agroecologia, que posteriormente, através de aprofundamento teórico e metodológico resultou nessa dissertação.

Capítulo I

Distâncias e estreitamentos nas relações entre homem e natureza

1. A “moderna” agricultura: como fica o camponês?

As relações entre os humanos e o ambiente foram mudando num processo crescente de dominação e exploração. Essa relação levou a espécie humana a colocar-se como algo externo à natureza, fazendo dela objeto de seu uso e conquista e, provocando assim, alterações profundas no ambiente e, conseqüentemente, a destruição dos recursos naturais, além de prejuízos sociais e culturais. Isso porque a forma de produzir passou a ser guiada por um pensamento alicerçado no progresso tecnológico, que no campo se manifestou com o dito processo de modernização da agricultura, aliando a agricultura à indústria (VERAS, 2005).

Antes da década de 50, a expansão da agricultura brasileira deu-se principalmente a partir do aumento das fronteiras agrícolas, fortalecendo o caráter de agricultura extensiva. A partir da década de 60, impulsionado pela Segunda Guerra Mundial, o processo de modernização tecnológica da agricultura começa a se configurar também no Brasil.

“As duas grandes guerras mundiais impulsionaram uma série de avanços tecnológicos que foram adaptados para a produção de substâncias tóxicas às pragas e doenças. Muitos compostos produzidos como armas químicas foram transformados em inseticidas, utilizados nas campanhas de saúde pública, ou em agrotóxicos, para combater os “inimigos das lavouras”. Terminada a Segunda Grande Guerra, parte do parque industrial bélico estaria ocioso se não fosse a sua rápida adaptação para a produção de insumos químicos e motomecânicos para a agricultura” (EHLERS, 1996).

Preconizava-se que o desenvolvimento da indústria voltada à agricultura aumentaria a eficiência na produção agrícola, promovendo desenvolvimento no espaço rural. Basicamente, isso se daria através da contribuição de fatores externos, substituindo os insumos “tradicionais”, produzidos no campo, por insumos “modernos” (ou da indústria).

O Estado assume importância na indução da modernização da agricultura através de créditos subsidiados (GRAZIANO, 1981), incentivando a aquisição de insumos e de máquinas que visavam basicamente a aceleração do processo de industrialização. Com um trabalho interligado entre a pesquisa e a assistência técnica e extensão rural, cria-se um mercado interno para o desenvolvimento da indústria, permitindo abrir caminho para que as relações capitalistas dominassem o setor.

Juntamente com as ações do Estado e centros de pesquisa e assistência técnica, estavam as indústrias agroalimentares, alguns meios de comunicação e uma parcela de agricultores empresariais, que tornavam a modernização agrícola cada vez mais expressiva (GRAZIANO, 1981). A agricultura passa a ser submetida a leis e regras que propunham transformar o setor agrícola em um setor “moderno”, gerando uma intensa relação comercial com as indústrias químicas e de máquinas e motores, transformando a agricultura tradicional conforme o padrão tecnológico dominante nos países desenvolvidos.

De maneira geral, se estabelece uma forma “mais técnica” de produzir, cujo ponto chave foi a substituição da estrutura produtiva tradicional – considerada limitante e atrasada – por uma “moderna”, intimamente e perfeitamente relacionada com o setor industrial (GRAZIANO, 1981).

Buscou-se uma homogeneização da agricultura através da inovação tecnológica, visando fortalecer o processo de dominação do capital sobre o trabalho (MARQUES, 2009). Porém, a agricultura tende à heterogeneidade já que se relaciona intimamente com processos naturais e, ainda segundo Marques (2009) citando Graziano (1981) “a especificidade da agricultura impõe barreiras a esta completa sobreposição do capital ao trabalho”, e nesse sentido as inovações técnicas foram sendo aplicadas a fim de derrubar essas barreiras.

“(…) as inovações técnicas foram inicialmente classificadas em três tipos: a) inovações mecânicas (mecanização e automação) aumentam a intensidade e o ritmo da jornada de trabalho, reduzindo o tempo de trabalho para uma determinada atividade; b) inovações físico-químicas (drenagem, irrigação, adubação, agrotóxicos) elevam a produtividade através da modificação das condições naturais de produção com a mesma quantidade de trabalho aplicada; c) inovações biológicas (variedades melhoradas geneticamente, aplicação de biotecnologia) reduzem o período de obtenção da produção e interligadas às inovações físico-químicas e mecânicas, permitem um aumento na velocidade de rotação do capital empregado no processo produtivo”. (MARQUES, 2009, p 59.)

Juntamente com a introdução de inovações tecnológicas e a vinculação à indústria, também se estimulava a expansão de fronteiras. Isso fez com que a produção agrícola aumentasse rapidamente, fortalecendo a concentração dos meios de produção, sobretudo a terra, e da renda no campo. Segundo Sampaio (2001), a política agrária adotada e apoiada pelos governos militares na década de 60, viabilizou uma modernização conservadora da agricultura, pois alterou somente a base tecnológica e ligou a agricultura à indústria, sem, no entanto, modificar a estrutura agrária vigente.

Essa modernização conservadora também ficou conhecida como modelo convencional de agricultura (SAMPAIO, 2001). Os agricultores tradicionais foram “convidados” a usar tratores e implementos, insumos químicos industriais, sementes e raças de animais de alta resposta a esses insumos, e a padronizar os cultivos transformando-os em monoculturas. Enfim, eram “convidados” a modernizar os seus sistemas de cultivo, abandonando as variedades de sementes e raças de animais crioulas, a tração animal, os sistemas de policultivo e rotação de cultivos e criações, as relações de troca com os vizinhos e as relações com o ambiente natural (GRAZIANO, 2001).

Wanderley (2009) afirma que a empresa rural tornou-se o único modelo proposto para toda a atividade agrícola, ao mesmo tempo em que a condição de grande proprietário foi confirmada como a via de acesso aos benefícios das políticas públicas. A empresa rural era a portadora do “progresso” (KAGEYAMA, 1999), e o complexo agroindustrial que subordinava a agricultura à indústria, antes, durante e após o processo produtivo propriamente agrícola, era visto como sinônimo de moderno.

Esse processo se mostrou altamente excludente e trouxe uma série de desvantagens, principalmente aos camponeses, pois ao se integrarem passam a padronizar e a especializar a sua produção e direcioná-la para aqueles produtos que apresentam os melhores preços no mercado.

De forma geral, o que foi introduzido como moderno reproduziu formas antigas de dominação e, além de resultar na expulsão de trabalhadores do campo, minou as chances de busca por estabilidade e autonomia do campesinato, porque modificou, em diferentes medidas, a forma de produzir da agricultura tradicional (SAMPAIO, 2001).

O camponês, inserido diretamente no modelo de produção capitalista, é obrigado a se adequar à lógica mercantilista de desenvolvimento, e como resultado, em muitos casos, acaba perdendo seu principal meio de produção, a terra, tendo a sua cultura alterada significativamente no que diz respeito à relação com o meio ambiente.

Assim, o avanço do capital no campo “disfarçado” de desenvolvimento não reduziu as desigualdades sociais no país. Ao contrário, as acentuou, aumentando a concentração de renda e terra no campo. Entre 1960 e 1980 produziu um contingente expressivo de excluídos que deixaram o campo em busca de trabalho assalariado em novas fronteiras agrícolas ou nas cidades (FERNANDES, 1998).

A situação, de concentração de terras e de falência da pequena agricultura, foi gerando um contingente populacional de pobres no campo, ou seja, de trabalhadores rurais sem-terra, o que permitia a constituição de uma base social do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST⁴. O surgimento do

⁴ No Rio Grande do Sul, o marco da luta pela terra foi a expulsão dos colonos da reserva indígena no município de Nonoai, em 1978, os quais em 1979, ocuparam a

MST, ao final da década de 70, representa uma articulação dos tantos conflitos sociais originados da situação econômica e social que foi criada pelas transformações que o país sofria nessa década (MST, 2008).

Os camponeses expulsos do campo tinham duas alternativas: a primeira era se aventurar nos projetos oficiais de colonização⁵ e expansão de fronteiras agrícolas⁶, e se dispor às precárias condições de trabalho e moradia, além das diferenças culturais existentes; enquanto a segunda alternativa era ir para as cidades trabalhar nas indústrias. Muitos camponeses não se adaptavam a nenhuma das alternativas, e outros que tentavam desistiam por falta de adaptação e até mesmo de oportunidade (STEDILE, 2009).

O agronegócio expressa, portanto o avanço do capital no campo, e assim como antes, não se interessa pela produção de alimentos, pela preservação e recuperação dos recursos naturais, pelo fortalecimento e desenvolvimento das comunidades de camponeses, indígenas, quilombolas e outros povos do campo.

Para Ploeg (2009, p 17), hoje a agricultura mundial está caracterizada por três trajetórias de desenvolvimento que afetam a natureza dos processos agrícolas de produção, uma primeira que caminha para a constante industrialização, a segunda caracteriza um processo de recampesinização, e a terceira é a desativação ou a redução progressiva dos níveis de produção agrícola, que segundo o autor pode ser observado em países da África.

Ploeg (2009), afirma com relação à industrialização que ela representa

“em primeiro lugar, uma desconexão entre a produção e o consumo de alimentos (...). Em segundo lugar a produção agrícola é afastada dos ecossistemas locais, implicando uma superimposição de fatores de

Fazenda Macali e Brilhante, formando os primeiros acampamentos. Em 1981, realizou-se uma ocupação na beira da estrada, chamada Encruzilhada Natalino, que ganhou forte apoio da população local. Ainda em 1985 acontece a ocupação da Fazenda Anonni, no município de Sarandi, com 1500 famílias (GÖRGEN, 1991).

⁵ Implementados no governo militar pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária –INCRA, e foi criado em 1970.

⁶ Especialmente nos estados de Roraima, Mato Grosso e Pará.

crescimento artificial sobre a natureza levando a uma marginalização. Em terceiro lugar, o capital se torna o novo modo de ordenamento dominante para a estruturação da produção agrícola, do processamento e do consumo de alimentos em escala global.”

Sobre a recampesinização, o autor diz que é uma “expressão moderna para a luta por autonomia e sobrevivência em um contexto de privação e dependência”, ou ainda, o aumento no grau de “campesinidade” da agricultura. Isso acontece tanto em termos quantitativos, com o aumento no número de camponeses, como em termos qualitativos, aumentando a autonomia e o alargamento da base de recursos utilizados (antes reduzida pelo processo de especialização), também com o aperfeiçoamento do processo produtivo, permitindo novos ganhos de produtividade (PLOEG, 2009, p 173).

Seguindo esta linha, existe hoje no Brasil um expressivo contingente de trabalhadores rurais, como os assentados da reforma agrária, que foram expropriados de seus meios de produção, em particular a terra, e através de um processo de lutas e conquistas conseguem acesso ao uso da terra como recurso natural que deve ser destinado para a produção de alimentos para o auto-consumo familiar e para a comercialização. Este contingente é de camponeses que passaram pelo processo de modernização da agricultura, aderiram ou não a ele e hoje buscam renovar formas de relacionamento com os recursos naturais e também com o mercado.

É perceptível que mesmo integrados ao mundo moderno, algumas famílias parecem estar na contramão de todas as tendências estruturais, e conseguem manter a principal característica do campesinato: a reprodução social da família e a inserção nos mercados, sempre buscando sua autonomia perante eles.

Conforme Costa (2003), a ênfase na centralidade das necessidades reprodutivas da família no processo de tomada de decisão da “empresa camponesa” é o que a diferencia das estruturas capitalistas, que supõem a centralidade no lucro como fundamento da racionalidade decisória.

Isso quer dizer que o camponês tem certas especificidades em seu modo de ser e viver, apesar de estabelecer uma relação parcial com o mercado capitalista, muito distinta do modo de ser e viver capitalista. Conforme Abramovay (1992, p. 101),

“(...) a racionalidade econômica do campesinato é necessariamente incompleta porque seu ambiente social permite que outros critérios de relações humanas (que não econômicos) sejam organizadores da vida. (...) Vida em comunidade, vínculos personalizados não só entre indivíduos em geral, mas entre agentes sociais com lugares antagônicos na hierarquia social, regras coletivas determinantes do uso de fatores produtivos e de consumo, mais que um tipo econômico, o camponês representa, antes de tudo, um modo de vida.”

Cabe ainda colocar aqui que as famílias camponesas, em seus diferentes contextos históricos, e nas interações sociais que desenvolvem, estabelecem modos de viver e de se relacionar com a natureza e com o trabalho e o consumo, mesmo em condições adversas. Carvalho (2006) em seus estudos sobre o campesinato no Brasil diz que,

“(...) os camponeses sabem produzir e melhorar suas sementes, mudas e criações; sabem controlar e conviver com a biodiversidade; criam, recriam, adaptam suas tecnologia a cada local (...) e convivem criticamente com as novas ofertas de saberes gerados pela ciência e tecnologias burguesas, sem ser a elas subordinado”.

O camponês do RS, e em particular do norte e noroeste do estado, apresenta algumas características particulares trazidas da matriz européia e que ao longo das décadas foram se misturando com o jeito de ser dos povos locais. Para o colono, a terra define-se como condição de afirmação da identidade, um espaço de trabalho necessário para a reprodução familiar que, em determinados momentos, se

orienta pela lógica do mercado aproximando-se do “produtor moderno” (BRUM, 1988 apud VERAS, 2005).

Ainda assim, entre esses camponeses a noção de trabalho torna-se um valor ético central, e a agricultura praticada traz características como: a prática dos policultivos, a associação cultivos e criação de animais destinados ao consumo da família, a comercialização em mercados de pequeno porte, uso de mão-de-obra basicamente familiar; e partilha de terras por herança, que originam os minifúndios (VERAS, 2005).

Porém, é preciso considerar que, ser camponês no mundo contemporâneo globalizado e controlado pelos interesses financeiros e comerciais dos grandes capitais internacionais, é um desafio imenso, tanto do ponto de vista político-ideológico, como econômico (CARVALHO, 2006).

Mesmo na atualidade e com a grande influência dos mercados tanto na venda de produtos agrícolas como no consumo, muitos camponeses conseguem manter fatores típicos como o trabalho na terra, a unidade familiar como central na organização social, as relações com a natureza ou ambiente natural em que vivem, as relações sociais na comunidade (cultural, religiosa e de compadrio), as tradições culturais herdadas da família, e a manutenção de padrões de consumo típicos da zona rural. Buscaremos com os resultados deste estudo mostrar como esses fatores se manifestam na trajetória de vida das quatro famílias (ou atores).

2. A resistência brota com a agroecologia: o viés qualitativo.

Considera-se aqui que os atores sociais, ou os camponeses, como uma forma social de produção que tem capacidade de resistir e provocar transformações na sociedade, afirmaremos isso através da Perspectiva Orientada ao Ator – POA, que será discutida posteriormente. A capacidade de resistência desses atores está centrada em seus conhecimentos, na sua capacidade de agência, adquiridos ao longo de suas histórias de vida, nas relações com a comunidade e com outros atores (como técnicos, mercados, igreja, instâncias políticas, entre outras) e está materializado na produção de alimentos.

Partindo da análise de Ploeg (2008) sobre recampesinização, os assentamentos de reforma agrária e, em especial, o MST como uma das expressões dessa tendência, tem um papel importante tanto em termos quantitativos com o aumento do número de camponeses, como em termos qualitativos, com o aumento da autonomia através do fortalecimento da natureza camponesa perante os processos de modernização (ou a menor dependência do mercado de insumos).

Como protagonistas da construção de uma agricultura que tenha como princípio básico a busca por autonomia, tanto no uso dos recursos naturais e dos meios de produção, como dos mercados, os camponeses devem desenvolver mecanismos que, segundo Ploeg (2009) visem: “a) a reprodução, a melhoria e ampliação do capital ecológico; b) a produção de excedentes comercializáveis (por meio do uso do capital ecológico disponível); e c) criação de redes e arranjos institucionais que permitam tanto a produção como a sua reprodução”.

Entendendo que a agroecologia praticada por famílias de camponeses, em seus princípios e práticas, prevê os itens acima mencionados acredita-se que ela possa ser um viés qualitativo no processo de recampesinização colocado por Ploeg.

Ainda segundo Ploeg (2008), a agricultura camponesa constrói o seu progresso a partir do emprego do seu trabalho e de seus conhecimentos na valorização dos potenciais ecológicos e socioculturais locais. Isso implica afirmar que somente através da agroecologia os processos de recampesinização podem ser consistentes em termos qualitativos. Entendendo a agroecologia como a ferramenta de desenvolvimento do campesinato em oposição à agricultura moderna, ela se coloca num movimento que busca autonomia frente ao processo produtivo.

Como dito por Guzmán e Molina (2005), “a agroecologia aparece como uma resposta à crise da agricultura modernizada, assim como condição de reprodução social de famílias marginalizadas de um processo de desenvolvimento econômico”.

A agroecologia nos traz, portanto, a expectativa de uma agricultura capaz de propiciar a produção de alimentos, combustíveis, essências, fibras e de preservação de recursos ambientais com o menor gasto energético possível. Ela diferencia-se, portanto, da orientação dominante de uma

agricultura com características de produção industrial, calcada no uso intensivo de capital, energia e recursos naturais não renováveis e agressivas ao meio ambiente, excludente, do ponto de vista social, e causadora de dependência econômica pela subordinação ao capital.

Guzmán e Molina (2005) abordam um enfoque de desenvolvimento rural quando afirmam que a agroecologia constitui o campo do conhecimento que promove o manejo ecológico dos recursos naturais, através de formas de ação social coletiva que apresentam alternativas à atual crise de modernidade, mediante propostas de desenvolvimento participativo desde os âmbitos da produção e da circulação alternativa de seus produtos, pretendendo estabelecer formas de produção e de consumo que contribuam para encarar a crise ecológica e social e, deste modo, restaurar o curso alterado da coevolução social e ecológica.

O que na década de 80 era definido como alternativo pode ser assumido como um projeto ou proposta de transformação do meio rural na busca do desenvolvimento (Veras, 2005). A diversidade de saberes sobre os modos de convivência com os recursos naturais herdados historicamente pelos camponeses, juntamente com o conhecimento da realidade social e o compromisso com a comunidade (movimento social) que está inserido, transformam-se num grande potencial de adoção à agroecologia e de manutenção de uma agricultura camponesa.

A ruptura com a agricultura convencional e a transição para um modelo de agricultura agroecológica não representa apenas um retorno ao modelo de agricultura que se praticava antes da modernização da agricultura. Ainda que se faça uso de combinações dos métodos tradicionais de manejo e do equilíbrio físico, químico e biológico do agroecossistema, deve-se incluir novas tecnologias de manejos e técnicas adaptadas ao contexto ambiental, social, econômico e cultural onde se encontra a unidade de produção camponesa.

Assim a agroecologia se apresenta como uma forma de qualificar a agricultura camponesa com a utilização racional dos recursos naturais e a garantia pela busca de autonomia.

3. Os assentados: o viés quantitativo e a busca pelo qualitativo na recampesinização

Teoricamente acredita-se que os assentamentos sejam territórios muito importantes para a consolidação da agroecologia como base produtiva da agricultura camponesa, já que têm condições de fazer isso de forma não isolada e inserida em um contexto político e social, provocando transformações quantitativas e qualitativas na estratégia de desenvolvimento pautada na recampesinização. Na prática, no dia-a-dia de cada assentamento ou família assentada a dinâmica muitas vezes é outra.

Acontece que, após um processo de marginalização, lutas e conquista surgem novas contradições, muitos camponeses entram em conflito com a idéia da agricultura modernizada e suas respostas imediatas, e com a prática político-ideológica proposta pelo MST.

“há ainda uma influência muito grande da hegemonia do capital sobre a agricultura, o que faz com muitos camponeses ideologicamente pensem apenas em imitar fazendeiros, como se isso fosse garantir o aumento da produção, do lucro e da melhoria das condições de vida. Então, há um trabalho político-ideológico também, para que os pequenos agricultores camponeses se dêem conta dos interesses de classe que estão por trás de cada modelo”. (Stédile, 2009)

Para Martins (2003. p.12.), o camponês assentado é “um sujeito que surpreende e contraria quando sua verdade social se manifesta em contradição com o desenho ideológico que lhe imputam os que dele esperam conduta diversa”. Ou seja, ao incorporar sua (nova) condição de “proprietário”, regulada pela racionalidade e contradições do capital, produz novas contradições, embora deseje algo diferente daquilo que manifesta nas ações. Essa junção faz surgir um ator “confuso” porque recria as contradições do capital ao conflitar-se com a

necessidade de inserção no modo de produção capitalista para a sua reprodução.

Considerando ainda que, grande parte dos agricultores assentados tem sua origem na agricultura camponesa, isso faz com que suas motivações encontrem-se no âmbito da afirmação ou renovação de valores sociais relativos à organização da família (Veras, 2005, p 30). Ao se tornarem agricultores assentados, os traços que o identificam como camponês se fortalecem expressando-se em suas práticas, valores e racionalidades.

Tentando explicar a lógica de ação desses atores, ressalta-se também que eles se diferenciam das categorias tradicionais de camponeses, englobando um modo de agir e pensar bastante particular, pois, trazem consigo traços de 'Sem Terra', excluído de um processo de desenvolvimento. Caldart (2000) nos remete a um *Sem Terra* que não se esgota no hoje, na luta pela terra, mas leva em conta o seu passado e projeta transformações na sociedade a partir de valores avessos aos da sociedade capitalista.

A descoberta de sua exclusão, principalmente através da escassez e da posterior inserção num movimento de luta social, leva, como dito por Veras (2005, p 36) “a busca de formas alternativas de racionalidade, indispensáveis à sua sobrevivência, e assim, tentam estabelecer ações contrárias à racionalidade dominante e ao mesmo tempo, garantir, embora precariamente, a manutenção e reprodução da família ou do grupo”.

Assim, a agroecologia torna-se, para esses atores, um instrumento de luta política que ao mesmo tempo busca construir experiências produtivas alternativas ao modelo dominante proposto (ou imposto).

O MST tem como linha política a agroecologia⁷ baseada em princípios como o da cooperação e construção de novas relações sociais e de trabalho, da mudança de hábitos de consumo e relação com a natureza, e da superação da lógica tecno-científica do capital. Nos assentamentos o termo agroecologia é empregado, pelas famílias, para definir as diferentes formas (orgânica, biodinâmica, natural, etc.) de manejo dos recursos naturais. De acordo com a linha política do MST, essas podem ser entendidas como caminhos para a efetivação da agroecologia nos assentamentos

Muitos são os fatores que podem determinar a adoção ou não da agroecologia nos assentamentos, dentre eles, as relações de caráter cultural, econômica, política, social e ambiental ocorridas historicamente. Neste caso, opções pessoais influenciadas por envolvimento com pessoas-chaves, tendências de mercado, opção política e resgate cultural de práticas trazidas da matriz europeia são razões da adoção da agroecologia pelos assentados.

De forma geral, num processo de recampesinização, e do ponto de vista qualitativo, a busca por maior autonomia, passa pela adoção da agroecologia como estratégia de produção agrícola nos assentamentos. Os assentados se encontram nesse processo de recampesinização, firmado por Ploeg (2008) como uma das trajetórias de desenvolvimento em curso, e estão buscando, de acordo com a realidade objetiva colocada, e em muitos casos mesmo às avessas da realidade colocada, avançar na busca por autonomia e sobrevivência através da adoção de estratégias produtivas mais próximas daquelas dos ecossistemas naturais.

Assim, é possível acreditar que o papel de assentados, com as suas histórias de privações e conquistas, seja de grande importância para a agricultura na atualidade. E os fatores de

⁷ Inicialmente o MST não tinha como linha política as questões ambientais e a produção de base ecológica, ao longo dos anos e com muitas contradições foi incorporando em seu discurso a necessidade da agroecologia como estratégia produtiva para manutenção das famílias nos assentamentos. A partir desta decisão começaram a ser incentivadas as iniciativas locais de produção e comercialização. Na região metropolitana as feiras ecológicas foram iniciadas em parcerias com Organizações não Governamentais – ONG's e estão até hoje em funcionamento (MST, 2008).

ordem cultural e fatores objetivos de ordem prática determinam a tomada de decisões com relação às estratégias produtivas adotadas para o fortalecimento da agricultura camponesa.

4. Os camponeses e as razões simbólicas

A tomada de decisão com relação à estratégia produtiva, ou seja, escolher agroecologia, e mais especificamente determinados manejo produtivos de base ecológica, está guiada tanto pelas suas particularidades de recursos naturais, ou econômicos que lhe agregam um valor diferencial de venda, quanto pela sua correlação com um sistema simbólico de valores.

Sahlins (1979, p.08), em seu livro *Cultura e Razão prática*, considera que o fato do homem viver num mundo material está de acordo com um esquema de significados criado por ele próprio, ou seja, vive-se de acordo com um esquema simbólico definido, que nunca é o único possível; e que por isso, é a cultura que constitui utilidade. Assim a produção material camponesa, não está somente permeada de razões práticas, mas também de significados de constituição cultural.

Quando um assentado fala em produzir uma “alimentação saudável” com “produtos de qualidade”, demonstra que existe esta *razão simbólica* orientando a adoção da agroecologia como um modelo produtivo em sua unidade de produção. Não é apenas produzir alimentos para serem vendidos em mercados competitivos, segundo Sahlins (1979), citando Marx, “os homens produzem objetos para sujeitos sociais específicos, no processo de reprodução de sujeitos por objetos sociais”.

Woortmann & Woortmann (1997, p. 9) explicam que nem os recursos, nem os instrumentos e os homens existem socialmente sem a cultura. É o saber que permite usá-los e é a cultura que lhes dá significado inclusive para mais além da materialidade ou da instrumentalidade prática do trabalho (WOORTMANN & WOORTMANN (1997, p. 10).

Isso significa que além de razões objetivas e práticas tomadas com relação à estratégia produtiva a ser adotada pelo camponês, tem que se considerar as razões simbólicas e subjetivas, que vem permeadas de determinações culturais. E

não se trata de ignorar a razão prática, mas de perceber a coexistência de ambas as razões.

“(…) toda produção, mesmo onde ela é governada pela forma-mercadoria e pelo valor re troca, continua com produção de valores de uso. Sem o consumo, o objeto não se completa como um produto: uma casa desocupada não é uma casa (lar). Entretanto, o valor de uso não pode ser compreendido especificamente ao nível natural de “necessidades” e “desejos” – precisamente porque os homens não produzem simplesmente “habitação” ou “abrigo”, eles produzem unidades e tipos definidos, como uma cabana de um camponês ou um castelo de um nobre (SAHLINS, 1979, p 188)”.

Para o camponês, a terra não é somente o lugar onde se planta e colhe, é o lugar onde ele trabalha e vive com sua família, e o mercado não é só de capitalistas exploradores, é o lugar onde ele vende a sua produção e adquire produtos para a manutenção da família e os vizinhos não são concorrentes, são parte da comunidade onde são realizadas as festas, os encontros os debates políticos (SAHLINS, 1979).

Assim, o processo de trabalho do camponês é visto como uma organização de espaços e combinação de espécies e variedades vegetais, formando o que Woortmann & Woortmann (1997, p. 9) chamam de “ecossistemas construídos com base em modelos de saber e de conhecimento da natureza”, sendo esse saber, denominado pelos autores como “parte de um modelo mais amplo de percepção da natureza e dos homens”. Ou seja, para entendermos as escolhas das estratégias produtivas ou manejos adotados precisamos conhecer tanto o modelo cultural quanto o processo histórico nos quais os camponeses estão envolvidos.

Trabalho e vida não estão separados no dia-a-dia do camponês e funcionam como um conjunto de significados, que conforme Abramovay (1992) “funcionam como um organismo único que produz com base no objetivo de gerar não só os meios de vida, mas, sobretudo um modo de vida”. As relações sociais,

na família ou na comunidade (assentamento e espaços do MST) e suas trajetórias de vida, em certa forma, dão sentido às atividades camponesas.

Não só o trabalho prático ou manejo produtivo, mas as relações de comunidade e vizinhança ao longo da trajetória de vida, e os costumes e hábitos familiares herdados definem as razões de tomada de decisão. Assim, em seu trabalho “Por que se migra na Amazônia”, Velho (1984) enfatiza que devemos pensar quais são os valores mais básicos que orientam as tomadas de decisão nas diversas situações concretas.

“ Não se deve buscar algum tipo de “idealismo” que supere em importância as razões materiais, mas que as razões materiais têm que ser necessariamente interpretadas, e essa interpretação tem como base uma experiência histórica que não é estritamente individual e se cristaliza – embora não de maneira rígida ou permanente – na forma de determinadas crenças e determinados valores (VELHO, 1984)”.

É a partir das considerações destes autores que se pretende fazer a análise de dados e a discussão com relação as razões que levam as famílias a escolherem determinadas estratégias produtivas, a partir da diversidade de técnicas existentes. Assim, considera-se uma base material, objetiva, mediada pela cultura.

5. A análise das ações a partir da Perspectiva Orientada ao Ator - POA

Desenvolvida inicialmente por Normam Long e estudada e aprofundada por Jan Douwe van der Ploeg, a POA busca entender os processos de mudança pelos quais as formas sociais surgem, são transformadas e retrabalhadas na vida cotidiana das pessoas, encontrando espaço para análise da multiplicidade de racionalidades, capacidades e práticas (DEPONTI, 2009). A perspectiva orientada ao ator busca

explicar as diferentes respostas dadas pelos atores sociais, aqui neste caso com relação à escolha das estratégias produtivas, expostos as circunstâncias estruturais (influências) e condições similares.

Para Long (2001), deve-se considerar as pessoas como parte ativa num processo onde elas sofreram alguma intervenção, reconhecendo o caráter dinâmico e os diferentes significados por eles atribuídos, já que todas as formas de intervenção externa entram no mundo sócio-vital dos indivíduos e dos grupos sociais afetados, implicando, portanto na confrontação e interpretação de modos de vida diferentes.

Segundo Giddens (1991)⁸, os agentes humanos não são só estrutura, os indivíduos têm intenção e são cientes das razões que levam as praticá-las, os agentes são reflexivos, ou seja, tem capacidade de trazer para consciência e refletir sobre suas escolhas. As respostas dadas pelos atores explicam suas práticas, suas ações e suas intenções.

As situações, acontecimentos e suas causas são percebidas pelos camponeses (atores) de diferentes formas, por isso torna-se imprescindível o entendimento dos indivíduos como atuantes no processo de desenvolvimento rural e assim, capazes de fazer a sua própria história, convivendo com estruturas políticas e econômicas em contextos sociais diferenciados (SOUZA, 2009).

O que será abordado neste trabalho como ator é a família, e esta será considerada não de forma individualizada, mas inserida num contexto onde as redes de relações sociais, culturais e políticas as quais elas estão envolvidas ou se envolveram em suas trajetórias de vida. Assim, o contexto político atual onde a família vive e trabalha, ou seja, a vida no assentamento e o envolvimento (fazer parte) num movimento social, é de total importância para realizar análises sobre suas ações. Acredita-se, concordando com Long (2001), que essas famílias a partir das escolhas que fazem com relação às suas estratégias produtivas, sejam agentes sociais capazes de realizar projetos e desenvolver ações que promovam um processo local de desenvolvimento.

No contexto da Agroecologia esta teoria se aplica completamente, acreditando que os atores, com suas histórias e

⁸ *Apud* DEPONTI (2009).

cultura, e com a influência de diferentes agentes, têm conhecimentos e habilidades para interferir em seus agroecossistemas ou unidades de produção. Pensando em um desenvolvimento rural local, esta perspectiva dialoga com a agroecologia, pois valoriza os saberes e experiências dos atores locais na construção de um processo de desenvolvimento.

Através da abordagem teórico-metodológica busca-se acessar de forma significativa a representatividade dos diferentes sujeitos que compõem aquele mundo social, não mantendo esforços somente naqueles atuantes politicamente (SOUZA, 2009). Aplicando a teoria ao contexto do desenvolvimento rural, acredita-se que os camponeses são ativos nos processos de tomada de decisões de suas estratégias produtivas, ou seja, não são totalmente condicionados por questões estruturais, como por exemplo, as tendências e aberturas de mercado.

“O desenvolvimento resulta de um longo processo de experimentação e de inovação, através do quais os atores constroem habilidades, conhecimento e confiança em si mesmos para formar seu meio ambiente de maneira a alcançar objetivos por eles estabelecidos (LONG, 2001)”.

Nesse processo de desenvolvimento, no qual o camponês (ou a família camponesa) é ativo, estão em movimento diversas redes de relacionamentos às quais ao longo de suas histórias as famílias se envolvem. Essas redes influenciam as tomadas de decisão tanto de forma objetiva e prática, como são os casos de recurso financeiro e das feiras de comercialização ou ainda a influência de técnicos das equipes de extensão rural, como de forma subjetiva ou simbólica: as relações com vizinhos e parentes, a religião ou questões culturais herdadas das famílias.

Capítulo II

Conhecendo o lugar

1. Aspectos Regionais

A pesquisa foi desenvolvida em lotes de famílias assentadas pelo Programa Nacional de Reforma Agrária, implementado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. Essas famílias têm como local de moradia e trabalho o Assentamento Itapuí que está localizado no município de Nova Santa Rita, região metropolitana de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul (RS).

O município de Nova Santa Rita está localizado a aproximadamente 19 km de Porto Alegre, no leste do estado do Rio Grande do Sul. A sede do município está a 63 m de altitude e suas coordenadas geográficas são 29°51'25.2" de latitude Sul e 51°16'26.4" de longitude Oeste. Tem limites ao norte com os municípios de Portão e Capela de Santana, a leste com Sapucaia do Sul, Esteio e Canoas, ao sul com Porto Alegre e a oeste com Montenegro e Triunfo. A área do Assentamento Itapuí fica localizado cerca de 8,5 km a noroeste da sede municipal de Nova Santa Rita (RS) (BRASIL, 2008).

1.1. Características Naturais

O estado do Rio Grande do Sul apresenta uma geomorfologia bastante diversificada. Ao norte situa-se o Planalto Meridional, formado por rochas basálticas, a nordeste do estado encontram-se as terras mais altas do Planalto Meridional, que alcança 1.398m de altitude. Ao centro do estado está a Depressão Central que é formada de rochas sedimentares, dando origem a um extenso corredor que liga o oeste ao leste, através de terrenos de baixa altitude. Ao sul localiza-se o Escudo Sul-rio-grandense; sua altitude não ultrapassa os 600m. A Planície Costeira corresponde a uma faixa arenosa de 622km, com grande ocorrência de lagoas e lagoas, entre as quais destacam-se a Laguna dos Patos e Mirim (RIO GRANDE DO

SUL, 2005). O município de Nova Santa Rita está inserido na região da Planície Costeira, e o relevo é predominantemente plano.

O clima do Rio Grande do Sul é temperado do tipo subtropical, classificado como mesotérmico úmido. O município de Nova Santa Rita registra uma temperatura média anual de 19,5°C, tendo em janeiro seu mês mais quente, com temperatura média de 24,7°C, e em julho seu mês mais frio, com temperatura média de 14,0°C (RIO GRANDE DO SUL, 1989).

O território do RS é formado por três grandes regiões hidrográficas: a região do Uruguai, a qual faz parte da Bacia do Rio da Prata e abrange cerca de 57% da área total do estado; a região do Guaíba com 30% do total e a região Litorânea com 13% do total. A rede de drenagem do município de Nova Santa Rita está distribuída em três bacias hidrográficas: a do Rio Caí, a do Rio dos Sinos e do Lago Guaíba, que pertencem à região hidrográfica do Guaíba. Os principais rios que drenam o município são dos Sinos, Caí e Jacuí (RIO GRANDE DO SUL, 2008).

As principais classes de solos e sua ocorrência no município de Nova Santa Rita, segundo dados do BRASIL (2008) são: Planossolos (em torno de 49,86%), Argissolos (42,08%) e com menor expressão, encontra-se ainda os Neossolos (que totalizam 6,54 % do território).

Quanto à vegetação, a Planície Costeira é uma região mista (RAMBO, 1956). Recebe influência da vegetação do litoral a leste com alguns representantes das restingas, a oeste recebe influência dos campos limpos e secos da Campanha. As duas principais influências que a vegetação da Planície Costeira recebe são: da Serra do Sudeste na margem meridional do rio Jacuí e da vegetação da Serra Geral ao norte do mesmo rio.

1.2. Características Socioeconômicas

O Censo Populacional de 2007 calculou para o município de Nova Santa Rita uma população de 20.591 habitantes, sendo um dos municípios menos populosos (0,46% do total) da microrregião de Porto Alegre. O grau de urbanização do município de Nova Santa Rita apesar de alto (73,33%) é menor

que a média da microrregião e do estado (81,65%) (IBGE, 2006). Foi calculado para o município no ano de 2000, um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - IDH-M de valor 0,789, considerado de nível médio (PNUD, 2003 apud BRASIL, 2008).

O município de Nova Santa Rita tem como principais cultivos o arroz – historicamente associado à pecuária, a mandioca e o milho. A produção de arroz em casca estimada para o ano 2007 foi de 12.190 toneladas. Os cultivos permanentes no município de Nova Santa Rita, no período 2002 a 2005, foram: banana, caqui, figo, laranja, pêra, pêssego e uva. Com relação à produção animal, os maiores efetivos de rebanhos no ano de 2005 eram: bovino (10.530); galinhas (5.500); galos, frangas, frangos e pintos (4.000); suíno (3.780); eqüino (1.020) e ovino (300) (IBGE, 2007).

Parte considerável da população urbana do município desenvolve atividade econômica, principalmente como assalariado, na capital do estado, Porto Alegre. O comércio, setor imobiliário, pequenas indústrias de transformação, administração pública e construção civil abrangem as principais atividades empresariais do município.

2. O local de trabalho e das moradas: O Assentamento Itapuí

2.1. Histórico, População, Organização Social e Infraestrutura

O assentamento Itapuí, com sede no município de Nova Santa Rita, ocupa uma área de 1.172 ha, onde foram assentadas 68 famílias originalmente. O assentamento é dividido em duas glebas: gleba de cima e gleba de baixo.

A luta pela conquista da Fazenda Itapuí iniciou em 13 de outubro de 1987, quando se deu o início da ocupação. O referido imóvel pertencia ao Banco Meridional, sendo adquirido pelo INCRA para fins de assentamento. A emissão da posse da área ocorreu em 22 de julho de 1988.

No início, houve dificuldades de adaptação destas famílias em função das diferenças entre as regiões de origem e a região

do assentamento, no que se refere à estrutura fundiária e ao sistema de cultivo, uma vez que a maioria das famílias é proveniente da região do Alto Uruguai, noroeste do estado. A região da Planície Costeira, onde está localizado o assentamento, caracteriza-se por apresentar propriedades dedicadas ao cultivo de arroz irrigado, à pecuária e à silvicultura. Já na região de origem das famílias, o sistema agrário é caracterizado por propriedades menores, onde predomina a agricultura familiar dedicada ao cultivo de grãos.

“Quando a gente veio assentar aqui na região era muito diferente, mudou completamente a cultura da gente, era tudo diferente, o ritmo, o plantio, o que plantava, lá fora a gente plantava milho, trigo, grãos, aqui não dava”.

(Olair)

“Nós ‘cheguemo’ e ‘viremo’ tudo essa terra com arado pra plantar milho, trigo e feijão. Acabamos com a nossa terra, não dava nada, ‘plantamo’ até milho no banhado. Depois que a gente foi ver que o que dava aqui era melão, melancia, verduras”.

(Adir)

Em função de dificuldades de adaptação, ao longo do tempo houve substituição de algumas famílias devido ao abandono de lotes, sendo que aproximadamente 90% das famílias permanecem nos lotes desde a sua criação.

Atualmente estão assentadas 80 famílias. O assentamento Itapuí encontra-se organizado em 10 grupos para projetos de crédito, tendo somente dois grupos coletivos que representam 12 famílias; os demais são individuais ou possuem alguma sociedade de famílias que trabalham em conjunto em algumas culturas, como exemplo sociedade para plantar arroz e hortaliças⁹.

⁹ Dados da Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos – COPTec, coletados pela equipe de assistência técnica local.

“Muitas famílias desistiram, não se adaptaram com essa terra, muita gente se quebrou. A terra já era muito degradada quando a gente chegou, mesmo com adubo químico não dava muita coisa”.
(Olimpio)

A infra-estrutura do Assentamento Itapuú pode ser considerada boa. Existe acesso à energia elétrica para quase todas as residências, mas não há abastecimento com água encanada, que é obtida individualmente de cacimbas e vertentes. As residências são todas de alvenaria, de média qualidade. A rede viária principal tem boa densidade e boa qualidade. Há carência de máquinas e implementos, que é suprida pelo arrendamento ou pela patrulha agrícola municipal.

O acesso à educação no assentamento Itapuú é regular. Os alunos do ensino fundamental e médio freqüentam as aulas na escola Nova Sociedade. O transporte escolar é fornecido pelo município. As famílias são atendidas em um posto de saúde no município de Nova Santa Rita.

O acesso ao saneamento é ainda limitado. A água consumida pelas famílias não recebe tratamento antes do consumo, embora seja aparentemente de boa qualidade. No que se refere a dejetos, as casas possuem banheiro e fossa adequada. Os resíduos orgânicos são, na maior parte dos casos, enterrados pelos próprios assentados e os inorgânicos são coletados semanalmente pelo sistema de coleta do município ou queimados.

A produção para o autossustento é regular, sendo que mandioca, abóboras, feijão, hortaliças, algumas frutíferas e pequenos animais são alguns dos itens produzidos pelas famílias. A produção para a venda engloba os cultivos do arroz, milho, mandioca, feijão, melão, melancia, hortaliças convencionais e orgânicas, cana-de-açúcar e a produção de leite.

“Aqui no assentamento quem tá conseguindo se manter na agricultura é o pessoal dos orgânicos, quem faz as feiras. Quem tá no

convencional já ta quebrado faz tempo. Só se mantém do lote quem ta no orgânico”.
(Cladir)

2.2. Ambiente Natural

A área correspondente ao Assentamento Itapuí é de relevo predominantemente plano. As altitudes variam aproximadamente entre 0 e 100 metros, dos quais somente cerca de 4,17 ha (0,36% da área total) encontram-se acima de 80 metros, em locais constituídos de topos de coxilhas suaves onduladas (BRASIL, 2008).

Com relação aos recursos hídricos, as áreas do assentamento são cercadas pelos rios Caju e Estância. Destes fluem vários cursos d'água menores que seguem para o rio do Sinos, importante curso d'água da região.

As Áreas de Preservação Permanente – APP, que abrangem um total de 94,9 ha, estão localizadas no assentamento de acordo com a lei federal n.º 4.771, de 15 de setembro de 1965 (Código Florestal), Lei n.º 7.803 de 18 de julho de 1989 (Altera o Código Florestal) e Resolução do CONAMA N.º 387, de 27 de dezembro de 2006, que trata do licenciamento de projetos de assentamento da reforma agrária. Quanto à Área de Reserva Legal - ARL, de acordo com a Medida Provisória N.º 2166-67 de agosto de 2001, 20% da área do imóvel deve ser mantida com esse caráter, mas ainda inexistente uma área delimitada para esta finalidade no assentamento (BRASIL, 2008).

Mesmo sem delimitação oficial, o ambiente natural com um todo, principalmente as florestas e arroios estão bastante preservados, as famílias assentadas têm buscado manter as áreas de preservação permanente.

“Aqui no assentamento o pessoal preservou bastante o verde, são poucos os que tiraram tudo pra colocar eucalipto, na verdade acho que só uma família fez isso. Aqui tem muito pássaro, tem tudo que é pássaro. Tem Noca, Pomba Rasteira, Amarelinho, Cardeal, Arapuá (que é nosso plantador). Só aqui no lote, 40 por cento é mata, preservada, respeitada. Cada família

buscou criar um ambiente natural preservado. Aqui é a coisa mais linda, é só a gente perceber". (Olair)

As classes de solos encontradas no assentamento são Argissolo e Planossolo. Segundo definição da EMBRAPA (1999), os Argissolos são solos constituídos de materiais minerais e argila de baixa atividade, já os Planossolos são solos minerais formados sob condições de restrição à percolação de água, ambos apresentam uma mudança brusca no teor de argila do horizonte A (mais arenoso) para o horizonte B (mais argiloso).

Com relação às unidades de produção estudadas nesta pesquisa, todas estão localizadas em áreas de Argissolos; são caracterizadas como terras cultiváveis, mas com algumas restrições de uso, pois possuem um horizonte A muito arenoso ou estão em áreas com declividade acentuada; por esses motivos esses solos têm como fator limitante de manejo a erosão (BRASIL, 2008).

Compondo a paisagem no assentamento encontram-se as seguintes formas de uso e cobertura do solo: agricultura/ solo descoberto (121,00 ha), arroz irrigado (422,14 ha), campo seco (319,63 ha), campo úmido (73,44 ha), mata nativa (149,17 ha), silvicultura (33,64 ha), vegetação arbustiva (5,4 ha), água (25,77 ha) e pousio (23,29 ha) (BRASIL, 2008).

Nas áreas de agricultura/solo exposto são cultivados, além da produção para o auto-sustento familiar, principalmente: milho, mandioca, feijão, melão, melancia, hortaliças convencionais e orgânicas e cana-de-açúcar. Nas áreas de campo seco e úmido a principal atividade é a produção de leite e arroz.

De forma geral, com exceção de alguns produtores de hortaliças, o manejo do solo no assentamento é convencional e altamente mecanizado, onde também são usados fertilizantes químicos sintéticos e agrotóxicos nos sistemas produtivos.

"Hoje a terra aqui produz tudo, o que plantar produz. É só cuidar bem da terra, deixar de usar veneno, ainda tem muita gente que usa, mas se cuidar dá de tudo".
(Adir)

O que as famílias encontraram quando foram assentadas há 22 anos foi uma terra degradada pelo uso intensivo do solo de forma convencional, ou seja, com uso intensivo de máquinas e agrotóxicos. Aos poucos algumas famílias vêm tentando recuperar algumas áreas, como é o caso dos horticultores ecológicos, porém a maioria delas buscaram a via da agricultura convencional ou já desistiram da agricultura e buscam trabalho assalariado na área metropolitana, já que não possuem recursos para investir na produção convencional de arroz ou hortaliças.

2.3. O grupo de produtores orgânicos

Adir, Cladir, Olair, Olímpio e suas famílias faziam parte de um grupo onde eram discutidas e planejadas a produção e o trabalho com a agricultura no futuro assentamento. O grupo já existia desde o acampamento na Fazenda Anonni, no ano de 1985. Outros agricultores, além desses quatro, também faziam parte do grupo, naquela época ainda não discutiam a produção orgânica, mas sim a luta pela terra e faziam planos de realizar um trabalho totalmente coletivo quando chegassem ao assentamento.

No início, em 1988, o assentamento era organizado em grupos de produção. A gleba de baixo do assentamento é onde estão localizadas as quatro famílias de produtores orgânicos. Na época foram formados três grupos, o grupo do Erval Seco com nove famílias, o grupo do Portão com quinze famílias e o grupo que já estava na fazenda no processo de ocupação também com quinze famílias. O grupo de Erval Seco, com nove famílias, se desafiou a organizar uma associação e realizar o trabalho totalmente coletivo, fundaram a Associação Grupo do Erval. Deste grupo participavam as famílias do Adir, Olímpio e Cladir. O Olair, nessa época, era do grupo do Portão e estava no estado do Sergipe desenvolvendo atividades políticas do MST.

“O nosso objetivo, nós era em 9 família, era trabalhar junto, o objetivo era trabalhar em coletivo, até rancho a gente fazia junto”.
(Adir)

No primeiro ano plantaram milho e não colheram nada. Fizeram outras diversas tentativas de produção de grãos, a produção era toda convencional e com uso intensivo de máquinas. Logo viram que aquela região era muito diferente da região de origem deles e a produção de grãos não seria possível. Depois de terem alguns prejuízos financeiros perceberam que a aptidão local era para produção de hortaliças, principalmente melão, melancia e algumas folhosas.

Assim, a produção de hortaliças foi iniciada com o plantio de pepino, alface, melão e melancia. Também plantavam mandioca, bata-doce, abóboras e produziam carne de porco para vender. A produção era toda convencional, em sistema de monocultivo, com intensa movimentação do solo. Realizavam a comercialização dos produtos nas comunidades de Nova Santa Rita e no CEASA. Não realizavam nenhum tipo de planejamento para a produção e enfrentavam muitas dificuldades com a comercialização. Como a produção para a venda não era suficiente para as famílias se manterem, decidiram pela produção individual.

“O que faltou para o grupo coletivo dar certo foi capacidade administrativa (...). Nós tínhamos produção, mas não era planejada, administrada (...) ainda mais quando se faz no coletivo, administrar uma família já é difícil, imagina nove!”
(Cladir)

A organização não governamental Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor – CAPA incentivava os assentados, com a realização de oficinas e cursos, a produzirem alimentos orgânicos. A assistência técnica local realizada pela Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos – COPTec também foi um grande impulsionador para a mudança da agricultura convencional para a agricultura orgânica no assentamento, através do incentivo e apoio do técnico¹⁰ que atuava na época.

Na época estava começando a funcionar a ONG Colméia que, em parceria com o MST, começaram a organizar as primeiras feiras de produtos orgânicos da Reforma Agrária em Porto Alegre. Muitos do grupo estavam com dificuldades

¹⁰ Engenheiro Agrônomo, foi um dos entrevistados nesse estudo.

financeiras e outros já tinham a intenção de produzir alimentos orgânicos.

Cladir, Olair e Olímpio além de outros, foram os primeiros a aderir à produção orgânica. No início tinham muita dificuldade com relação às técnicas utilizadas, depois foram aprendendo. Dois anos depois, Adir também aderiu à produção. Outras famílias também faziam parte do grupo, porém foram desistindo ou por questões pessoais ou por não acreditarem na agricultura orgânica.

Hoje, uma preocupação apresentada pelo grupo se refere à manutenção da juventude no meio rural. Muitas são as propostas de trabalho que são ofertadas aos jovens, já que essas famílias vivem muito próximas a Porto Alegre, e isto acaba dificultando a manutenção do jovem no campo. Algumas dessas famílias estão buscando soluções conjuntas para esse problema, principalmente através da busca de geração de renda com a comercialização nas feiras ecológicas.

“O desafio maior do pequeno agricultor é manter os filhos no campo, nós fizemos tanta luta, agora não dá para envelhecer sozinho no lote, os filhos tem que dar continuidade (...).”

(Olímpio)

“(...) é bastante difícil para os jovens ceder à pressão da cidade, sempre recebemos oferta de emprego com carteira assinada e recusar não é fácil”.

(Gabriel, filho de Olímpio e Zilda)

Estão em processo de certificação da produção, já que a comercialização em feiras de Porto Alegre tem exigido o certificado. Para facilitar e, de certa forma diminuir os custos, a certificação está sendo feita de forma mais democrática, ou em grupo. Para isso foi formado o Grupo Gestor das Hortas e Frutas da Região Metropolitana de Porto Alegre¹¹, o Cladir é o

¹¹ Esse grupo, criado em 2009, é fomentado pelo Setor de Produção do MST, a Cooperativa Central dos Assentados da Reforma Agrária do Estado do Rio Grande do Sul – COCEARGS é a gestora e a empresa IMO Control é a certificadora. Este grupo é formado por coordenadores de grupos organizados nos assentamentos da região metropolitana que produzem hortaliças, plantas medicinais ou frutas. Funciona da

coordenador do grupo de quatro famílias e, portanto os representa neste espaço.

Embora a produção orgânica dessas quatro famílias não seja realizada de forma coletiva, eles ainda se identificam como um grupo. Essa relação de identidade¹² foi construída com base em fatores históricos de luta social e vivência comunitária. Eles têm muito em comum, como a firmeza e a vontade de se manter da renda do trabalho com a agricultura orgânica para viver no campo. Também são pontos fortes para a manutenção do caráter de grupo as relações de vizinhança, o compadrio entre as famílias e a execução de algumas parcerias na produção e na comercialização dos produtos.

seguinte maneira: cada grupo de produção tem um coordenador que participa das reuniões do grupo gestor, as reuniões acontecem a cada dois meses e trata de questões como produção, formação e capacitação, certificação e comercialização. Este grupo tem autonomia para decidir sobre o destino da produção e buscar novos mercados.

¹² De acordo com Castells (1999) Apud Veras (2005), identidade é fonte de significado, ela é construída a partir das experiências e relações sociais que atores sociais estabelecem dentro de um contexto econômico, político e social – que se transformam ao longo dos tempos – e que constroem não um indivíduo, mas um ator social coletivo. Identidades organizam significados.

Capítulo III

As histórias das famílias, as unidades de produção e as estratégias adotadas

1. Trajetórias de vida: as famílias e suas histórias

1.1. Sempre agricultores

Cladir Antônio Hochmann, 50 anos, é casado com Rosa P. Hochmann, 45 anos. Juntos têm dois filhos: Moisés, 25 anos e Daniela, 22 anos. Cladir é filho de pequenos agricultores, natural de São Valentim, região do Alto Uruguai, norte do estado do Rio Grande do Sul. Seus pais são naturais da mesma cidade e tiveram uma vida essencialmente no meio rural como pequenos agricultores. Com os filhos ainda pequenos se mudaram para a cidade de Erval Grande, na mesma região. Cladir foi educado nesse ambiente rural, onde trabalhava com seus pais e irmãos na lavoura de propriedade da família e em pequenas áreas arrendadas por eles.

Tinham como principais atividades na agricultura o plantio de milho, aipim, trigo e a criação de gado de leite. Praticamente todas as necessidades alimentares da família eram supridas com a produção da propriedade. Aos poucos, a propriedade da família foi ficando pequena para o número de pessoas conseguirem tirar o sustento econômico e alguns irmãos optaram pelo trabalho na cidade, mas logo desistiram.

Cladir, como ele mesmo diz, não teve oportunidade de estudar já que o trabalho na lavoura com o pai e os irmãos ocupava todo o tempo, além do que a escola era bem distante de onde moravam. Aos 19 anos resolveu experimentar o trabalho na cidade, onde ficou por 10 meses. Como teve problemas de adaptação voltou para a propriedade dos pais e seguiu com os trabalhos da família na lavoura. Aos 23 anos se casou com Rosa, que é natural de Erval Grande e também é filha de pequenos agricultores dessa região. Ela trabalhou na lavoura com seus pais e irmãos desde criança, fazendo trabalhos como capina, plantio e trato com os animais, também ajudava mãe com as atividades da casa.

Cladir e Rosa sempre trabalharam com agricultura. Quando moravam e trabalhavam com os pais, a forma de manejar a terra era a tradicional, altamente influenciada pelos colonos italianos e alemães, que quando vieram para o Brasil trouxeram com eles as suas práticas e ferramentas. Basicamente, as práticas adotadas pelas famílias de Cladir e Rosa eram a aração com junta de bois, capina com enxada, adubação com esterco bovino no plantio das culturas de auto-consumo. Nunca haviam usado fertilizantes químicos sintéticos ou qualquer tipo de agrotóxico antes de chegarem ao assentamento.

“Sempre trabalhei na lavoura, sempre gostei, trabalhava com o pai e os irmãos. Como a terra era pequena, a gente arrendava dos outros. Isso acontecia muito, era uma região de pequenos agricultores e naquela época as famílias eram grandes, em média 8 ou 9 filhos, e as terras eram pequenas”. (Cladir)

Por volta de 1982, Cladir, que sempre se interessou por questões políticas, começou a participar do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município. Foi nesses espaços de encontros e reuniões que conheceu alguns integrantes do MST. Já nessa época, nas reuniões do sindicato, debatiam a questão agrária no Brasil e os problemas enfrentados pela pequena agricultura no município de Erval Grande e região, onde o avanço das tecnologias de produção convencional, como o uso intensivo de maquinários e os agroquímicos estavam se intensificando rapidamente, e como consequência, muitas famílias de pequenos agricultores estavam vendendo suas terras para os latifundiários ou para pagar dívidas adquiridas na produção convencional.

“Sempre gostei das questões políticas, na época os sindicatos eram fortes, debatiam as questões agrárias. Comecei a participar das reuniões, fui visitar uns acampamentos, ainda não tinha o MST, eram acampamentos da igreja e dos sindicatos. Também participei das reuniões quando estavam criando o

movimento, fui me entrosando, reunimos um grupo de sem-terras e começamos a discutir, formamos um núcleo forte e fomos nos organizando pra ocupar a Fazenda Anonni, juntamos 32 famílias de Erval Grande". (Cladir)

Nesse mesmo ano, com um grupo de integrantes do MST, Cladir foi conhecer um acampamento de famílias na cidade de Erval Seco. Em 1985 ajudou a organizar um grupo de famílias na cidade de Erval Grande, quando começaram a discutir as questões agrárias do município e acabaram formando um grupo que ocupou a Fazenda Anonni, onde ficaram acampados.

Cladir e Rosa decidiram fazer parte do MST e ir para o acampamento, segundo eles, não só por terem consciência política dos fatos que estavam acontecendo no meio rural na época, mas também pelo fato que, mesmo casados, continuavam morando com os pais de Cladir. Como tinham pouca área para o plantio, não estavam conseguindo tirar renda da pequena produção e ficava cada vez mais inviável morar e trabalhar na propriedade dos pais e dividir a área com os outros irmãos. A família necessitava então, de mais terra para poder ter renda e se manter.

Conforme Cladir, o acampamento era um "*marco na ocupação de latifúndios no estado do Rio Grande do Sul e marca a oficialização do MST*", os conflitos com jagunços e com a polícia eram constantes. O clima era tenso e faltavam alguns itens básicos de sobrevivência como alimentos e medicamentos, mas Cladir e Rosa tinham a firmeza de seguir adiante na conquista da terra.

O primeiro filho do casal, Moisés, nasceu no acampamento na Fazenda Anonni. Cladir e Rosa sempre participaram das atividades políticas e de organização do acampamento. Ele, durante a época do acampamento, viajou para outras cidades participando de outras ocupações e ajudou a organizar novos acampamentos. Ocuparam a Fazenda Palma no município de Capão do Leão, região sul do estado e parte do grupo coletivo ficou neste acampamento por alguns meses. Durante este tempo, era o ano de 1987, a área da Fazenda Itapuí foi ocupada, e alguns meses depois liberada pelo INCRA para a implantação do Assentamento Itapuí.

No assentamento mantiveram o mesmo grupo coletivo de produção que já existia no acampamento, com exceção de algumas famílias que foram assentadas em outras áreas. Segundo eles, a dificuldade em administrar a produção e a comercialização foi o um grande impulso para o insucesso do grupo. Inicialmente faziam o preparo do solo com aração e gradagem, chegaram a utilizar fertilizantes químicos sintéticos poucas vezes, mas também utilizavam esterco bovino, e algumas plantas de cobertura. No grupo, trabalharam alguns anos de forma coletiva, depois resolveram seguir o trabalho de forma individual.

Depois da separação do grupo, Cladir e Rosa tentaram várias formas de produção e comercialização, trabalharam com leite, hortaliças e principalmente, melão. Na época levavam alguns produtos para o CEASA e para o comércio local. Também plantaram milho e outros grãos, mas logo viram que o ambiente da região era muito diferente de onde eles vieram, e a produção fracassou. Em outro ano plantaram melão e como tiveram sucesso com a venda, no ano seguinte compraram um trator e investiram novamente no cultivo de melão. A produção foi muito boa, porém como não tinham planejado a venda, perderam toda a produção e ficaram com dívidas. Desde então Rosa começou a trabalhar em Porto Alegre como diarista alguns dias por semana.

A partir desse ponto da trajetória da família, eles começam a transição para a agricultura orgânica como opção de trabalho e geração de renda no assentamento. Nessa época a feira da COOLMEIA¹³ era uma grande referência e estavam sendo organizadas outras feiras em Porto Alegre. No assentamento havia o debate e o incentivo à produção orgânica e algumas famílias já estavam transitando da produção convencional para a orgânica.

Cladir e Rosa começam a fazer a feira e investem na produção de hortaliças orgânicas nessa época, segundo Cladir, o maior incentivador para ele foi o Gladimir, o agrônomo da COPTec que na época prestava assistência técnica ao assentamento.

¹³ A Cooperativa Ecológica COOLMEIA foi fundada em 1978, foi uma das entidades pioneiras no incentivo ao consumo e ao cultivo de produtos ecológicos no Brasil, com sede em Porto Alegre. A feira se inicia com o apoio de outras entidades não governamentais e movimentos sociais em 1989 (MARQUES, 2009, p 82)



Figura 1: Cladir na Feira da Secretaria de Agricultura de Porto Alegre (“Feira do Menino Deus”). Agosto de 2008.

Até hoje a família trabalha com as feiras, fazendo quatro feiras por semana, duas em Canoas (região metropolitana de Porto Alegre) e duas em Porto Alegre (Figura 1). Cladir vai pessoalmente em duas feiras (às quartas-feiras e sábados) em Porto Alegre e para as feiras de Canoas ele contrata um ajudante. Rosa trabalha em Porto Alegre como diarista dois dias por semana. São associados da Associação AGE – Agricultores Ecológicos, que organiza as feiras em Porto Alegre.

Vivem no assentamento, hoje, duas pessoas (Cladir e Rosa), mas somente o Cladir exerce, em tempo integral, atividade produtiva no lote. Rosa ajuda em algumas atividades nos dias em que está em casa. Segundo Rosa, quem define as atividades na unidade de produção é o Cladir; ela só ajuda em alguns plantios e na colheita e preparo das hortaliças para a feira. Os filhos saíram de casa para estudar.

“Eu dedico o meu tempo total, até domingo, eu paro só domingo a tarde. Eventualmente eu contrato um ajudante para a produção, mas quase não se encontra gente boa pra trabalhar, para as feiras eu preciso de gente toda semana.” (Cladir)

Acreditam que está cada vez mais difícil manter a juventude no campo e obter renda da pequena agricultura, pois além da penosidade do trabalho, principalmente nas hortaliças, o tempo que resta para o lazer é muito pequeno, o que faz com que optem por estudar e buscar outras atividades fora da zona rural.

“Eu tenho bastante orgulho dos meus pais, não só por causa do trabalho que eles desenvolvem, mas pela clareza com eles fazem esse trabalho, o carinho, o amor o cuidado que eles tem pela terra. Eu comecei a perceber isso, todo esse cuidado especial que eles tem com a terra, porque não é só trabalhar para sustentar a família, tem um sentimento de amor por essa terra conquistada. Isso tudo é muito importante, e eu fico bastante orgulhoso por isso, eles estão fazendo com que a terra cumpra com sua função social.”(Moisés)

Vivem praticamente da renda da produção de hortaliças orgânicas (Figura 2); o que a Rosa recebe como diarista na cidade, segundo eles, não é muito, mas ajuda na manutenção mensal e nos planos de investimento da família.



Figura 2: Cladir e Rosa na área de hortaliças. Agosto de 2010.

Quando questionado sobre o trabalho na agricultura, o casal responde que estão fazendo o que gostam e que já faz parte da cultura deles o trabalho na agricultura, e que não abandonariam se tivesse outra opção de vida. Segundo Cladir, jamais iria para a cidade trabalhar como empregado. Afirma que hoje não está fácil o trabalho dos pequenos agricultores e a organização em associações, principalmente para a comercialização é fundamental.

“Bem ou mal a gente conseguiu se organizar dentro de uma organização social, a nossa relação com os companheiros da Associação é muito boa, a gente comercializa um o produto do outro, e quem conseguiu fazer essas relações de vizinhança e parceria conseguiu se estruturar no assentamento. Dentro da nossa associação a gente consegue viver bem e organizar nossa produção, se estruturar e ajudar os filhos a estudar”. (Cladir)

As dificuldades apontadas pelo casal são a falta de mão de obra e segundo Rosa, as sobras das feiras. Ela afirma que

seria necessário uma estrutura de beneficiamento no assentamento, para assim as famílias que trabalham com as feiras beneficiar parte da produção (fazendo compotas) e diminuir as perdas. Afirmam que não existem dificuldades na produção, já conseguiram afirmar manejos e técnicas e evitar problemas com insetos ou doenças.

Quando questionado sobre o que motiva a família a continuar com esta estratégia de produção, Rosa responde:

“Além do econômico, vale a pena por causa da nossa saúde, a gente se alimenta bem e também dá oportunidade de outras pessoas na cidade comprarem alimentos saudáveis, se você quiser pode ir lá na lavoura e comer um brócoli. Então, a saúde da pessoa é o que mais importa, não sei até onde a gente ia conseguir chegar trabalhando no convencional”.

“A natureza agradece, parece que até o cheiro do ar é outro aqui. O ambiente aqui no meu lote é outro. O prazer de plantar ecológico conta muito, você sabe que não tem nada contaminado. Também deu pra ajudar os filhos a estudar, se estivesse no convencional a gente já tinha quebrado”.
(Cladir)

1.2. Uma grande família e pouca terra

Adir José Pinto, hoje com 49 anos, é natural de Erval Seco, uma região de pequenas propriedades rurais no noroeste do RS, sempre foi agricultor. Vive no Assentamento Itapuí com sua filha mais nova, Vanessa de 18 anos e seu filho Elizandro de 23 anos. Há quatro anos se separou da mulher, que foi morar na cidade.

Adir sempre viveu no meio rural, onde desde cedo aprendeu a trabalhar com as atividades cotidianas do campo, como o plantio e a criação de animais. Seus pais são pequenos agricultores típicos daquela região. Ele relata que sempre ajudou seus pais nos trabalhos da casa e lembra que nunca usaram

agrotóxicos ou fertilizantes químicos sintéticos, nem conheciam esses produtos.

A prática da aração da terra era feita com arado puxado por bois, a capina para a eliminação de plantas espontâneas e a adubação realizada com esterco de animais eram as práticas utilizadas durante muitas décadas.

Segundo Adir, a família nunca chegou a usar as tecnologias da agricultura moderna, como os fertilizantes químicos sintéticos ou agrotóxicos. As sementes eram sempre produzidas ou trocadas na vizinhança. O que produziam dava para alimentar toda a família e ainda vendiam a produção nos pequenos mercados locais.

Filho mais velho entre nove irmãos, Adir, por um ano resolveu trabalhar na cidade, mas logo desistiu, porque o tipo de trabalho e vida na cidade não era o que ele estava acostumado a fazer e não se sentia apto para a vida urbana, mesmo sendo numa pequena cidade de interior. A terra que a sua família possuía, aos poucos, foi se tornando insuficiente para o sustento de todos e para o estabelecimento dos irmãos e de suas famílias.

Como sempre se identificou com o trabalho na agricultura, afirma que tinha certeza que iria viver sempre do trabalho com a terra. Adir resolveu acampar para garantir seu futuro no campo, já que a terra da família não iria ser o bastante para todos os irmãos. O primeiro acampamento que participou foi em Palmeiras das Missões, um acampamento onde estavam organizando as famílias para a primeira ocupação oficial do MST na Fazenda Anonni, no município de Sarandi.

Esteve acampado durante 03 (três) anos na Fazenda Anonni. Lá fazia parte do mesmo grupo que o Cladir, onde tinham planos e faziam diversos debates sobre o modelo de agricultura moderna, as formas de cooperação e muito raramente discutiram alguma coisa sobre a produção orgânica.

“A gente não falava de produção orgânica naquela época, a gente tava mais preocupado em ter terra pra trabalhar. Até mesmo porque não se falava tanto como se fala agora na importância da preservação do meio ambiente e da saúde.”

(Adir)

Os anos de acampamento na Fazenda Anonni foram difíceis, os confrontos com a polícia e os jagunços eram constantes e as dificuldades eram grandes, como a falta de alimentos e o grande número de crianças doentes. Acredita que se fortaleciam no grupo coletivo de discussão, pois eram todos da mesma região, tinham a mesma origem e costumes com relação ao trabalho no campo, além de terem o mesmo objetivo.

Depois desses anos na Fazenda Anonni Adir foi para a Fazenda da Palma, no município de Capão do Leão, sul do RS, onde ficou 7 (sete) meses juntamente com os outros companheiros (Cladir, Olair e Olímpio). Em seguida ocuparam a Fazenda Itapuí e logo foram assentados.

O assentamento era dividido em duas glebas, Itapuí de baixo e Itapuí de cima; o grupo coletivo que Adir também fazia parte ficou na de baixo. Já nessa época constituíram uma associação e todo o trabalho era coletivo. Com a mesma idéia todos se engajaram na produção de grãos no sistema convencional e perderam todo o investimento que haviam feito.

Após a dissolução da associação e a individualização da produção, Adir junto com Cladir e outro companheiro se engajaram no plantio de melão e melancia. Após tentativas e erros na produção de frutas e grãos, e com o incentivo do Cladir que estava plantando e fazendo feira havia dois anos, começou a se interessar pela produção orgânica.

“Eu estava no convencional, plantava e vendia pra CEASA, mas era uma exploração terrível. Na associação a gente já tinha planos de plantar orgânicos, tinha muitas dificuldades, aí uns começaram e os outros aos poucos foram junto. Quando eu comecei o Cladir já tava plantando e me incentivava.” (Adir)

Adir começou plantando no lote do Cladir, onde trabalharam juntos durante dois anos, e depois ele decidiu trabalhar em seu próprio lote, pois a distância que ele percorria todos os dias era muito grande e acabava tomando bastante tempo de trabalho. Nesse momento já estavam fazendo feira duas vezes por semana e a procura por alimentos orgânicos por parte dos consumidores urbanos só crescia (Figura 3).



Figura 3: Adir durante a Feira na Secretaria de Agricultura em Porto Alegre. Agosto de 2008.

Adir segue com a produção de hortaliças e fazendo, assim como Cladir, quatro feiras por semana. Inclusive uma das feiras eles fazem juntos, onde numa mesma banca colocam os produtos dos dois. Como Adir vai às feiras junto com Cladir, os produtos são levados no caminhão do Cladir. Adir também é associado da Associação AGE.

Em sua unidade de produção trabalham ele e seu filho mais velho, que em 2009 retornou para o assentamento, após ter ido morar em Porto Alegre por alguns anos, e sua filha em tempo parcial. Quem define as atividades é o próprio Adir, a filha ajuda em alguns plantios e transplantes, o filho ajuda integralmente nas atividades. De forma geral, trabalham em tempo integral ele e o filho, a filha ajuda parcialmente na produção de hortaliças e faz os serviços de casa.

Ele se mostra satisfeito com o seu trabalho e com as feiras, afirma que a renda poderia ser um pouco maior, mas que tem aumentado a cada ano. Adir também afirma sua satisfação e alegria com o trabalho na agricultura e a vida no assentamento, diz que “não se imagina fazendo outra coisa, ou vivendo em outro lugar”.

1.3. A militância política e a permanência no campo

Olair Nunes dos Santos, nasceu no município de Redentora, noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Os seus pais eram pequenos agricultores dessa região e Olair sempre trabalhou com sua família, os pais e os onze irmãos na agricultura. Desde a infância sempre esteve em contato com as *lidas* do campo.

Segundo Olair, a cidade onde eles viviam e trabalhavam era basicamente de pequenos produtores rurais, uma pequena parte da população vivia na cidade. O solo era pedregoso e de cor vermelha, muito fértil para a agricultura. Eles plantavam de tudo e também tinham criações animais. Nunca tinham entrado em contato com agrotóxicos ou fertilizantes químicos sintéticos e todo o preparo do solo era feito com tração animal. Como a família cresceu muito, começou a faltar espaço e aos poucos os filhos foram buscando cada um os seus caminhos.

Nessa ocasião, Olair pegou algum dinheiro e foi para a cidade de Porto Alegre para tentar estudar. Ficou um tempo por lá e depois foi para a cidade de Novo Hamburgo, região metropolitana de Porto Alegre. Logo viu que a vida na cidade não era a melhor opção para ele e voltou ao local de origem, onde moravam os pais e os irmãos.

“Resolvemos ir com toda a família para o estado do Pará, pois na época tinha muita proposta de trabalho na zona rural do norte do país. Tinha muito gaúcho indo pra lá. A promessa era que se conseguia adquirir terra fácil para plantar. Lá no Pará foi trabalhar de peão em uma fazenda, onde fazia de tudo um pouco”. (Olair)

Na época, naquela região, as entidades que lidavam com as causas sociais do campo também começaram a se instalar, isso por causa da intensa movimentação de trabalhadores rurais assalariados, vindos de todo o país para trabalhar em péssimas condições nas fazendas. Olair, que sempre se interessou por questões políticas, começou a participar, através das Comunidades Eclesiais de Base – CEB, das reuniões da

Comissão Pastoral da Terra – CPT, onde eram debatidas as questões agrárias, principalmente sobre a grilagem de terras.

Quando voltou para o estado do RS o MST estava em processo de fundação e havia um grupo na cidade que estava discutindo e debatendo as questões agrárias da região. Acabou se envolvendo com esse grupo, que já estava pensando e planejando as primeiras ocupações de terras. Nesse tempo, Olair também participava das reuniões do Sindicato dos Trabalhadores Rurais; ajudou a fundar o Partido dos Trabalhadores - PT no município e também fazia parte da Pastoral da Juventude Rural - PJR.

Nessa época, com a ocupação da Fazenda Anonni, decidiu ir com mais oito irmãos para o acampamento. No acampamento estavam organizados em grupos de debates e também na divisão de atividades que precisavam ser realizadas. Era preciso organizar a alimentação, água, higiene e saúde, infraestrutura e barracos, fazer contatos com políticos e colaboradores na cidade e, além de outros, fazer guarda, pois os conflitos com jagunços eram constantes.

Durante essa época em que estava acampado foi escolhido pelo grupo e pelo acampamento para fazer trabalho de base em outros estados, pois o MST estava começando a se organizar no país.

“Viajei por tudo que é lado ajudando a debater as propostas de Reforma agrária e a organizar gente para fazer ocupação. Viajei pelo Norte e Nordeste, tanto pelo MST como nos debates do partido (o Partido dos Trabalhadores). Ajudei a organizar o MST no Sergipe”. (Olair)

Conheceu Maria Gorete M. A. Nunes, hoje sua esposa, no estado do Sergipe, nordeste do país. Gorete também fazia parte da CPT e do PT. Conheceram-se nesse meio de militância política e dedicação à causa do trabalhador rural sem terra. Segundo o casal, acabaram namorando e casando de tanto que andavam juntos de moto pelo nordeste do país, realizando o trabalho de base no meio rural.

Gorete e Olair retornaram para o RS na época que a área da Fazenda Itapuú foi desapropriada, e, assim, foram assentados.

Quando chegaram ao local já havia alguns grupos de produção formados e trabalhando de forma coletiva na nova área.

Logo que chegaram ao assentamento nasceu o primeiro filho, Sandino Argolo Nunes. Na época eram muitas as dificuldades. As condições de infra-estrutura no assentamento eram precárias e o frio, principalmente, para a Gorete que é nordestina, incomodava bastante. Também têm uma filha adotiva, a Janaína, que hoje é casada, tem um filho e mora num assentamento na fronteira oeste do estado.

Já naquela época faziam parte do grupo coletivo. A Gorete sempre insistia na produção ecológica de alimentos, pois tinha conhecido algumas experiências de sucesso através do trabalho na CPT. Trabalharam uns 4 (quatro) anos com agricultura convencional no coletivo, mas o casal relata que, em pouco tempo já apareceram casos de pessoas do grupo com problemas de saúde (dor de cabeça e ânsia de vômito).

Com a separação do grupo e a individualização da produção, Olair começou a trabalhar com as hortaliças. Eles plantavam batata-doce, mandioca, abóbora, e outros. Entregava nos comércios locais e fazia cestas para distribuir em Nova Santa Rita e Porto Alegre. Tiveram mais uma filha, a Maíra A. Nunes. A Gorete trabalhava e estudava de noite, fez faculdade em instituição particular e se formou no Curso de História com habilitação em Geografia. Há muitos anos é professora na escola do assentamento e em uma escola técnica¹⁴ organizada pelo MST. Gorete foi uma das propulsoras da agricultura orgânica no assentamento, Olair atribui a ela a tomada de decisão para começar o trabalho com hortaliças orgânicas.

“Eu devo muito à Gorete, foi ela que me motivou, eu sou apaixonado pelo que faço, mas a Gorete é que estimula, ela é quem ‘bate palma’. Até estou muito feliz com tudo isso, e é igual construir uma família, tem que estar preparado”. (Olair)

Hoje vivem no lote, Olair, Gorete, e Sandino e sua esposa (que está grávida). A filha Maíra teve uma filha, casou e foi morar na cidade de Nova Santa Rita. Olair e Sandino, que é

¹⁴ Instituto Educar, localizado no município de Pontão. É organizado pelo MST, e lá são ministrados cursos técnicos formais de formação em Agroecologia.

técnico agrícola, fazem o trabalho com as hortas (Figura 4). Olair está em tempo integral no lote, Sandino em tempo parcial, e Gorete ajuda com as mudas, colheita e preparo para as feiras eventualmente. Eles fazem quatro feiras, em Porto Alegre (Figura 5) e Canoas, Sandino e Olair vão às feiras.

“Sempre sonhei em morar num lugar como esse, morar num sítio, ter comida boa para os meus filhos, trabalhar com agricultura ecológica. Eu trabalho fora, estudei, mas o tempo que estou aqui eu estou ajudando o Olair, eu acho muito bonito tudo isso que ele faz”. (Gorete)



Figura 4: Sandino e Olair na horta. Novembro de 2009.

Com relação ao uso de agrotóxicos e fertilizantes solúveis, Olair e Gorete argumentam que antes de virem para o assentamento, nunca tinham entrado em contato, pois suas famílias sempre plantaram sem a utilização desses insumos. Depois que se individualizaram na organização da produção, nunca mais usaram esses produtos no lote.



Figura 5: Olair chegando na feira na Secretaria de Agricultura em Porto Alegre. Agosto de 2008.

“Cada pé de coisa que eu tenho aqui eu devo à minha família, eu faço tudo isso aqui por eles, e também devo à natureza, o que a gente faz por ela, a gente recebe em troca”. (Olair)

Para a família, a qualidade de vida obtida com a produção orgânica melhorou muito, principalmente com relação à alimentação, à renda, às relações na família e à consciência da necessidade de conservação dos recursos naturais.

“Nossa vida só tem melhorado, o trabalho cada vez aumenta mais também, mas hoje podemos dizer que somos vencedores, que estamos conseguindo concretizar os planos de viver no campo com uma vida saudável para a família e o meio ambiente. Ainda temos muita coisa pra melhorar, pra chegar mais próximo do natural, tanto no manejo adotado como na alimentação, mas já avançamos muito, isso aqui, esse lugar que a gente vive, é o paraíso”. (Gorete)

Com relação ao trabalho no campo, a família acredita que está no caminho certo. O cultivo da terra de forma ecológica faz parte da sua cultura; acham que não há outra forma de sobreviver no campo. A Gorete é a grande incentivadora desse processo. A família não tem planos de sair do assentamento, inclusive os filhos planejam sua vida no assentamento.

1.4. Trajetórias entre o campo e a cidade

Olímpio Vodzik nasceu na zona rural, no município de Erval Grande, noroeste do estado do RS. O pai era fotógrafo e não trabalhavam com agricultura mesmo morando na zona rural. Morou junto com a família na cidade de Erechim, depois retornaram para a zona rural, em Erval Grande. Olímpio também chegou a trabalhar certo tempo em Porto Alegre.

Azilda Ristow é natural do estado do Espírito Santo e morou alguns anos com a família em Minas Gerais. Em 1976 veio para o RS, onde trabalhava com crianças carentes na cidade de São Leopoldo. Ela fez o curso de Técnico em Contabilidade, trabalhando alguns anos num escritório contábil. Porém, nunca esteve satisfeita com a profissão, pois não tinha afinidade com os trabalhos burocráticos e tinha vontade de voltar a trabalhar com crianças e com ervas medicinais, atividade que já havia desenvolvido antes.

Ao tomar conhecimento de uma clínica de tratamento natural em São Paulo foi morar na cidade e ficou por lá certo tempo onde estudou e praticou a fitoterapia e outras terapias alternativas, como as massagens. Certo tempo depois voltou pra São Leopoldo, no RS, onde morou com sua irmã. Em 1986 foi para Gramado trabalhar em outra clínica de tratamentos naturais, onde teve a oportunidade de fazer vários cursos de massagens e medicina natural. Zilda sempre morou na cidade, nunca foi do campo, porém o trabalho com as plantas medicinais sempre a aproximou da agricultura.

Foi através da CPT que Olímpio se aproximou das organizações do campo, acampou a primeira vez numa Fazenda em Palmeiras das Missões, que foi uma espécie de preparatório para a ocupação da Fazenda Anonni. Em seguida, junto com outros companheiros de Erval Grande, foi para o acampamento

da Fazenda Anonni. Depois de certo tempo os irmãos também vieram a fazer parte do acampamento.

Olímpio nunca tinha participado de sindicatos nem de grupos de jovens. Engajou-se na divulgação e nas coordenações do acampamento participando ativamente. Fazia parte do grupo do Erval Grande com 36 famílias, grupo que depois se dividiu em dois por afinidade de debates e trabalhos. De forma geral, militou atuando em diferentes frentes e participou de diversas ocupações e marchas no estado do Mato Grosso, São Paulo e RS.

Em 1987, várias áreas foram ocupadas por trabalhadores sem terra em partes diferentes do estado, inclusive a Fazenda Itapuú, conta Olímpio. O grupo decidiu ir pra Fazenda da Palma, município de Capão do Leão. Olímpio ficou na Fazenda Anonni, pois fazia parte da coordenação do assentamento e tinha atividades políticas a serem cumpridas por lá. Um ano depois se juntou ao grupo, e decidiram ir para Fazenda Itapuú, pois as possibilidades de criação do assentamento eram grandes.

Quando chegaram na fazenda havia somente gado e eucalipto, e os recursos naturais estavam degradados. No assentamento seguiram com o grupo coletivo e montaram uma associação. Logo tiveram dificuldades financeiras depois do plantio de grãos que fracassava, ou a comercialização que não acontecia. O grupo usou adubos solúveis e agrotóxicos, mas a partir de 1990 abandonaram o uso desses insumos. Depois que o grupo foi dissolvido, e cada um seguiu fazendo suas atividades de forma individual, Olímpio optou por abandonar a agricultura convencional.

“Eu vim assentar aqui sozinho, na época não tinha sorteio de lotes era tudo consenso, ninguém queria ficar aqui nesse lote da sede da fazenda, como eu estava sozinho eu decidi ficar aqui na sede, já tinha essa casa grande e mais outra casa menor ali atrás”. (Olímpio)

Começaram com o trabalho com agroecologia através do CAPA que realizava oficinas e cursos de recuperação de solo com algumas famílias do assentamento. Porém, essas atividades

não foram bem aceitas pela maioria das famílias, já que as famílias esperam resultados produtivos imediatos.

Olímpio e Azilda já haviam se conhecido anteriormente em um desses cursos. Nessa época ela estava trabalhando no CAPA e reencontrou Olímpio. Em 1991, se casaram e Azilda veio morar no assentamento. No início foi difícil se acostumar, pois sempre morou na cidade. Durante muitos anos, logo depois de casados, Azilda trabalhou como doméstica em Canoas.

Têm três filhos, Gabriel de 22 anos, Felipe com 18 anos e Gustavo com 14 anos. Investiram na produção de cana-de-açúcar orgânica e de frutas. Após algum tempo começaram com o cultivo de morangos orgânicos.

Gabriel, o filho mais velho, está trabalhando como técnico na COTAP – Cooperativa dos Trabalhadores Assentados da Região de Porto Alegre¹⁵, só vem para casa nos fins de semana. Antes Gabriel constituía uma importante força de trabalho, hoje o Felipe ajuda meio período (Figura 6), mas é Olímpio que se dedica integralmente à produção. Gustavo está fazendo colégio técnico e também só vem nos fins de semana. Azilda faz as geléias e compotas e ajuda em algumas atividades produtivas, como plantio e colheita do morango. Azilda também faz atendimentos em casa, ela é massagista. O plano da família é tornar o local um centro de tratamento alternativo, onde as pessoas poderão vir se hospedar, fazer massagens, consumir alimentos orgânicos e vivenciar o espaço rural de forma turística.

“Às vezes eu me frusto, o trabalho da mulher não aparece, a gente trabalha o dia todo e ainda falam: ‘você só fica em casa?’. O trabalho da casa, mais as geléias, compotas, os pães no fogão a lenha, cortar lenha, manter o jardim, a horta, e parece que a gente não faz nada, porque a atividade dita produtiva é o Olímpio quem faz, engraçado isso”. (Azilda)

¹⁵ Essa cooperativa organiza a comercialização do arroz orgânico dos assentamentos da região metropolitana, sua sede está localizada em Eldorado do Sul.



Figura 6: Felipe e Gabriel colhendo morangos. Novembro de 2009.

Realizam a comercialização em casa, vendendo compotas e geléias e frutas, cachaça e licores. Também vendem os produtos na feira, o Cladir vende na banca alguns produtos deles, principalmente, morango *in natura*. Estão fazendo feira aos sábados em Canoas, o Gabriel e o Felipe que fazem essa feira.



Figura 7: Azilda (no fundo) e Olímpio mostrando o manejo do solo com palhada no cultivo do morango.

Azilda e Olímpio afirmam que estão muito felizes com o que fazem, sempre sonharam em fazer agroecologia e trabalhar com turismo rural, aos poucos estão alcançando os objetivos (Figura 7). Com relação ao trabalho na agricultura, o casal e os filhos afirmam que estão fazendo o que gostam e que pretendem cada vez mais avançar na produção, em quantidade e qualidade, de produtos orgânicos produzidos, e na construção de um sistema produtivo mais próximo possível dos sistemas naturais.

“Sempre sonhei em criar os filhos em ambiente saudável, no meio rural, com boa alimentação, e isso depois de muita luta estamos conseguindo”. (Azilda)

2. Caracterizando as unidades de produção e as estratégias adotadas

2.1. A produção orgânica de hortaliças e o impulso pelas feiras

Além da produção de hortaliças, no lote de 14,70 ha, Cladir e Rosa produzem muitas variedades frutíferas, principalmente citros (limão, laranja e bergamota), caqui, pêssego, uva, banana, entre outras, que usam na alimentação da família e algumas são comercializadas. As hortaliças de inverno e verão plantadas somam mais de trinta variedades, em cerca de 2,5 hectares (há).

Também plantam outros itens para o auto-consumo familiar, como a mandioca, o feijão e as abóboras, e criam galinhas e frangos. O que não conseguem produzir, como o arroz, o queijo e algumas frutas, eles trocam durante as feiras onde comercializam seus produtos.

No lote estão mantidas as APP e as fontes de água, cerca de vinte por cento do lote é coberto com mata nativa. A família observa que as áreas de florestas diminuíram no assentamento nos últimos anos, com exceção das áreas onde se localizam os produtores orgânicos que se mantiveram preservadas. No lote existem dois açudes de onde é tirada a água de irrigação.

Com relação à infra-estrutura básica e produtiva, a família acredita que ela oferece perfeitas condições de trabalho e moradia, como luz elétrica, água de boa qualidade e fossas para tratamento do esgoto. Possuem no lote duas casas de alvenaria em ótimas condições, transporte particular, caminhão baú para comercialização das hortaliças, dois galpões de madeira, trator e alguns implementos, câmara fria, sistema de irrigação e estufa para a produção de mudas. As estruturas foram adquiridas com o trabalho da família e através de créditos rurais acessados via banco para custeio ou investimento na agricultura, via PRONAF, e crédito habitação¹⁶ para reforma da casa. Os créditos acessados foram todos pagos.

¹⁶ Crédito acessado pelas famílias assentadas junto ao Programa Nacional de Reforma Agrária, faz parte do crédito instalação, na modalidade recuperação e reforma de casa.

Para o casal, a qualidade de vida obtida, principalmente com relação à elevação da renda bruta com a produção de hortaliças, que hoje chega a quatro mil reais e a diversificação alimentar, melhoraram muito após a ruptura com a agricultura convencional e transição para a agricultura orgânica.

“O que tem de mais importante é a família, pois você está produzindo saúde primeiramente para a família. A nossa e a dos consumidores (...).” (Cladir)

A família optou pela produção orgânica de hortaliças após ter uma experiência negativa com a produção convencional. No início Cladir não acreditava muito que poderia dar certo, apesar de já existir um grupo no assentamento que recebia apoio de organizações não governamentais para produzir e já tinham feiras organizadas em Porto Alegre e Canoas para a comercialização dos produtos. O técnico da COPTec que orientava as famílias na época teve papel importante, pois incentivou bastante e ajudou a organizar a produção e a comercialização de hortaliças.

O solo estava degradado pelos cultivos anteriores, e não havia muito tempo para reverter esse quadro, já que a família precisava se estruturar financeiramente e havia os espaços da feira que precisavam ser ocupados. Foi necessário muito trabalho, pesquisa de alternativas para a produção orgânica e conhecimentos técnicos, além de dedicação e persistência.

Relata a família que inicialmente, plantavam uma pequena variedade de folhosas, raízes e tubérculos. O preparo do solo era mecânico, com uso de uma gradagem e de enxada rotativa, e a cobertura do solo era feita com plástico, com exceção de alguns canteiros onde eram realizados cultivos mínimos, sem revolvimento do solo. Cladir afirma que era necessário a movimentação intensiva do solo, pois *“as hortaliças gostam de solo mais arejado”*, e a cobertura plástica também era necessária por causa da *“falta de mão-de-obra para capinar”*. Esse manejo foi feito desde o início da produção até esse ano, quando decidiram fazer plantio direto. Um dos problemas apontados pelo Cladir no uso de cobertura plástica é a dificuldade em remover os restos de plásticos que ficam espalhados pelos canteiros.

Também desde o início a adubação utilizada é a orgânica, através de cama de frango adquirido produção convencional de aves poedeiras, que sempre foi incorporado com uso da enxada rotativa. Também utilizam adubação verde (milheto e feijão miúdo) como cobertura e em rotação de cultura nos canteiros, biofertilizantes e urina de vaca.

Atualmente deixaram de fazer o preparo do solo com uso de gradagem e enxada rotativa, e Cladir está fazendo plantio direto e também deixou de usar o plástico como cobertura. Quando questionado sobre o porquê desse manejo, Cladir afirma que com uso de enxada rotativa e plástico a produtividade é maior, mas os custos também. Ele acredita que com o tempo ele alcançará a mesma produtividade com o plantio direto em cobertura verde e palhada (Figura 8).



Figura 8: Canteiros com cobertura plástica em agosto de 2008, e os mesmos canteiros com uso de plantio direto em agosto de 2010.

A cama de frango agora é utilizada em cobertura nos canteiros e também utiliza um maior número de consórcios entre espécies e variedades. Quanto à irrigação, utilizam fonte de água própria por meio de gotejamento e micro-aspersão.

Hoje produzem mais de trinta variedades em uma área de 2,5 ha, entre elas: hortaliças folhosas (acelga, agrião, alface, almeirão, chicória, repolho, couve, mostarda, salsinha, cebolinha), frutosas (abóboras, morangas, pepino, tomate, pimentão, berinjela), inflorescências e vagens (brócolis, couve-

flor, ervilha, vagem), raízes, bulbos e tubérculos (beterraba, cenoura, batatas, rabanete, cebola, alho, nabo, alho poro) e algumas frutas da época (amora, ameixa, melão, carambola, entre outras). Não realizam um planejamento sistematizado da produção; com a prática adquirida ao longo dos anos na atividade acreditam que não há necessidade.

“Quando nós trabalhava no coletivo planejava um pouco a produção. Agora não planejo muito, já tenho prática do que produz e o quanto vende. O planejamento é mais de cabeça. Às vezes falta produto, às vezes perde um pouco, mas não chega a atrapalhar, a dar perda econômica”. (Cladir)

Cerca de 90% das mudas utilizadas são produzidas por eles, com substrato feito com cama de frango. O plantio das mudas é feito em bandejas sob cultivo protegido. Grande parte das sementes é adquirida no comércio local, e apesar de algumas variedades não serem tratadas quimicamente, a grande maioria das sementes é oriunda do sistema convencional e híbridas. Conseguem produzir um pouco de sementes de variedades de brócolis, couve-flor e rúcula. Cladir aponta este como o ponto de maior dificuldade na produção, a aquisição de sementes de origem orgânica. Existem poucas variedades no comércio, principalmente aquelas exigidas pelos consumidores, como é o caso das variedades de tomate.

Como o trabalho na produção e a comercialização são realizados basicamente pelo Cladir, com o auxílio da Rosa em alguns poucos dias da semana, eles têm a necessidade de contratação eventualmente de mão-de-obra para auxiliar nos trabalhos, principalmente, colheita e plantio.

“Eu plantava milho cheio de veneno e não chegava a dar nem pendão. Hoje na mesma terra eu planto uma variedade bem maior e sempre tem colheita (...), é só cuidar da terra, manter a matéria orgânica, cobrir, que dá tudo.” (Cladir)

Utiliza a prática de deixar, de tempos em tempos, alguns canteiros em descanso, onde utiliza cobertura com espécies de

adubação verde como feijão miúdo, milho e aveia-preta, depois incorporam a palha dessas culturas para realização do plantio. A vegetação espontânea também é utilizada como cobertura verde em alguns canteiros em descanso (Figura 9). Utilizam o manejo das hortas em áreas de inverno e verão, já que no lote existem áreas baixas mais úmidas, ideais para os plantios de verão e áreas altas onde são plantadas as hortaliças de inverno.



Figura 9: Rosa, ao fundo área de hortaliças de verão com cobertura verde. Agosto de 2010.

Um dos grandes incentivos para iniciar a produção de hortaliças orgânicas foi a possibilidade concreta de comercialização dos produtos. Inicialmente começaram sozinhos nas feiras em Porto Alegre e Canoas, e eventualmente entregando em comércios locais. Depois conseguiram envolver mais dois vizinhos, dentre aqueles que faziam parte do grupo coletivo do início do assentamento. Constituíram, juntamente com outros camponeses do estado, a Associação Grupo Ecológico - AGE, é através desta que organizam as feiras.

Hoje fazem quatro feiras por semana, duas no município de Porto Alegre as quartas e aos sábados, e no município de

Canoas durante o sábado. A organização para a comercialização acontece semanalmente, não tendo nenhum planejamento a longo prazo.

Toda limpeza e o preparo dos produtos é feita na propriedade e a venda é direta ao consumidor. A qualidade dos produtos e a apresentação são cuidadosamente observadas. Na feira aproveitam para trocar alimentos que não produzem no lote. Existe uma ótima relação entre ele e os consumidores, e entre ele e os outros feirantes (Figura 10). Cladir considera o espaço da feira como importante ferramenta para divulgar produtos da Reforma Agrária.



Figura 10: Cladir e Adir na Feira em Porto Alegre (Feira do Menino Deus). Agosto de 2008.

“(...) algumas pessoas compram só porque é do MST, outros preferem não comprar por causa da bandeira, tem uns que até brincam: - Tira esse boné, cara!. Acredito que a feira tem grande importância na divulgação do MST”. (Cladir)

Atualmente estão fazendo juntamente com outros assentados e feirantes, a certificação orgânica dos seus

produtos. O processo acontece através da Associação de Produtores Agroecológicos, da Cooperativa Central dos Agricultores Assentados do RS – COCEARGS e do Instituto do Mercado Orgânico - IMO, empresa certificadora. Cladir é coordenador do grupo do assentamento e participa das reuniões do grupo gestor da região metropolitana¹⁷ Estão estudando as normas de certificação brasileira e buscando se enquadrar nas questões legais. A principal dificuldade apontada é adquirir as variedades de sementes não tratadas quimicamente no mercado. A Bionatur¹⁸ é a única marca de sementes de hortaliças agroecológicas da América Latina, porém não produz a grande maioria das variedades comercializadas nas feiras.

¹⁷ O grupo gestor é organizado pela COCEARGS, nele estão representadas através de seus coordenadores de grupo todas as famílias assentadas na região metropolitana que estão em processo de certificação de hortas, plantas medicinais e frutas. Este grupo debate questões de produção, certificação e comercialização.

¹⁸ Marca de sementes de hortaliças agroecológicas, produzidas por famílias assentadas e administrada pela Cooperativa Nacional Agroecológica Terra e Vida Ltda. – COONATERRA, uma empresa social organizada pelo MST.

Quadro 1: Resumo da Trajetória e Manejo adotado – Família do Cladir e Rosa.

Período	Atividade	Contexto rural e manejo adotado
1960 - 1984	Camponês. Tentou uma experiência e trabalho na cidade em 1980 e desistiu.	Trabalhava na propriedade de sua família, o manejo adotado era o da agricultura tradicional influenciada pelos colonos europeus: preparo do solo com arado de boi e adubação com esterco animal. Começa a participar de atividades no Sindicato Rural
1985 - 1988	Camponês. Em 1985 vão acampar.	Já casado com Rosa, ainda trabalhavam na propriedade do pai de Cladir. Bastante envolvido com as atividades políticas do Sindicato Rural e do MST, realiza visita a acampamentos e ajuda a organizar reuniões. Ficam acampados na Fazenda Anone e depois Fazenda Palma.
1988 - 1997	Camponês, assentados pela Reforma Agrária. Rosa começa a trabalhar como diarista na cidade.	Durante os três primeiros anos de assentados fazem parte do grupo coletivo de nove famílias que iniciam a produção com base na agricultura convencional. Quando se individualizam continuam trabalhando com agricultura convencional, com uso de fertilizantes nitrogenados, agrotóxicos e com pouquíssima diversidade.

1998 - 2000	Camponês, assentados pela Reforma Agrária. Rosa trabalha como diarista na cidade.	Inicia com a produção orgânica de hortaliças, abandonam o uso de insumos sintéticos. Iniciaram com pouca diversidade e foram aumentando a diversidade. A movimentação do solo é realizada com aração e enxada rotativa. Nessa época, também começam a ser realizadas as feiras.
2001 - 2010	Camponês, assentados pela Reforma Agrária. Rosa trabalha como diarista na cidade.	A produção orgânica foi ficando mais diversificada, começa a usar cobertura plástica de solo. Começa a usar rotação de culturas. A movimentação do solo é realizada com aração e enxada rotativa. No fim desse período começa a fazer plantio direto e deixa de usar cobertura plástica e enxada rotativa. Também nessa época ingressa no processo de certificação orgânica como coordenador de grupo.

Fonte: Dados coletados durante as entrevistas de campo.

2.2. A escolha da estratégia adotada e a parceria com o vizinho

Em seu lote de aproximadamente 15 ha no Assentamento Itapuí, vivem e trabalham Adir e seus dois filhos, Vanessa de 18 anos e seu filho Elizandro de 23 anos. Adir trabalha em tempo integral com a produção de hortaliças e a produção para o auto-sustento familiar. Semanalmente contrata a mão-de-obra de um vizinho para ajudar com as atividades produtivas.

Com relação ao assentamento, Adir argumenta que,

“Muitos assentados preferem trabalhar na cidade como empregado assalariado do que viver do trabalho com a agricultura. Antes, logo que chegamos aqui, as famílias ficavam mais no assentamento, hoje pela falta de organização e planejamento da produção as famílias acabaram desistindo, tem uns nas hortaliças plantando convencional, outros arrendando o lote de arroz, e poucos no orgânico, mas muita gente ainda planta alguma coisa pra comer, mesmo trabalhando fora”.

Desenvolve atividades como o plantio e a comercialização de hortaliças orgânicas (mais de trinta variedades) principal atividade desenvolvida, cria galinhas e frangos e tem alguns bovinos para o consumo. Também planta o essencial para o auto-consumo familiar, e o que falta para a alimentação, o arroz, por exemplo, consegue trocar na feira. Também têm muitas variedades de frutas, exóticas e nativas, principalmente, que são utilizadas no consumo da família (parte da produção é vendida na feira). Também uma criação de peixes que proporciona uma renda extra em algumas épocas do ano.

O lote, do ponto de vista ambiental, é bem conservado, praticamente todo cercado por mata nativa. Também estão conservadas e mantidas as áreas de preservação permanente e as fontes de água. Parte do lote encontra-se em área úmida, onde faz as hortas no verão. Observa que as áreas de florestas diminuíram no assentamento nos últimos anos, com exceção das áreas onde se localizam os produtores orgânicos que se mantiveram preservadas.

Possui uma infra-estrutura produtiva e social em condições de desenvolver as suas atividades de maneira satisfatória. No lote tem luz elétrica, água de poço artesiano de boa qualidade e fossas para tratamento do esgoto. Possui duas casas de alvenaria em ótimas condições, galpão de madeira para beneficiamento das hortaliças, carroça e junta de bois, sistema de irrigação, estufa para a produção de mudas e quatro açudes para a criação de peixes.

A renda, que chega a dois mil e quinhentos reais mensais, é praticamente toda da produção de hortaliças, mas a criação de peixes também contribui na composição da renda. Praticamente todas as estruturas foram adquiridas com o trabalho da família, com auxílio de alguns créditos da linha do PRONAF e crédito habitação. Alguns empréstimos já foram quitados e outros estão em pagamento.

Adir optou pela produção de hortaliças orgânicas após várias tentativas equivocadas de se manter no campo através do plantio de grãos numa região não apta a esses cultivos. Também contribuiu a questão do endividamento com o plantio convencional de melão e as dificuldades em buscar mercados, além da oportunidade de venda com o surgimento das feiras em Canoas e Porto Alegre. O técnico da COPTec que orientava as famílias na época, teve papel importante, pois incentivou bastante e ajudou a organizar a produção e a comercialização de hortaliças.

Desenvolviam inicialmente um manejo simples, praticamente de substituição de insumos, com base em preceitos da agricultura orgânica. O solo sempre era preparado com a realização de uma gradagem e aração. A enxada rotativa também sempre foi utilizada no preparo do solo para o plantio das hortaliças. Hoje, no sistema de preparo do solo Adir abandonou o uso da aração e gradagem, mas ainda utiliza a enxada rotativa. Ele afirma que o uso da enxada rotativa é necessário, pois *“o solo fica mais fofo e as plantas vem melhor”* (Figura 11).



Figura 11: Manejo do solo com enxada rotativa. Agosto de 2010.

A adubação sempre foi realizada com cama de frango, incorporada ou em cobertura, dependendo da cultura. O uso de caldas e biofertilizantes era intenso, no início usado de forma preventiva e depois do aparecimento de alguma doença. Adir relata que insetos e doenças nunca chegaram a dar prejuízo econômico na produção, sempre foram controlados em tempo. Hoje não usa mais as caldas e raramente usa os biofertilizantes, a não ser na produção de mudas.

Com relação à cobertura, Adir optou pela utilização de cobertura com plástico na maior parte dos canteiros. Em alguns canteiros mantém a cobertura verde com plantas espontâneas ou espécies de adubação verde quando estão em descanso (Figura 12). A consorciação de hortaliças é pouco utilizada, geralmente planta uma, ou no máximo duas variedades por canteiro. A rotação de culturas é prática bastante utilizada, além de rotacionar áreas de inverno e verão, também em cada área faz rotação com espécies de adubação verde e plantas espontâneas.



Figura 12: Uso de cobertura plástica. Agosto de 2008.

Produz atualmente em uma área de 2,0 ha mais de trinta variedades, entre elas: hortaliças folhosas (acelga, agrião, alface, almeirão, chicória, repolho, couve, mostarda, salsinha, cebolinha), frutosas (abóboras, morangas, pepino, tomate, pimentão, berinjela), inflorescências e vagens (brócolis, couve-flor, ervilha, vagem); raízes, tubérculos e bulbos (beterraba, cenoura, cebola, alho, nabo, alho poró) e algumas frutas da época (amora, ameixa, melão, carambola, entre outras). Tem dificuldades em organizar o planejamento sistematizado da produção. Segundo ele não há tempo para colocar no papel, e a prática adquirida ao longo dos anos na atividade garante uma produção adequada à quantidade comercializada.

Realiza rotação de culturas com adubação verde (milheto e feijão miúdo) e algum consórcio de hortaliças. Também utiliza a prática de pousios em algumas áreas. Quanto à irrigação, utiliza fonte de água própria, na forma de gotejamento e microaspersão.

As áreas estão divididas em campo seco e campo úmido, na área seca faz as hortas de inverno, que são irrigadas por microaspersão, as áreas úmidas são utilizadas para o plantio das hortaliças durante o período do verão. As áreas são protegidas por barreiras físicas de árvores nativas e algumas frutíferas

(como a bananeira), ele também utiliza o capim-elefante como barreira física. O plantio em curva de nível não é uma prática adotada.

Com relação à produção de mudas, consegue produzir cerca de 70 %; o restante é comprado de um produtor no município. Diz não ter certeza sobre a forma de produção das mudas, mas acredita que sejam convencionais. As sementes compradas também são convencionais e muitas variedades são híbridas; essa é a maior dificuldade apontada por Adir na produção de hortaliças.

“Os consumidores que dizem qual variedade você vai plantar, não adianta plantar uma variedade de tomate mais comum, pois quando chega na feira não vende, o consumidor vai comprar aquela variedade do mercado (a híbrida), mesmo que seja orgânica o consumidor quer aquela variedade de sempre”. (Adir)

Adir tem a consciência que muitos insumos utilizados na produção vêm de fora do lote e são produzidos de forma convencional, mas que mediante a dificuldade em encontrar fornecedores de produtos orgânicos fica sem opção. Adir também leva em consideração que a produção de hortaliças e a venda nas feiras ocupam grande parte do tempo de trabalho, não sobrando tempo para a produção de sementes e composto. Tem plano de voltar a trabalhar com leite a partir do momento que organizar melhor a produção; assim poderá ter um pouco de esterco no próprio lote.

A possibilidade concreta de comercialização dos produtos através das feiras orgânicas foi um grande impulsionador para a adoção da agricultura orgânica. No início, assim como na produção, Adir, Cladir e outro assentado faziam as feiras juntos. Depois que Adir organizou a produção e aumentou a quantidade e variedade de produtos também conseguiu mais espaço nas feiras.

Também faz parte da AGE, entidade organizada pelos próprios camponeses que fazem as feiras. Hoje faz três feiras por semana, duas no município de Porto Alegre às quartas e aos sábados, e no município de Canoas durante o sábado. Durante a

feira de sábado em Porto Alegre, ele e Cladir vendem os produtos juntos em uma única banca.

A organização para a comercialização acontece semanalmente, não tendo nenhum planejamento a longo prazo. Basicamente dedica a terça-feira e a sexta-feira para a colheita e preparo dos produtos a serem levados para a venda. A limpeza e o preparo dos produtos é feita na propriedade e a venda é feita direta ao consumidor. A qualidade dos produtos e a apresentação são cuidadosamente observadas por ele.

“Agora o trabalho é bem melhor. Não tinha certeza da venda, agora o mercado é garantido e as feiras estão cada vez mais cheias, o número de consumidores orgânicos tem aumentado bastante, tudo que você levar, vende”. (Adir)

O próprio Adir é quem faz as feiras, com exceção da feira de Canoas no sábado, quando, junto com o Cladir, paga para um vizinho para realizar essa atividade. O transporte dos produtos é feito no caminhão baú do Cladir em caixas de plástico apropriadas, com todo o cuidado, a higiene e a qualidade necessários. Mesmo sendo um pouco tímido, Adir tem uma ótima relação com os consumidores e com os outros feirantes. Aproveita o espaço da feira para, além de trabalhar, se relacionar com outros feirantes e produtores (Figura 13).

“O consumidor às vezes fica em dúvida com relação ao que está sendo vendido, mas a relação direta do produtor com ele dá uma certa garantia do produto ser orgânico. Mesmo assim precisamos da certificação, pois agora vai ser obrigatório, lá na feira o pessoal todo vai ter que fazer, nós já começamos”. (Adir)



Figura 13: Adir preparando a banca na feira em Porto Alegre (Feira do Menino Deus). Agosto de 2008

Adir está na fase de adequar a produção para a certificação, porém, ainda tem algumas dúvidas do que pode e o que não pode ser utilizado na agricultura orgânica, faz parte do grupo que o Cladir é coordenador. Tem consciência que a questão das sementes convencionais e a origem do esterco de galinha comprado terão que ser resolvidas.

Quadro 2: Resumo da Trajetória e Manejo adotado – Família do Adir.

Período	Atividade	Contexto rural e manejo adotado
1962 - 1984	Camponês. Tentou uma experiência e trabalho na cidade em 1980 e logo desistiu.	Trabalhava na propriedade de sua família, o manejo adotado era o da agricultura tradicional influenciada pelos colonos europeus: preparo do solo com arado de boi e adubação com esterco animal.
1985 - 1988	Camponês. Em 1985 vai acampar.	Ainda trabalhava na propriedade do pai com mais 9 irmãos. Fica acampado na Fazenda Anone e depois Fazenda Palma.

1988 - 1997	Camponês. Assentados pela Reforma Agrária	Durante os três primeiros anos de assentamento fazem parte do grupo coletivo de nove famílias que iniciam a produção com base na agricultura convencional. Quando se individualizam continua trabalhando com agricultura convencional, com uso de fertilizantes nitrogenados, agrotóxicos e com pouquíssima diversidade.
1998 - 2000	Camponês. Assentados pela Reforma Agrária	Continua com a produção convencional de algumas poucas variedades de hortaliças e leite. A movimentação intensa do solo, com uso de aração e enxada rotativa é uma característica marcante do manejo adotado.
2001 - 2010	Camponês. Assentados pela Reforma Agrária	Inicia com a produção orgânica de hortaliças com pouca diversidade. Nessa época, também começam a ser realizadas as feiras. A produção orgânica foi ficando mais diversificada, começa a usar cobertura plástica de solo. Começa a usar rotação de culturas. A movimentação do solo é feita com aração e enxada rotativa. No fim desse período entra no processo de certificação orgânica da produção.

Fonte: Dados coletados pela entrevista de campo

2.3. O planejamento do Agroecossistema familiar

Olair, Gorete, Sandino e sua esposa vivem no lote de 12 ha. Além da produção de hortaliças, investiram na produção de frutíferas exóticas e nativas que são utilizadas tanto na alimentação da família e como para a comercialização. A alimentação da família é praticamente toda produzida no próprio lote, o que não é produzido, o arroz por exemplo, é trocado na feira.

Com relação às frutíferas, possuem um pomar de cerca de 1 ha com uma grande diversidade de frutas, sendo a maior parte composta por citros. Também estão manejando um sistema agroflorestal diversificado com frutas nativas e exóticas e por diversas espécies florestais nativas. Têm um planejamento para madeira e lenha, com uma área já instalada. A principal atividade é a produção de hortaliças orgânicas (cerca de 35 variedades) que é feita numa área equivalente a três hectares. Também tem cerca de um hectare de cana-de-açúcar. O trabalho é estritamente familiar, sem contratação de mão-de-obra externa.

“Fui fazer o curso técnico em Agroecologia para poder ajudar o pai no trabalho do lote. Temos muita dificuldade com o planejamento da produção, quero poder ajudar nisso, além de ajudar no trabalho cotidiano e nas feiras também. Minha meta é seguir o trabalho do pai”. (Sandino)

A família tem uma visão ampla do ambiente e dos recursos naturais que os cerca; pensam na preservação do solo e da água no lote. Possuem áreas de preservação permanente e fontes de água conservadas e têm uma visão do agroecossistema como um todo. Assim, realizam o planejamentos e desenhos dos sistemas de produção para todo o lote.

Com relação à infra-estrutura básica e produtiva, a família acredita que hoje tem tudo o que precisa para viver e trabalhar de forma satisfatória no lote. Dispõem de luz elétrica, água de boa qualidade e fossas para tratamento do esgoto. Possuem no lote duas casas de alvenaria em ótimas condições, dois veículos para transporte particular e para comercialização, uma carreta-reboque utilizado na comercialização, dois galpões de madeira,

alguns implementos agrícolas, sistema de irrigação, estufa para a produção de mudas e quatro açudes. Todas as estruturas foram adquiridas com o trabalho da família, tanto na agricultura como do trabalho da Gorete. Acessaram algumas linhas de crédito, como PRONAF e crédito habitação. Já faz dois anos que não acessam nenhum tipo de crédito rural para investimento na produção.

A família sempre planejou trabalhar com a produção orgânica. Depois que algumas famílias do assentamento ficaram doentes por causa do uso de agrotóxicos, decidiram romper de vez com o uso desses insumos, embora somente tenham usado esses produtos quando estavam no grupo coletivo.

Eles começaram plantando hortaliças orgânicas e entregando cestas em casas de famílias em Porto Alegre e Canoas. Com o estímulo de técnicos do CAPA e da COPTec, e das possibilidades de comercialização nas feiras que estavam sendo organizadas em Porto Alegre e Canoas, começaram a investir na produção de hortaliças e aumentar as áreas de produção.

Foi necessária muita persistência no começo, pois não tinham recursos para investimento e pouco conhecimento na produção de hortaliças. A Gorete trabalhava de dia e estudava a noite, enquanto o Olair trabalhava sozinho nas hortas, entregava as cestas e fazia feira.

O preparo do solo sempre foi mecânico, com a realização de aração e gradagem e uso de enxada rotativa, com exceção de alguns canteiros onde hoje são realizadas experiências com cultivo mínimo e plantio direto. Sempre tiveram uma visão mais de longo prazo com relação à conservação do solo. Porém, a falta de mão-de-obra os obriga, segundo Olair, a realizar um manejo quase convencional de preparo do solo.

A adubação utilizada também sempre foi a cama de frango em cobertura no plantio, serragem, esterco de suínos e de bovinos. Todos esses insumos são adquiridos fora da propriedade, com exceção do esterco bovino, que no início da atividade era produzido no próprio lote. Também utiliza adubação verde (aveia, ervilhaca, milheto e feijão miúdo) como cobertura e em rotação de cultura nos canteiros. A utilização de caldas e biofertilizantes era mais intensa quando iniciou a atividade, hoje

praticamente não tem necessidade, e usa raramente um biofertilizante foliar.

Ainda hoje em alguns canteiros fazem rotação de culturas com adubação verde e hortaliças. Quanto à irrigação, utilizam fonte de água própria na forma de gotejamento e micro-aspersão. Desenvolve uma experiência de plantio direto de hortaliças de inverno (principalmente brócolis) na resteva de berinjela e pimentão.

Atualmente produzem mais de trinta e cinco variedades em uma área de 3,0 ha, entre elas: hortaliças folhosas (acelga, agrião, alface, almeirão, chicória, repolho, couve, mostarda, salsinha, cebolinha), frutosas (abóboras, morangas, pepino, tomate, pimentão, berinjela), inflorescências e vagens (brócolis, couve-flor, ervilha, vagem), raízes e bulbos (beterraba, cenoura, cebola, alho, nabo, alho poro) e algumas frutas da época (amora, ameixa, melão, carambola, abacate, entre outras). Estão investindo em variedades de pimenta, no plantio de cana-de-açúcar e no plantio de abacate. A área está dividida em campo seco e campo úmido, onde são realizadas as hortas de inverno e verão, respectivamente.

A família realiza alguns policultivos e consórcios de hortaliças em muitos canteiros, também faz uso de cobertura verde com plantas espontâneas que são manejadas com algumas poucas capinas em meio ao cultivo de hortaliças (Figuras 14 e 15). Porém, grande parte dos canteiros e os espaços entre os canteiros ficam descobertos e também não são realizados plantios em curva de nível.



Figura 14: Olair na horta, manejo de cobertura verde e preparo de canteiros com enxada rotativa. Agosto de 2010.



Foto 15: Olair na horta, manjo de cobertura verde e policultivo, ao fundo cana-de-açúcar. Agosto de 2010.

Realizam um planejamento da produção conforme a venda das feiras; essa é uma atividade que a Gorete se preocupa e contribui sempre que possível. Cerca de 80% das mudas utilizadas são produzidas por eles. O substrato é feito com cama de frango e o plantio das mudas é feito em bandejas sob cultivo protegido. Grande parte das sementes é adquirida no comércio local; algumas variedades não são tratadas quimicamente, mas a grande maioria é semente produzida de forma convencional e híbrida. Esse também é o ponto de maior dificuldade apontado pelo Olair, a aquisição de sementes de origem orgânica.

“(...) teve um ano que eu saí no jornal como o maior plantador de batata-doce do município de Nova Santa Rita (risos)”.(Olair)

Hoje a família faz quatro feiras por semana, na quarta-feira e no sábado em Canoas, e outras duas em Porto Alegre no sábado (Figura 16). Sandino faz duas feiras e outras duas feiras são realizadas pelo Olair. Continuam entregando as cestas para os antigos fregueses de Porto Alegre e Canoas. A família, assim como as famílias do Cladir e Adir, também faz parte da AGE, já citada anteriormente.

A organização para a comercialização acontece semanalmente, de acordo com um planejamento realizado principalmente pela Gorete. Basicamente utilizam as terças-feiras e sextas-feiras para a colheita e preparo dos produtos para serem levados para a venda. A limpeza e o preparo dos produtos são feitos na propriedade e a venda é direta ao consumidor. As hortaliças são transportadas na carreta-reboque do carro em caixas de plásticos com os devidos cuidados de higiene.

Estão em processo de certificação orgânica assim como Cladir e Adir. Olair afirma que esse processo o obrigou a fazer anotações diárias de produção e colheita, hoje ele tem um caderno de campo onde são anotadas todas as atividades realizadas nas hortas.



Figura 16: Olair na Feira em Porto Alegre (Feira do Menino Deus). Agosto de 2008.

Quadro 3: Resumo da Trajetória e Manejo adotado – Família do Olair e Gorete.

Período	Atividade	Contexto rural e manejo adotado
1960 - 1984	Camponês. Foi pra cidade trabalhar e estudar por pouco tempo . Assalariado rural no Pará.	Trabalhava na propriedade de sua família, o manejo adotado era o da agricultura tradicional influenciada pelos colonos europeus: preparo do solo com arado de boi e adubação com esterco animal. Mora um tempo em Porto Alegre e Novo Hamburgo. Volta para a sua cidade e vai com a família pro Pará, onde começa a se engajar politicamente através da CPT.
1985 - 1988	Camponês. Em 1985 vão acampar.	Volta para o RS onde participa de atividades políticas no Sindicato Rural, Partido dos Trabalhadores e CPT e MST. Em 1985 vai acampar na Fazenda Anone. Viaja para o Sergipe para fazer trabalho

		político pelo MST, se casa com Gorete, que também fazia parte da CPT.
1988 - 1997	Camponês, assentados pela Reforma Agrária. Gorete estuda e trabalha como professora.	Ainda no primeiro ano de assentamento fica em Sergipe. Ao retornar entra para o grupo coletivo no assentamento e iniciam a produção com base na agricultura convencional. Com a dissolução do grupo, já estavam convictos da produção orgânica e começam a produzir hortaliças e outros alimentos e entregar cestas nas casas na cidade de Canoas, sem utilizar insumos sintéticos porém com intensa movimentação do solo.
1998 - 2000	Camponês, assentados pela Reforma Agrária. Gorete estuda e trabalha como professora.	Continua com a produção orgânica para venda em comércios locais e entrega de cestas, agora com mais diversidade e começa a usar cobertura de solo (verde e palhada).
2001 - 2010	Camponês, assentados pela Reforma Agrária. Gorete trabalha como professora.	A produção orgânica foi ficando mais diversificada, começa a experimentar novas técnicas de cobertura, consórcios e plantio direto, a movimentação intensa do solo é uma característica de manejo que permanece, com uso de gradagem e enxada rotativa. A implantação do sistema agroflorestal e seu manejo e incremento.

Fonte: Dados coletados pela entrevista de campo

2.4. A produção de morango e cana-de-açúcar: uma estratégia agroecológica

O casal, Olímpio e Zilda e seus três filhos trabalham e moram no lote de 12 ha. Gabriel, o filho mais velho é técnico agrícola, trabalha em uma cooperativa e vem para casa nos finais de semana. Felipe, o filho do meio, trabalha com os pais em tempo parcial. O filho mais novo estuda numa escola técnica e também vem pra casa nos fins de semana.

Além da produção de morangos e cana-de-açúcar, principais atividades, eles têm muitas espécies frutíferas, principalmente citros (limão, laranja e bergamota), caqui, pêssego, uva, banana, entre outras, que usam na alimentação da família e algumas são beneficiadas em forma de geléias, compotas, doces, sucos e licores, e comercializadas. Também plantam alguns itens para o auto-consumo familiar, como a mandioca, o feijão e abóboras. O que eles não conseguem produzir como o arroz, e o queijo, eles trocam com outros camponeses ou adquirem no mercado. Vivem principalmente da renda da produção de morango e dos derivados de cana-de-açúcar, que chega a mil e quinhentos reais mensais. O que a Azilda recebe com o seu trabalho como terapeuta também contribui na composição da renda familiar.

No lote dispõem de áreas de preservação permanente e fontes de água conservadas. A diversidade de árvores nativas em torno do lote é grande. A família tem uma visão bastante ecológica da agricultura, pensando no lote com um sistema em interação; fazem o planejamento da produção com base nesse princípio.

A infra-estrutura básica produtiva da família está em perfeitas condições e oferece todo o conforto e praticidade para a realização do trabalho, bem como para a moradia. Têm luz elétrica, água de boa qualidade e fossas para tratamento do esgoto. Possuem no lote duas casas de alvenaria em ótimas condições, estruturas para beneficiamento da cana e produção de cachaça, galpão de madeira, trator e alguns implementos, junta de bois e alguns implementos. A casa de moradia da família é a antiga sede da fazenda, uma casa bastante grande e bem estruturada que foi reformada via crédito habitação. Construíram um galpão para o beneficiamento da cana. A

técnica utilizada foi a ecoconstrução, com madeira, taquara e barro e no telhado serão utilizadas plantas (telhado verde).

A família sempre teve a idéia de trabalhar com produtos orgânicos. A partir das oportunidades de mercado que foram surgindo através das feiras, se empenharam na produção de morangos. Tiveram a oportunidade de fazer alguns cursos sobre a produção de morangos orgânicos, o que ajudou a aperfeiçoar as técnicas de cultivo.

Hoje têm uma área equivalente a um terço de hectare com a produção de morangos. No início usaram nabo forrageiro para descompactar o solo e realizavam a aração e gradagem para preparo. Trabalham com diferentes variedades de morango; consideram que as argentinas são as melhores. As mudas são todas compradas de produtores orgânicos. Os morangos são produzidos em túneis de plásticos e a cobertura do solo na maioria dos canteiros também é feita com plásticos, na entrelinha utilizam cobertura morta com palhada (Figura 17).

Separaram uns canteiros de morango onde estão utilizando cobertura morta com palhada de aveia-preta e casca de arroz, em outros estão utilizando papel como cobertura e ainda estão realizando manejo seletivo com cobertura viva de plantas espontâneas (Figura 18). Olímpio e o filho, Gabriel, afirmam que não estão satisfeitos com o resultado, pois os morangos ficam com um tamanho menor e o manejo da palhada e da cobertura verde ocupa muito tempo de trabalho. De forma geral, em todos os cultivos o solo fica coberto, seja com plástico, palhada ou plantas.

A adubação hoje é feita com esterco de galinha e bagaço de cana, antes utilizavam esterco bovino e bagaço de cana, nunca utilizaram fertilizantes químicos sintéticos. O esterco é incorporado ao solo. Realizam esporadicamente o controle biológico na cultura do morango através de um produto comercial à base de *Bacillus turigiensis*. Também utilizam biofertilizantes e caldas como medida preventiva tanto no morango como na cana.



Figura 17: Manejo com cobertura plástica e palhada na entrelinha. Horta da família do Olímpio. Agosto de 2008.



Figura 18: Experimento com diferentes coberturas do solo, à esquerda papel e à direita palhada de aveia-preta e casca de arroz. Agosto de 2010.

O cultivo da cana-de-açúcar para fazer a cachaça também foi iniciado pensando numa oportunidade de mercado, já que no assentamento e na região não havia nenhuma iniciativa desse tipo. Acreditaram que poderiam iniciar essa atividade e conquistar um bom mercado. A área onde plantam cana-de-açúcar é de mais ou menos 3 ha. Durante muitos anos o preparo de solo foi feito com junta de bois e consistia numa aração e gradagem. Ultimamente não estão revolvendo o solo e realizam, segundo Olímpio, um tipo de plantio direto, *“ainda não é bem um plantio direto, mas estamos quase lá”*.

“Eu tenho a consciência que a movimentação constante deixa o solo mais compactado. Quando o professor da UFSC veio aqui ele explicou sobre a biocenose e o ciclo do etileno, agora estou começando a fazer uma experiência”. (Olímpio)

O cultivo da cana-de-açúcar é todo protegido por mata nativa, o que garante certa proteção física e ajuda no controle natural de insetos. A principal dificuldade encontrada por eles é que o cultivo do morango e a fabricação da cachaça acontecem na mesma época. O mesmo é válido para as outras culturas de verão que exigem dedicação e mão-de-obra nessa mesma época do ano. Acreditam que ainda podem avançar com relação ao manejo do solo.

Com relação à comercialização da produção, a família tem estratégias bem traçadas. Parte da produção dos morangos é vendida *in natura* na feira em Porto Alegre e Canoas, o Cladir e o Adir levam e vendem em suas bancas, Gabriel também está fazendo feira. Porém, a maior parte de seus produtos é vendida em casa. Dessa forma acreditam que podem aproximar ainda mais o consumidor urbano do campo, conseguem trazer pessoas para conhecer o assentamento e divulgam uma experiência de sucesso do processo de Reforma Agrária. Comercializam em casa: cachaça, mel, licores, morango *in natura*, compotas, geléias, doces, suco de uva, algumas hortaliças, mandioca, batata-doce, abóboras e frutas da época.

“Tem gente que fica sabendo e vem aqui pra conhecer e acaba levando o que tem, doces, compotas, alguma verdura da horta (...) a dificuldade é quando a gente se planeja pra fazer uma atividade e chega alguém, aí tem que parar pra atender, ainda precisamos nos organizar melhor pra isso”. (Olimpio)

A comercialização acontece sem muito planejamento, uma vez que a produção de morangos *in natura* para a venda nas feiras geralmente é insuficiente, faltam produtos nas feiras. Na época do cultivo do morango a colheita é feita todos os dias. Com relação aos outros produtos, como a cachaça, licores, compotas, doces e geléias, a comercialização é feita em potes e garrafas de vidros, sempre se tomando o cuidado com a apresentação (Figura 19). A limpeza, o preparo e o beneficiamento dos produtos é feito em locais adequados na casa, com todos os cuidados de higiene.

A família está em processo de certificação orgânica e Gabriel fez cursos de capacitação para ser inspetor e avaliador do processo de certificação orgânica das hortaliças em outros assentamentos.



Figura 19: Geléias prontas para comercialização. Setembro de 2010.

Quadro 4: Resumo da Trajetória e Manejo adotado – Família do Olímpio.

Período	Atividade	Contexto rural e manejo adotado
1960 - 1984	Olímpio trabalhava na cidade. Zilda estudava contabilidade e trabalhava na cidade, no Espírito Santo.	Os pais de Olímpio não eram agricultores, moravam no campo, e chegaram a morar um tempo na cidade. Olímpio mora e trabalha em Porto Alegre durante pouco tempo.
1985 - 1988	Em 1984 Olímpio vai acampar. Zilda vai para Minas Gerais trabalhar, depois vem para o RS, onde trabalha em clínicas e como contabilista.	Ele e todos 11 irmãos vão acampar na Fazenda Anone. Exerce atividades políticas
1988 - 1997	Camponês, assentados pela Reforma Agrária. Zilda trabalha em clínicas e como contabilista.	Durante os três primeiros anos de assentados fazem parte do grupo coletivo de nove famílias que iniciam a produção com base na agricultura convencional. Quando se individualizam abandonam a agricultura convencional e começam a planejar o lote pensando na produção agroecológica.
1998 - 2000	Camponês. Assentados pela Reforma Agrária	Segue com a produção agroecológica, iniciam a produção de morangos e cana-de-açúcar para feitiço de cachaça. A comercialização é feita em casa. O manejo adotado é mais próximo do tradicional com arado de boi e cobertura do solo, têm bastante diversidade de espécies, principalmente frutas.
2001 - 2010	Camponês. Assentados pela Reforma Agrária	A produção começa a se cada vez mais diversificada, começam a fazer as compotas e doces para

		vender, em feiras e em casa. Melhora o galpão e outras estruturas para feitiço de cachaça. Começa a usar cobertura plástica nos canteiros de morango e ainda nesse período desenvolve experiências de plantio sem movimentação do solo.
--	--	---

Fonte: Dados coletados pela entrevista de campo

Capítulo IV

Diferenças, semelhanças e possíveis razões da adoção das estratégias produtivas

Ao estudar a trajetória das quatro famílias assentadas no Assentamento Itapuí foi possível perceber que existem muitas semelhanças e diferenças na forma com que eles se relacionam com os recursos naturais, assim como nas razões da adoção de suas estratégias produtivas.

Os acontecimentos ao longo da história de cada família foram influenciando a tomada de decisão de cada uma delas. Um ponto importante e comum às quatro famílias é a luta pela terra, pois determinou a oportunidade de traçar um caminho no meio rural, e também determinou a condição de 'Sem Terra', como dito por Veras (2005, p. 28), "há de se considerar a especificidade dessa categoria emergente a qual parte da definição da sua condição de excluído, para se constituir como sujeito". Conforme Veras (2005, p 28), "estes grupos sociais refletem a *reação dos colonos* que a partir do conflito, organizam-se, criam sua própria ideologia, objetivos e símbolos transformando-se num movimento social organizado".

Cabe ainda ressaltar que os diferentes modos de interpretar a própria experiência de luta pela reforma agrária, refletem a diversidade existente entre os indivíduos que compõe o MST (CALDART, 2000). E isso se aplica ao Assentamento Itapuí e às quatro famílias estudadas. Desde o acampamento eles se identificaram como um grupo que tinha idéias e ideais parecidos e ao irem para o assentamento tentaram formar uma comunidade como aquelas as quais faziam parte seus familiares antes da condição de excluídos. Com o tempo e mesmo com a diversidade existente entre eles, essa comunidade se concretizou e novas relações foram firmadas.

As atividades da igreja, as festas, as feiras de comercialização, as parcerias no plantio e comercialização e até as reuniões do assentamento se concretizam, depois de mais de 22 anos de convívio, como uma comunidade.

Outras questões como opções de mercado, relações de vizinhança, consciência política e ambiental e até influência da agricultura convencional e a horticultura, e outras razões culturais ou de hábito, são pontos determinantes nas escolhas realizadas.

1. A origem camponesa

Com relação à origem camponesa, as famílias pesquisadas têm muitas similaridades. Primeiramente a maioria delas é de origem rural de municípios da região Noroeste do estado do RS, onde predominava a pequena agricultura camponesa com raízes na colonização alemã e italiana.

Os colonos que vieram para o Brasil no século XIX foram os principais responsáveis pela produção e comercialização de alimentos na época, e conseguiam abastecer os mercados locais com a produção das pequenas propriedades familiares (VERAS, 2005). Trouxeram consigo também as ferramentas agrícolas como os implementos utilizados em juntas de bois (arado e grade) e técnicas de cultivo típicas de países de clima temperado como o revolvimento do solo para arejamento e incorporação de adubo orgânico (Gomes, 2004). Mesmo assim, o manejo ainda era bastante voltado para os policultivos e a preservação de recursos naturais.

Ainda hoje, e mesmo com o avanço da agricultura convencional através das monoculturas de grãos nessa região do estado, a influência da colonização é muito forte nesses municípios, permanecendo nas pequenas propriedades a racionalidade camponesa de reprodução social da família, através do trabalho na agricultura e da relação com os recursos naturais, assim como das técnicas de cultivo e ferramentas utilizadas. Também as relações de vizinhança e compadrio influenciam em certa medida durante a trajetória, a tomada de decisão.

As quatro famílias do Assentamento Itapuí são colonos descendentes de europeus, têm em sua cultura traços da matriz produtiva trazida por seus antepassados, como por exemplo, o uso de arados de boi. Trazem consigo a vontade de se reproduzirem socialmente através da agricultura e buscam envolver seus filhos no trabalho da unidade de produção, como forma de afirmar um valor ético e moral herdado. Por outro lado, também se “modernizaram”, principalmente influenciados pelas relações de mercado e também por influência de agentes como os técnicos que prestam assistência técnica local e das relações e vizinhança. Tudo isso acontece, conforme Ploeg (2008), numa

trajetória de recampesinização, sem deixar de lado sua autonomia em oposição à dependência, privação e marginalização.

Cladir, Adir e Olair têm suas origens diretamente relacionadas às lidas cotidianas do campo, viveram e cresceram trabalhando nas pequenas propriedades de seus pais junto com seus irmãos. Geralmente as famílias eram muito grandes e havia bastante força de trabalho para produzir alimentos para todos e ainda excedentes para comercializar.

A lógica de produção que seus pais herdaram era a mesma da colonização, e de certa forma, o tamanho da propriedade e a família numerosa obrigavam a uma intensa exploração do solo. Embora o uso do solo de forma intensiva tenha levado à perda de fertilidade, a mudança nas práticas de manejo não acontecia, diminuindo a capacidade produtiva das propriedades.

Já Olímpio se diferencia dos demais, pois mesmo tendo nascido e vivido grande parte da vida no meio rural, não era agricultor, nem filho de pequenos agricultores.

Gorete, esposa de Olair e Azilda esposa de Olímpio, têm suas origens na cidade, mas com uma forte ligação com os camponeses por causa do trabalho que desenvolveram ao longo de suas trajetórias. A Azilda com o trabalho de fitoterapia e plantas medicinais e a Gorete com o histórico de militância política e educadora no meio rural.

De certa forma, as quatro famílias sofreram influências culturais diretas ou indiretas do sistema de produção tradicional que era adotado por seus familiares ou pelas comunidades às quais faziam parte antes de serem assentados, assim como sofreram influência do processo de modernização da agricultura.

Para Carvalho (2007), torna-se necessário que as particularidades vivenciadas pelos agricultores sejam resgatadas na tentativa de (re) construir uma ação autônoma, com base em experiências concretas. Assim, “a criação da *identidade social dos excluídos* a partir de sua condição de desenraizado é bastante difusa entre os indivíduos que compõe o MST. É preciso não reduzir esta categoria ao retorno a um passado idílico, mas à resignificação de valores e atividades que foram perdidas no processo de modernização” (VERAS, 2005, p 27).

De modo geral, muitas famílias assentadas trazem

consigo a racionalidade camponesa e as contradições de uma classe inserida num sistema de produção capitalista (CARVALHO, 2006).

Estas mesmas famílias, que antes de habitarem essas áreas reformadas foram excluídas do seu trabalho no campo, hoje buscam desenvolver novas relações de vivência e produção, mesmo que de forma muitas vezes contraditória. Contraditória, pois a integração ao mercado pode levar a uma mudança no manejo, ou nas relações com a natureza. Um exemplo pode ser o uso e sementes de variedades híbridas de algumas hortaliças que são exigidas por consumidores, mesmo adotando um manejo orgânico ou agroecológico.

De alguma maneira a integração dessas famílias a um processo político de um movimento social possibilitou a retomada da terra, fator imprescindível na afirmação da condição de camponês, possibilitou também o estabelecimento de relações sociais dentro da organização política, com a vizinhança, com a assistência técnica, com os mercados entre outros fatores determinantes que influenciam a tomada de decisão nas estratégias produtivas adotadas pelas famílias.

2. O impulso para a agricultura agroecológica ou orgânica

Os motivos que os levaram a optar pela agricultura agroecológica ou orgânica foram diversos. Os que eles têm em comum, de ordem objetiva foram os impulsos dados pela assistência técnica da época, que insistentemente acreditava na possibilidade de que aquelas famílias se viabilizariam no campo através de sistemas de manejos com base em princípios ecológicos. Outro motivo comum foi a organização das feiras de venda de produtos da Reforma Agrária produzidos de forma ecológica, pois havia um crescente mercado consumidor nas cidades de Porto Alegre e Canoas.

Mais especificamente, as famílias tiveram motivos pessoais para a adoção da agroecologia como sistema de produção, ligados a situações pelas quais passavam, que, além das objetividades também estão permeados de simbolismos ligados à cultura.

Segundo Sahlins (1979) “a produção material camponesa, não está somente permeada de razões práticas, mas também de significados de constituição cultural”. E, segundo Veras (2005, p 87), a decisão em trabalhar com a agroecologia está guiada tanto pelas suas particularidades, que lhe agregam um valor diferencial de venda, quanto pela sua correlação com um sistema simbólico de valores. Assim, priorizar uma “alimentação saudável” com “produtos de qualidade” demonstra que existe também razões simbólicas orientando a adoção da agroecologia como um modelo produtivo dessas famílias.

No caso do Cladir, o principal motivo foi a dificuldade financeira pela qual a família passava após ter feito um grande investimento num plantio de melão convencional, uma razão objetiva e prática. Cladir estava endividado, havia comprado um trator e não tinha como pagar.. Precisava plantar sem realizar muitos investimentos na produção, e com as possibilidades das feiras e o apoio técnico optou por iniciar a produção agroecológica de hortaliças.

Adir vivia uma situação bastante parecida, até porque ele e o Cladir sempre trabalharam juntos. Após o endividamento causado pela produção convencional e influenciado pelo Cladir que já estava fazendo feira, Adir aderiu à produção agroecológica de hortaliças.

As famílias do Olímpio e do Olair fizeram uma opção de vida ao adotar a agroecologia como sistema de produção. Olair sempre esteve influenciado pela Gorete que acreditava firmemente que a produção nos assentamentos deveria ser com base em princípios ecológicos, e por isso buscava incentivar e trazer informações de experiências que ela conhecia. Olair sempre quis retomar as práticas culturais que eram realizadas pela sua família.

Olímpio, ainda antes de se casar com a Azilda, já havia optado pela produção agroecológica e estava participando de cursos. Azilda também já estava na busca de uma vida mais saudável no meio rural, tanto que se conheceram num dos cursos oferecidos pelo CAPA sobre manejo ecológico dos solos.

Segundo Ploeg (2008), a agricultura camponesa constrói o seu progresso a partir do emprego do seu trabalho e de seus conhecimentos na valorização dos potenciais ecológicos e socioculturais locais. É interessante deixar claro que os motivos

que levaram essas famílias à adoção da agroecologia não estão ligados somente a momentos específicos, mas também a fatos históricos e a redes sociais e técnicas que essas famílias se envolveram ao longo de suas trajetórias.

A agroecologia, nesses quatro casos, é pensada para além de uma substituição de técnicas ou um produto com melhor remuneração no mercado, pois “se relaciona igualmente com o sistema de valores e, os valores da vida para os camponeses estão frequentemente associados à não utilização de agrotóxicos” (Veras, 2005, p 87).

Em certa medida, e diferente da maioria das famílias do assentamento, essas famílias estão buscando ativamente, independente de questões estruturais colocadas, uma forma de desenvolvimento com base em princípios e práticas agroecológicas.

3. A unidade de produção e a força de trabalho familiar

No que diz respeito ao ambiente onde estão localizadas as unidades de produção, poucas são as diferenças existentes entre as famílias. Todas estão localizadas no Assentamento Itapuí, em áreas próximas umas das outras. As unidades são caracterizadas por possuírem áreas secas e úmidas. Somente no caso Olímpio a unidade está praticamente toda em áreas secas. Essa localização faz com que Cladir, Adir e Olair realizem os manejos dos canteiros de horta de verão nos áreas úmidas e de horta inverno nas áreas secas.

As APP's onde estão localizados os lotes estão todas preservadas, inclusive as quatro famílias ao longo desses anos as enriqueceram com espécies de frutíferas nativas e outras árvores nativas. O objetivo foi a criação de barreiras físicas de proteção dos cultivos e de ambientes mais diversificados, que proporcionassem a vinda de insetos polinizadores, pássaros e outros animais.

A relação com um ambiente natural degradado e as intenções de recuperação e melhoramento deste ambiente para manutenção da família através da atividade agropecuária é característica inerente a essas quatro famílias, que além de se manterem no campo através de um processo de lutas e

conquistas, procuram melhorar o ambiente onde trabalham e moram.

Essa é uma característica tradicional do camponês que procura com o processo de trabalho “uma organização de espaços e combinação de espécies e variedades vegetais”, formando o que Woortmann & Woortmann (1997, p. 9) chamam de “ecossistemas construídos com base em modelos de saber e de conhecimento da natureza”, sendo esse saber, denominado pelos autores como “parte de um modelo mais amplo de percepção da natureza e dos homens”.

O ambiente onde está localizado o Assentamento Itapuí se caracteriza por sofrer uma forte influência do centro urbano próximo. O acesso à infra-estrutura social como hospitais, transporte, estradas, lazer, possibilidades de comércio, enfim, uma série de benefícios estruturais está mais acessível para as famílias. Esta proximidade com o centro urbano e facilidade de acesso à infra-estrutura social também acaba por interferir no trabalho agrícola, diminuindo a disponibilidade de força de trabalho familiar, devido ao surgimento de oportunidades de trabalho assalariado na cidade.

Muitas famílias acabam sendo influenciadas, principalmente as mulheres e os jovens, que em muitos casos optam pela prestação de serviços nessas áreas urbanas. Esse é o caso da Rosa, esposa do Cladir, da Azilda e da Gorete. Sandino e Gabriel trabalham fora e estão no lote em tempo parcial, além de colaboram com as famílias através das feiras. No caso dos filhos de Cladir e Rosa, optaram por estudar e buscar outras oportunidades fora do assentamento.

Assim, Cladir enfrenta uma série de dificuldades por causa da falta de força de trabalho. A dificuldade de força de trabalho levou Cladir a tomar algumas decisões como o uso de cobertura plástica, e hoje em dia a diminuição no número de canteiros.

Adir também contrata força de trabalho para conseguir “vencer” todas as atividades durante a semana. Da mesma forma que o Cladir, isso também pode ter influenciado na adoção de manejos que demandem menos tempo de trabalho, como é o caso da cobertura plástica e da falta de consórcios e policultivos.

Já Olair pode contar, eventualmente, com a força de trabalho dos filhos Sandino e Maíra e eventualmente contrata força de trabalho de fora da família. Sob influência do filho,

realizam alguns manejos mais diferenciados, como o plantio direto, as coberturas verdes, os consórcios e os policultivos.

Olímpio também pode contar com a força de trabalho familiar, e ainda não sentiu a necessidade de contratação de força de trabalho “extra”. Os filhos trabalham em tempo parcial, mas ele adotou uma estratégia de trabalhar com áreas pequenas e qualificadas e beneficiar a produção para agregar valor. Azilda trabalha na confecção de geléias, doces, compotas, sucos e licores que são produzidos e vendidos pela família.

Percebe-se a influência da disponibilidade de força de trabalho na tomada de decisão com relação ao manejo adotado por cada família. Além da influência objetiva na prática adotada, tem um peso subjetivo que é a ausência dos filhos na unidade de produção e a perda de vínculo dos filhos com a terra, que culturalmente para os colonos deveria passar de geração para geração (WANDERLEI, 2009).

Tanto com relação ao ambiente natural na unidade de produção, como a força de trabalho influenciam ou determinam a escolha do tipo de estratégia adotada, ou mais especificamente, o manejo adotado em determinada cultura e época.

4. A renda e as oportunidades de mercado

A pressão de mercado exercida sobre os produtores agroecológicos que vivem no entorno dos centros urbanos também pode levar à adoção de determinados manejos. Os consumidores das feiras de produtos agroecológicos buscam cada vez mais qualidade e maior número de variedades de produtos oferecidos. Por outro lado, é uma oportunidade relevante na consolidação econômica das unidades de produção.

Nos casos do Cladir, Olair e Adir, a comercialização é feita diretamente ao consumidor em feiras de produtores nas cidades de Porto Alegre e Canoas. O Olair, além das feiras, entrega cestas para algumas famílias. Já Olímpio tem uma forma de comercialização bastante diferenciada, vendendo os produtos em casa e por encomendas e agora fazendo feira uma vez por semana. No caso dos morangos, Cladir leva parte da produção para as feiras e vende para Olímpio.

Assim, a existência concreta de um mercado consumidor em ascensão faz com que essas famílias estabeleçam relações de mercado bem favoráveis, e também relações de amizade e trocas de conhecimento. Também a existência de uma associação que organiza o trabalho dos produtores/feirantes é um fator positivo na consolidação desses mercados.

A partir do momento em que o volume de comercialização começa a crescer, também aumenta a renda familiar, e isso tem acontecido de forma particular nas feiras. Por outro lado, o sistema produtivo tem que dar conta dessa demanda crescente de mercado, e como no caso das famílias aqui estudadas a força de trabalho continua a mesma, elas acabam adaptando as técnicas de manejo para economizar tempo e força de trabalho e, assim, aumentar a produção.

Porém, a racionalidade é camponesa, pois o manejo não é mudado completamente visando o lucro, e sim adaptado para atender demandas de mercado. Abramovay (1992, p. 101), explica que “a racionalidade econômica do campesinato é necessariamente incompleta porque seu ambiente social permite que outros critérios de relações humanas (que não econômicos) sejam organizadores da vida”.

Mesmo sendo as questões econômicas muito importantes, percebe-se que Cladir, Adir e Olair gostam muito do contato direto com consumidores que acontece nas feiras. Afirmam que a feira é um momento de encontro com outros camponeses, que já se tornaram amigos.

De acordo com Sahlins (1979), diferentes atividades econômicas racionais poderão ser concebidas visando suprir as necessidades dos indivíduos. Estas motivações são guiadas também por uma *razão simbólica*, ou seja, estão sempre mediadas pela cultura. Nessa perspectiva a cultura pode conformar-se de acordo com pressões materiais, mas o faz de acordo com um sistema simbólico definido (VERAS, 2005, p 88). Ir “ao comércio”, além de vender produtos, para esses camponeses é ir fazer trocas, mostrar o que fazem e encontrar pessoas para o “chimarrão”.

5. Os sistemas de produção adotados pelas famílias

Existe uma grande diversidade de sistemas de produção adotados por produtores agroecológicos. A adoção de determinada técnica está associada a diferentes fatores, como já dito anteriormente, entre eles estão, as raízes e o histórico cultural e social vivido, as questões econômicas e as questões ambientais. Apesar de essas famílias terem em comum em suas trajetória, a opção por um sistema de agricultura com base em princípios agroecológicos, existem diferenças consideráveis em seus sistemas de produção adotados.

As famílias do Cladir e Adir adotam um sistema de produção denominado por eles mesmos como de agricultura orgânica. Embora eles incorporem em suas unidades de produção muitas preocupações com relação ao todo do agroecossistema, o foco principal é a produção de hortaliças para a venda nas feiras. Preocupam-se, por exemplo, com a diversificação da produção para alimentação da família, com a proteção dos recursos naturais e com o embelezamento da unidade de produção.

O planejamento da produção é empírico, e realizado com base na comercialização. Como a força de trabalho familiar disponível para eles é reduzida, adotam técnicas que economizam tempo de trabalho, mas que mantém a produção e comercialização. Uma técnica utilizada, atualmente pelo Adir, mas que Cladir também adotou durante um período, é o uso de cobertura plástica em grande parte dos canteiros. A cobertura com plástico protege o solo do impacto das gotas de chuva, evitando a desestruturação e a erosão, porém ao ser comparada com as coberturas vivas ou mortas (palhadas) seus efeitos são reduzidos, pois não contribui com incremento de matéria orgânica nem com a dinâmica biocenótica do solo (PRIMAVESI, 1979). Em alguns canteiros onde não é utilizada cobertura com plástico, eles realizam a capina. Cladir utiliza palhada como cobertura, e atualmente tem realizado plantio direto, sem uso de plástico.

Outro manejo utilizado em comum pelos dois é a prática de rotação de culturas em canteiros e em áreas de horta de inverno e de verão, com hortaliças ou com plantas espontâneas e adubação verde. O uso de caldas e biofertilizantes também se fazem necessários eventualmente. Cladir realiza alguns consórcios de hortaliças, enquanto Adir ainda não adotou essa

prática. A adubação é realizada com cama de frango comprada em conjunto.

O uso da enxada rotativa se faz presente nas unidades de produção do Adir e Olair. Este implemento agrícola, que é muito utilizado por horticultores, promove a desestruturação do solo, o que facilita os processos erosivos e uma conseqüente compactação em curto prazo, a diminuição da vida (microrganismos, insetos, etc.) no solo e a destruição dos ciclos que liberam nutrientes para as raízes das plantas (GOMES, 2004).

Já Olair, realiza movimentação intensa do solo com aração, gradagem e enxada rotativa desde que iniciou a atividade, se aproximando bastante do manejo convencional do solo. Por outro lado, realiza planejamentos pensando no todo da unidade e não somente na produção de hortaliças, embora essa seja a atividade principal. Planejou, por exemplo, a produção de frutíferas e implantou um sistema agroflorestal. Também apresenta grande preocupação com as áreas de proteção ambiental (APP, Reserva Legal e outras áreas de florestas no lote), e ao longo dos anos foi ampliando essas áreas, para utilizá-las como barreira física para os cultivos.

Olair realiza diversos consórcios entre hortaliças e com plantas espontâneas, e também utiliza a prática de rotação de culturas entre canteiros e em áreas de produção de inverno e de verão. Realiza algumas experiências de plantio direto. Olair não utiliza cobertura plástica nos canteiros, preferindo o uso de cobertura com palha ou cobertura viva com plantas espontâneas, onde realiza uma capina seletiva sem deixar a terra descoberta. Porém, a cobertura não é utilizada em todos os canteiros e muitos ficam descobertos, inclusive o espaço entre canteiros, ocasionado erosão.

A produção desses três agricultores é bastante diversificada, onde só de hortaliças são mais de trinta variedades, além da produção para o consumo familiar. Também têm em comum a produção própria de mudas e a dificuldade em encontrar sementes orgânicas de hortaliças no mercado.

Parece que as práticas adotadas pelos horticultores são padronizadas quando se trata de manejo de solo; virou senso comum a informação que as hortaliças exigem mobilização

intensiva do solo, incluindo aração profunda, gradagem e levantamento de canteiros nivelados (GOMES, 2004).

Howard (2007), afirma que era de costume, próximo a Londres, por exemplo, que as carroças que haviam trazido os engradados de verduras voltassem pra casa com uma carga de esterco de cavalo. O atual modelo de horta difundido no mundo pelos europeus teve suas raízes nesse padrão de comercialização campo-cidade, com a utilização de adubação orgânica feita com os estercos de cavalos e o revolvimento intensivo do solo para mineralização da matéria orgânica, devido ao clima temperado.

Ainda hoje, de maneira geral, a horticultura no Brasil vem sendo desenvolvida nos padrões de manejo europeu: intensa movimentação do solo (gradagem, aração e uso e enxada rotativa), adubação (convencional ou orgânica) e eliminação total de plantas espontâneas (GOMES, 2004).

A concepção de manejo do ambiente horta, e mais especificamente do ambiente solo, está ligada à forma de relação estabelecida entre o homem e os recursos naturais, que é construída a partir de um histórico social, cultural, político ou econômico vivenciado.

Olímpio não trabalha com as mesmas variedades das outras três famílias. Ao chegar no assentamento foi morar na sede da antiga fazenda, onde já havia uma estrutura pronta. Preocupou-se bastante ao longo dos anos em planejar a sua unidade de produção para diversificá-la ao máximo. Realizou o plantio de árvores nativas em todo o entorno do lote, enriqueceu as áreas de proteção, visando o aumento de pássaros e outros polinizadores, além de outros animais que pudessem aparecer com o aumento da diversidade.

O plantio do morango, de outras frutíferas e da cana-de-açúcar é o mais próximo de um manejo ecológico, embora, realize o preparo do solo com uso de arado puxado por uma junta de bois. Preocupa-se muito com a cobertura do solo e em toda a sua unidade de produção praticamente não há solo descoberto. Nos canteiros de morango, utiliza cobertura plástica no solo e túnel. Nas entre linhas utiliza cobertura de palhada. Vem experimentando o uso de cobertura viva e de palhada em alguns canteiros de morango, porém na maior parte utiliza o plástico.

Para a cana-de-acúcar experimentou o plantio sem o revolvimento do solo em algumas áreas e tem feito o manejo seletivo de espontâneas com capina. Raramente utiliza um produto para controle biológico e biofertilizantes. Olímpio sabe dos problemas causados pelo revolvimento do solo e tem buscado deixar de realizar essa prática.

De forma geral, eles têm em comum a falta de animais nas unidades e essa é uma questão bastante limitante na produção, pois ficam dependendo da compra de cama de frango e muitas vezes desconhecem a procedência. A conjugação de animais e lavouras é primordial numa unidade de produção agroecológica, pois fecha um ciclo de recursos e nutrientes utilizados dentro da própria unidade (MACHADO, 2004). Segundo depoimento das famílias, a criação de animais não é feita por causa da falta de tempo e de força de trabalho.

Assim, as famílias através de acontecimentos práticos cotidianos, e de toda a subjetividade existente no modo vida camponês como a relação com a terra, a família, a comunidade (assentamento) e os recursos naturais, tomam decisão e definem estratégias produtivas e assim podem mudar o curso de suas histórias.

Considerações Finais

Muitas foram as mudanças estruturais, políticas, ambientais e econômicas que ocorreram no meio rural nas últimas décadas. Essas mudanças influenciaram diretamente no modo de ser e de viver no campo, mudando os comportamentos e perfis das pessoas que residem e trabalham no meio rural. Aos poucos, muitas famílias foram se distanciando de sua origem camponesa e se adaptando ao jeito “moderno” da vida e do trabalho no meio rural.

Por outro lado, muitas famílias de camponeses ainda buscam formas de viver e trabalhar no campo com base em sistemas de produção menos agressivos aos recursos naturais e com menor uso de capital.

Com o decorrer dos acontecimentos históricos, as mudanças ocorridas no campo influenciaram diretamente na trajetória de vida dessas famílias. A dificuldade na obtenção de terra para manutenção das famílias (que eram bastante numerosas) no campo, e o conseqüente empobrecimento dessas famílias causado pela “modernização” da agricultura na década de 80 fizeram com que essas famílias buscassem novas formas de se manterem no campo.

A saída encontrada por essas famílias foi a luta pela terra através das ações de ocupação organizadas pelo MST. A conquista da terra através de um processo de Reforma Agrária é onde começa a se materializar todas as oportunidades dessas famílias, principalmente porque foi através dela que retomam o principal meio de produção, a terra.

Com relação ao manejo convencional adotado por essas famílias, ao chegarem no assentamento, a tomada de decisão pode ter sido influenciada tanto pelo pensamento dominante da produtividade da agricultura convencional em contraposição ao “atraso” da agricultura camponesa, como pela questão imediata de sobrevivência, já que essas famílias estavam acampadas há um bom tempo e sem recursos para se manterem. Nesse caso a agricultura convencional poderia trazer algum retorno financeiro rápido para essas famílias.

Por diferentes motivos essas famílias adotaram a agricultura convencional ainda no início do assentamento, e em seguida optaram pela agricultura agroecológica ou orgânica. De

forma geral, a assistência técnica realizada pela COPTEC foi fundamental nesse processo de ruptura e transição, onde as quatro famílias apontam que o incentivo técnico recebido na época foi importante para o fortalecimento da tomada de decisão. Claro que não foi só esse acontecimento o grande impulsionador, mas também as oportunidades de comercialização, como a feira da Reforma Agrária, além de diversas outras questões relacionadas à vivência pessoal de cada família e que são permeadas de cultura e simbologia.

Nos casos do Cladir e Adir, o que interferiu principalmente, na tomada de decisão nesse período, foram as dificuldades financeiras pela quais passavam. Já nos casos do Olair e Olímpio foi uma opção; essas famílias sempre tiveram como objetivo de vida viver e trabalhar de uma forma mais saudável e mais próxima da natureza.

Durante o estudo das trajetórias foi possível perceber também que além dos impulsos iniciais para a mudança e dos objetivos de cada família, questões como a disponibilidade de força de trabalho familiar e a influência da juventude, e as possibilidades de mercado e o aumento da renda, as tradições e costumes herdados das famílias através das gerações, foram determinantes na escolha dos manejos adotados ao longo dos anos. Eles visualizaram, a partir de cada história vivida, uma forma de viver e permanecer no campo e a opção da agroecologia ou da agricultura orgânica ofereceu a possibilidade de consolidar suas atividades e planos.

Mesmo que eles tenham abandonado algumas práticas da agricultura convencional, como a adubação com uso e fertilizantes nitrogenados sintéticos e o uso de agrotóxicos, o manejo do solo adotado, entre a maioria das famílias estudadas, ainda se aproxima da agricultura com base na matriz européia, com base na eliminação de ervas espontâneas e aeração do solo. Observam-se algumas práticas onde a reciclagem de nutrientes e a manutenção da fertilidade do solo são conseguidas com cobertura do solo. Porém, a utilização de aração, gradagem e enxada rotativa são expressivas entre os manejos observados.

Isso é reflexo desse censo comum existente entre os produtores de hortaliças que têm suas origens históricas em países de clima temperado, onde a adubação e a aeração são

práticas obrigatórias de manejo para facilitar a mineralização da matéria orgânica e economizar tempo de trabalho.

Um ponto positivo em comum a todos é a alta diversidade de espécies vegetais nos lotes. A diversidade de produção de hortaliças para a venda também é grande e os tornam menos vulneráveis, tanto na produção como no mercado. Também não apresentam problemas com relação a perdas causadas por ataques de insetos e doenças, o que pode ser devido à diversidade, ao uso de barreira física e à não utilização de fertilizantes nitrogenados.

As opções de comercialização também são pontos positivos comum a todos, pois são mercados já consolidados e que tendem a ser ampliados como é o caso das feiras. Um desafio que fica para essas famílias, com a experiência que conseguiram ao longo dos anos, é o de buscar envolver cada vez mais famílias assentadas, tanto no incentivo à produção como na abertura de espaços de comercialização.

Como ponto frágil eles têm a excessiva movimentação do solo, e a dificuldade de força de trabalho, pois os filhos estão estudando ou trabalhando fora. Também é um ponto frágil a inexistência de animais na propriedade, seria primordial a integração de animais, pois contribuiria na manutenção da fertilidade dos solos. Em resumo, Cladir, Olair e Adir são mais parecidos com relação ao manejo adotado mais voltado para o planejamento das feiras e podemos dizer que muitas técnicas trazidas da matriz européia de produção. Sendo que Cladir avançou bastante nos últimos dois anos com relação ao manejo de solo, realizando o plantio direto sob a palhada. Olair tem uma base ecológica bastante fortalecida na família por influência da esposa Gorete; eles realizam muitos planejamentos vislumbrando uma vida bastante próxima da natureza. Já Olímpio e sua família estão voltados para o agroecossistema local. Com o planejamento realizado com base na valorização dos recursos naturais e com planos de uma vida cada vez mais saudável.

Ao longo de suas trajetórias essas famílias se envolveram em redes que determinaram e fortaleceram as tomadas de decisão. Relações nas famílias, com os vizinhos, com a assistência técnica, na comunidade, em reuniões e espaços políticos e de formação técnica do MST, nas feiras, no trabalho diário com a natureza, enfim, cada uma das quatro famílias

tomam decisões e são ativos nos processos de mudança e desenvolvimento, e podem a partir da realidade vivida mudar o rumo de suas histórias.

A produção de hortaliças orgânicas, ou qualquer produção material, não é somente uma prática lógica de eficiência e utilidade material, ela está permeada de significados dados pelas famílias, ou, as razões não são só de origem prática, mas também simbólicas. Claro que o retorno econômico colocado pela objetividade das feiras traz uma materialidade concreta que determina boa parte das tomadas de decisão, mas por outro lado, costumes, crenças e práticas herdadas de antepassados também influenciam nas escolhas.

Por fim, mesmo ainda tendo alguns desafios, essas famílias de camponeses têm histórias de vidas de sucesso, pois ao verem suas possibilidades de se viabilizar no campo se esgotarem por causa de um sistema que prioriza as relações de capital, buscaram uma saída através de um processo organizado de conquista da terra, e da agroecologia ou agricultura orgânica. E hoje essas famílias têm qualidade vida, formação política e ambiental e promovem um processo de desenvolvimento através de suas formas de organização, produção e comercialização, mesmo com uma conjuntura estrutural desfavorável.

Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do Capitalismo agrário em questão**. São Paulo/Rio de Janeiro/Campinas. Hucitec ANPOCS / Ed. Unicamp, 1992 (p 99 a 131).

ALVES, J. R. **Trajatória de Agricultores Familiares em busca da sustentabilidade**: o caso de três agricultores em ambiente periurbano. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós Graduação em Agroecossistemas) – Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

BECKER, H. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

BERGER, C. **Campos em confronto: a terra e o texto**. Porto Alegre: Ed da UFRGS, 2003.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária do Rio Grande do Sul. **Relatório Ambiental do Projeto de Assentamento Itapuí Meridional**. Porto Alegre: 2008. (Cópia Xerográfica)

CALDART, R. S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

CARVALHO, H. M. **O Campesinato na dinâmica contraditória das classes sociais no campo**. Curitiba, 2007. (cópia xerográfica).

_____. **“Ah! Jacques, Jacques... liberte-se desse encantamento milenar”**. Curitiba, 2006. (cópia xerográfica).

COSTA, F. A. **Camponeses e especificidade camponesa**. Belém, 2003. Cópia xerográfica

DEPONTI, C. M. **Desmistificando a intervenção para o desenvolvimento à luz da perspectiva orientada ao ator**. In:

http://www.cnpat.embrapa.br/sbsp/anais/Trab_Format_PDF/19.pdf. Consultado no dia 26/08/2010.

EHLERS, E. **Agricultura sustentável**: origem e perspectivas de um novo paradigma. São Paulo: Livros da Terra Editora. 1996. 178p.

EMBRAPA. Centro Nacional de Pesquisa de Solos. **Sistema brasileiro de classificação de solos**. Rio de Janeiro: Embrapa solos, 1999. 412 p.

FERNANDES, B. M. **Gênese e desenvolvimento do MST**. Caderno de Formação nº 10. Brasil: MST, 1998.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 44 - 67.

GOMES, G. **Plantio direto de hortaliças orgânicas**: estudo de caso em uma propriedade periurbana em Florianópolis, SC. Florianópolis: 2004. Dissertação (mestrado do Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias.

GÖRGEN, S. **Uma Foice longe da Terra**: A repressão aos sem-terra nas ruas de Porto Alegre. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.

GRAZIANO, J. S. **A modernização dolorosa**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1981. (cópia xerocada)

GRAZIANO, J. S. **Quem precisa de uma estratégia de desenvolvimento?**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário. Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável. Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2001.

GUZMÁN, E. S.; MOLINA, M. G. **Sobre a evolução do conceito de campesinato**. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2005.

HOWARD, A. **Um testamento agrícola**. Trad.: Eli Lino de Jesus. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Populacional 2007**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat>. Acessado em 17/03/2009.

KAGEYAMA, A.; LENONE, L. E. **Uma tipologia dos municípios paulistas**. Instituto de Educação/Unicamp: 1999. Disponível em: (www.eco.unicamp.br/publicacoes). Acessado em 05/05/2009.

LONG, N. **Development sociology: actor perspectives**. London and New York: Routledge,

MACHADO, L. C. P. **Pastoreio Racional Voisin: tecnologia agroecológica para o terceiro milênio**. Porto Alegre: Cinco Continentes, 2004.

MARQUES, F. C. **Velhos conhecimentos, novos desenvolvimentos: transições no regime sócio-técnico na agricultura: A produção de novidades entre agricultores produtores de plantas medicinais no sul do Brasil**. Tese (Doutorado do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural – PGDR) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2009 (p 220).

MINAYO, M. C. S (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Ed. Vozes. 1996.

MINAYO, M. C. de S. **Fase de trabalho de campo**. In: O desafio do conhecimento. 7. ed. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-brasco, 2000a. p. 105 - 156.

_____. **Ciência, técnica e arte: o desafio da Pesquisa Social**. In: MINAYO, Maria C. de S. (org) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2000b. p. 09-29. 2001. 293 p.

MST. Setor de Produção Cooperação e Meio Ambiente. **Programa de Formação para a cooperação e Organização dos Assentamentos**. Cartilha e Apoio 2, São Paulo: 2008.

PLOEG, J. D. **Camponeses e Impérios Alimentares**: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

_____. **Sete teses sobre a agricultura camponesa**. In: Agricultura familiar camponesa na construção do futuro / Paulo Petersen (org). Revista Agriculturas: experiências em Agroecologia. Edição Especial. Rio de Janeiro: ASPTA, 2009.

PRIMAVESI, A. **Manejo Ecológico do Solo**: a agricultura em solos tropicais. São Paulo: Nobel, 1979.

RAMBO, B. S. J. **A fisionomia do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. Livraria Selbach, 1956.

REVISTA AGRICULTURA SUSTENTÁVEL. **Da agricultura alternativa à agroecologia**: para além das disputas conceituais. Jaguariúna, v.3, n. 1/2, 1996.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria Estadual de Meio Ambiente. Departamento de Recursos Hídricos. **Bacias Hidrográficas do estado do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: 2008. Disponível em: www.sema.rs.gov.br. Acessado em 09/03/2009.

_____. Secretaria de Coordenação e Planejamento. **Atlas sócio-econômico do estado do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: 2005. Disponível em: <http://www.scp.rs.gov.br/atlas>. Acessado em 09/03/2009.

_____. Instituto de Pesquisas Agronômicas. **Atlas agroclimático do estado do Rio Grande do Sul**. Seção de Ecologia Agrícola. IPAGRO: Porto Alegre, 1989. 3 v.

SAHLINS, M. **Cultura e Razão prática**. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 1979.

SAMPAIO, P. A. **A questão agrária brasileira e a luta pelo socialismo**. Texto apresentado na Conferência Estadual de Reforma Agrária em Setembro, 2001. (cópia xerográfica).

SOUZA, J. M. Percepção **ambiental dos citricultores ecológicos da cooperativa ECOCITRUS – Vale do Caí / RS**. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural – PGDR) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2009 (p 134).

STÉDILE, J. P. **Agroecologia e os movimentos sociais no campo**. In: Agricultura familiar camponesa na construção do futuro / Paulo Petersen (org). Revista Agriculturas: experiências em Agroecologia. Edição Especial. Rio de Janeiro: ASPTA, 2009

VELHO, O. **Por que se migra na Amazônia**. Revista Ciência Hoje, vol 2 / n. 10, fevereiro de 1984.

VERAS, M. M. **Agroecologia em assentamentos do MST no Rio Grande do Sul**: entre as virtudes do discurso e os desafios da prática. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós Graduação em Agroecossistemas) – Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

WANDERLEY, M. N. B. **O Agricultor Familiar no Brasil**: um ator social da construção do futuro. In: Agricultura familiar camponesa na construção do futuro / Paulo Petersen (org). Revista Agriculturas: experiências em Agroecologia. Edição Especial. Rio de Janeiro: ASPTA, 2009

WOORTMANN E. F. & WOORTMANN, K. **O trabalho da terra: a lógica e a simbólica**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 1997.

Anexos

Anexo I: Roteiro de entrevista com o grupo – Histórico, vivências e concepções.

Parte I: Histórico

- Acampamento: todos do grupo estavam juntos? Como era o acampamento?
- ASSENTAMENTO (local, geografia, fertilidade, etc.)
- Ano de chegada no assentamento
- Falar sobre a chegada no assentamento: as questões produtivas, dificuldades, assistência técnica, as lideranças.
- Quando começam as discussões (idéia) sobre a produção de hortaliças?
- Onde entra a discussão sobre agroecologia? Sempre foi agroecológico / orgânico?
- O que motivou, quem?
- como era a relação com as instâncias? (direção, assent., região)
- Quantas famílias começaram? Quais instituições estavam envolvidas? (assist. técnica?)
- Recursos (havia?) Cursos, formações?
- Dificuldades encontradas. - Comércio / mercado.
- O que era produzido? Como? (De forma geral)

Parte II: Atualidade

- São quantas famílias hoje?
- Falar sobre a organização/trabalho do grupo.
- Como é realizado o trabalho? Individual, coletivo?
- Como esta hoje a questão dos agrotóxicos e adubos solúveis no assentamento?
- A discussão/prática sobre agroecologia?
- Relação com o assentamento/região?
- Falar sobre as feiras de comercialização: local, frequência, tipo de consumidores, preço, produtos, outros agricultores.
- Produtos comercializados.
- Produtos agroecológicos e consumidores,: falar sobre suas percepções.
- Aspectos positivos, aspectos negativos.

- Falar sobre as outras atividades de produção dentro do assentamento.

Anexo II: Roteiro de entrevista com as famílias – Trajetória, conceitos, produção e ambiente natural na unidade produtiva.

Parte I: Trajetória

- Fazer um histórico desde o período que precedeu a entrada no MST
- Falar sobre a região de onde vêm, o que produziam, como produziam, diferenças de hoje.
- Falar sobre o acampamento: os espaços de discussão e vivência, os projetos de como iriam produzir, diferenças de hoje.
- Quando entra a agroecologia? Motivos, as pessoas envolvidas (técnicos, lideranças)
- E o contato com uso de agrotóxicos e adubos solúveis?
- A orientação das lideranças para as questões produtivas
- A importância da agroecologia?
- O que é agroecologia?
- Recursos naturais na propriedade
- Infra-estrutura social e produtiva (água, luz, esgoto, moradia, máquinas e equipamentos, etc.)
- As discussões dentro do MST (sobre agroecologia)
- O que produzem (variedades), em que quantidade? (de forma geral)
- Mudas
- Planejamento da produção.
- divisão do trabalho familiar.
- Falar sobre a assistência técnica.
- Influências na alimentação da família.

Parte II: Manejo do solo e práticas adotadas no tempo

1) Preparo do solo:

Primeiros Dez Anos (1989 - 1999)

Aração: S () N () Gradagem: S () N () Enxada

rotativa: S () N ()

Plantio Direto: S () N () Cultivo mínimo: S () N ()

Outros (discriminar):

2000 – 2005

Aração: S () N () Gradagem: S () N () Enxada

rotativa: S () N ()

Plantio Direto: S () N () Cultivo mínimo: S () N ()

Outros (discriminar):

2006 - 2009

Aração: S () N () Gradagem: S () N () Enxada

rotativa: S () N ()

Plantio Direto: S () N () Cultivo mínimo: S () N ()

Outros (discriminar):

2) Adubação:

Primeiros Dez Anos (1989 - 1999)

Química / Sintética: S () N () Qual?

Orgânica: S () N () Qual?

2000 – 2005

Química / Sintética: S () N () Qual?

Orgânica: S () N () Qual?

2006 - 2009

Química / Sintética: S () N () Qual?

Orgânica: S () N () Qual?

3) Outras práticas:

Primeiros Dez Anos (1989 - 1999)

Agrotóxicos? S () N () Qual?

Caldas, Biofertilizantes? S () N () Quais?

Cobertura do solo? S () N () Que tipo?

Adubação verde? S () N ()

Consórcios? S () N () Quais?

Irrigação? S () N ()

2000 – 2005

Agrotóxicos? S () N () Qual?

Caldas, Biofertilizantes? S () N () Quais?

Cobertura do solo? S () N () Que tipo?
Adubação verde? S () N ()
Consórcios? S () N () Quais?
Irrigação? S () N ()

2006 - 2009

Agrotóxicos? S () N () Qual?
Caldas, Biofertilizantes? S () N () Quais?
Cobertura do solo? S () N () Que tipo?
Adubação verde? S () N () Quais?
Consórcios? S () N () Quais?
Irrigação? S () N ()

Anexo III: ROTEIRO e ENTREVISTA com técnicos - Histórico e atualidade da produção orgânica no assentamento a partir da visão da assistência técnica.

Parte I: Histórico

- Como iniciou a produção (idéia) de hortaliças no assentamento
- Qual a importância da Assistência Técnica na época.
- Quais eram as concepções de agroecologia e meio ambiente
- Quais as dificuldades encontradas pelos assentados e pela equipe técnica na época.
- Como era a participação dos jovens
- Qual o método adotado pela Assistência técnica
- Como era feita a comercialização
- Recursos naturais no assentamento na época

Parte II: Atualmente

- O que caracteriza (característica forte, marcante de manejo) cada família? (Descrever família por família).
- Apresentar as diferenças e semelhanças entre eles.
- Daria pra apontar quais motivos vc acredita que tenham levado eles a adotarem um ou outro manejo? Ou mudar o manejo no tempo?
- Renda. Tens idéia do quanto compõe? Horta, trabalho fora?
- Como é a questão do trabalho da juventude? E o envelhecimento (já dá pra considerar)?
- Qual é a avaliação geral sobre essa atividade hoje e a atuação da equipe técnica?

Anexo IV: Atualização de dados

Parte I: Geral e percepção ambiental

- Organização do trabalho na propriedade (quantos trabalham, qual tempo dedicam, quem define)
- De onde vem a alimentação da família.
- Como é a relação com os vizinhos?
- Quando e razões (influências de grupos, pessoas, etc) para a entrada na Agricultura Orgânica. Porquês!
- Principais dificuldades do processo de transição e da proposta agroecológica
- Comparação entre o sistema anterior e o agroecológico/orgânico. O que mudou no manejo do começo pra cá.
- O que mais e motiva a continuar com este sistema de produção.
- Perspectivas futuras quanto à proposta agroecológica/orgânica.
- O que é agroecologia pra vc? E meio ambiente?

Parte II: Manejo e Comercialização

1) Principais produtos/destino/uso da terra:

Área total propriedade: ha

Produtos principais e Área (há):

Produção anual (kg, litr., unid.):

Principais canais de comercialização:

Área e Manejo de:

- Mata nativa
- Reflorestamento
- Capoeira
- **Fontes de água**

2) Manejo adotado atualmente

Uso de insumos:

Adubo Orgânico (composto, húmus, biofertilizantes, etc)

Caldas e outros (controle de insetos e doenças)

Semente / Muda

Máquinas:

Destino do dejetos (rejeitos):

Manejo:

- Preparo do solo:
- Uso de consórcios e rotação de culturas:
- Controle de insetos, inços, doenças (vegetais/animais):
- Água de irrigação:

Porque da adoção do manejo descrito?**3) Questões:**

- Renda bruta (ou líquida) anual:
- Principal (s) produto (s) responsável (s) pela maior fonte de renda da propriedade:
- Uso de crédito agrícola e assistência técnica:

Anexo V: Termo de doação**TERMO DE DOAÇÃO**

Pelo presente documento, cedo, a Fernanda de Queiroz Miranda, educanda do curso de especialização em Agroecologia do Programa de Pós Graduação em Agroecossistemas da Universidade Federal de Santa Catarina, todos os direitos de uso e divulgação que me corresponderem, do conteúdo das gravações digitais e transcrição literal da mesma bem como dos questionários aplicados.

A entrevista foi realizada pelo pesquisador, Fernanda de Queiroz Miranda, com o senhor (a) _____, no dia ____/____/____, na cidade de Nova Santa Rita/RS.

Declaro também que, pela natureza do trabalho apresentado, o conteúdo das gravações e questionários pode ser consultado sem restrições por pessoas qualificadas e devidamente credenciadas, a partir desta data.

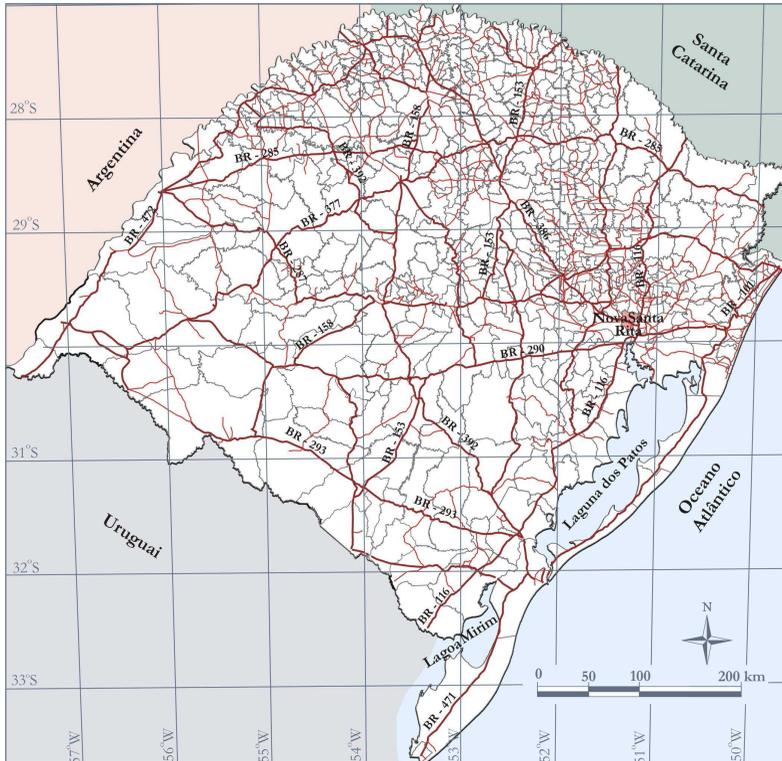
Florianópolis, ____ de _____ de 2010.

Entrevistado e doador

Entrevistador

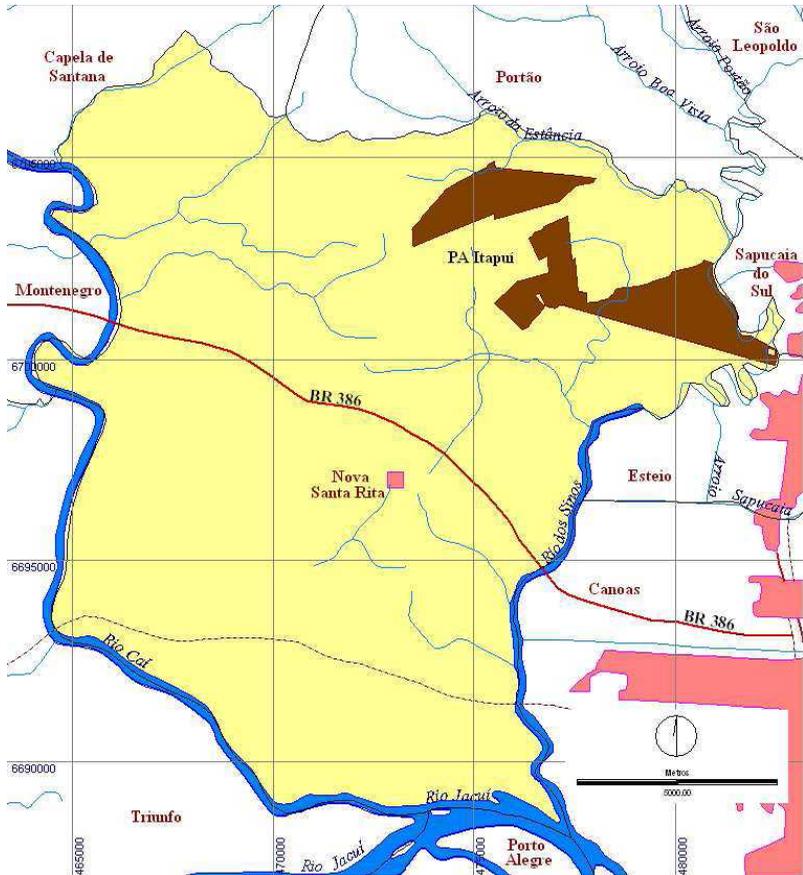
Testemunha

Anexo VI: Mapa de localização do município de Nova Santa Rita no Estado do Rio Grande do Sul.



Fonte: BRASIL, 2008.

Anexo VII: Mapa de localização do Assentamento Itapuí no município de Nova Santa Rita / RS.



Fonte: BRASIL, 2008.